

Fabíola Carolina de Souza

Entre bandidos e vítimas:

As representações no Itatiaia Patrulha

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Comunicação Social

Área de Concentração: Comunicação e Sociabilidade Contemporânea

Linha de pesquisa: Processos Comunicativos e Práticas Sociais

Orientadora: Prof^a Dr^a Vera R. Veiga França

Belo Horizonte
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG
2014

301.16 Souza, Fabiola Carolina de
S729e Entre bandidos e vítimas [manuscrito]; as
2014 representações no Itatiaia Patrulha / Fabiola Carolina de
Souza. - 2014.
148 f.
Orientadora: Vera Regina Veiga França.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Minas
Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

1 Comunicação – Teses. 2 Cultura popular - Teses.
3 Radialismo – Teses. I França, Vera Veiga, 1951-
II Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de
Filosofia e Ciências Humanas. III Título.

“Entre bandidos e vítimas: as representações no Itatiaia Patrulha”

Fabíola Carolina de Souza

Dissertação defendida e aprovada pela banca examinadora constituída pelos professores:



Profa. Dra. Vera Regina Veiga França
Orientadora - UFMG



Profa. Dra. Graziela Valadares de Mello Vianna
UFMG



Profa. Dra. Marta Regina Maia

UFOP

Programa de Pós-graduação em Comunicação Social
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Universidade Federal de Minas Gerais
Belo Horizonte, 28 de janeiro de 2014.

Agradecimento

A dissertação exigiu dedicação, compromisso, muita leitura e tempo. Um trabalho de pesquisa árduo e, muitas vezes, solitário, mas que, ao mesmo tempo, revelou que eu não estava sozinha. Nestes dois anos, encontrei pessoas que, de uma forma ou de outra, contribuíram para este trabalho. Algumas ajudaram com o processo de escrita, indicaram referências, sugeriram caminhos, compartilharam ideias. Outras, no entanto, pouco sabiam sobre o que eu escrevia, mas foram essenciais, por seu apoio, carinho, amizade, escuta. É por isso que, terminada a dissertação, afirmo, com toda a certeza, que este trabalho só foi possível, porque teve a colaboração de muitas pessoas e a todas elas é preciso agradecer.

Agradeço à minha orientadora, Vera, que esteve presente não só no decorrer deste trabalho como também na graduação. Obrigada Vera, pelo apoio, pela confiança, pelo carinho, pelo cuidado com meu trabalho e também por me acolher no Gris (Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade).

Aos colegas e professores do Gris, agradeço a acolhida, o apoio, o aprendizado. Obrigada por me fazerem sentir parte deste grupo de pesquisa, que também é uma grande família.

Aos professores do PPGCOM, agradeço pela recepção no programa, pelo incentivo, pelo cuidado, pelo conhecimento compartilhado. De modo especial agradeço ao Márcio, que fez o parecer do meu projeto de pesquisa e à Angela e Grazi, que participaram da minha banca de qualificação. Vocês contribuíram muito para este trabalho e agradeço não só o cuidado que tiveram com ele, como também o carinho que tiveram comigo desde a graduação.

Aos colegas do mestrado, agradeço pelas conversas, sugestões, pela amizade. De modo especial, agradeço ao Daniel e Leandro, que acompanharam tão de perto o meu trabalho e me apoiaram sempre. Muito obrigada.

À Capes, agradeço pela bolsa, que possibilitou a dedicação exclusiva à pesquisa.

Agradeço também aos meus amigos: Maristas, amigos da faculdade, da catequese, amigos de toda uma vida, obrigada por estarem ao meu lado. Agradeço pela amizade, torcida, pelas orações.

À minha família, agradeço pelo amor, pela compreensão, por serem meu porto seguro. Agradeço aos meus pais, Mário e Catarina, por sempre me incentivarem a estudar, por acreditarem em mim, por estarem ao meu lado. Aos meus irmãos, Fabiana e Davi, agradeço

pela confiança, pela paciência, pelo amor. Aos meus avós, tios, tias, primos e primas, agradeço o apoio e a torcida.

Ao meu namorado Dirceu, agradeço por estar ao meu lado. Obrigada por me apoiar, escutar e por sempre acreditar em mim. Obrigada pelas vezes que você abriu mão do nosso tempo juntos, para que eu pudesse estudar.

Enfim, agradeço a Deus, pois sem Ele nada disso seria possível.

Resumo

Este trabalho tem como objetivo central identificar como é feita a construção do bandido e da vítima no radiojornal *Itatiaia Patrulha*. Para o estudo do programa, nos afastamos da perspectiva sensacionalista e identificamos o *Itatiaia Patrulha* como um radiojornal popular, que traz vários traços da cultura popular em sua narrativa jornalística. Discutimos sobre a relação entre mídia e violência e mais especificamente sobre seu papel enquanto fomentadora de representações acerca da violência. Nosso estudo também traz um breve panorama sobre a história do radiojornalismo no Brasil e em Minas Gerais e aborda as características e linguagem radiofônica. As noções de interação, performance, enquadramento e footing também foram importantes para nossa análise, na medida em que nos ajudaram a identificar o papel do bandido e da vítima no programa, bem como os valores presentes no *Itatiaia Patrulha*. Escolhemos analisar uma semana do radiojornal, de 22 a 26 de abril de 2013. Nossa análise foi dividida em dois eixos: análise de conteúdo, na qual mapeamos os programas e análise aprofundada, na qual selecionamos seis casos e buscamos identificar como a narrativa do programa posiciona seus entrevistados e ouvintes.

Palavras chave: Cultura Popular. Enquadramento. Performance. Radiojornalismo Policial. Representação.

Abstract

The aim of this work is to investigate the construction of the villain and victim in Itatiaia Patrulha. For the study of the program, we don't adopt the sensationalist perspective but we identify the Itatiaia Patrulha as a popular radiojournal, which brings several elements of popular culture in its journalistic narrative. We discuss the relationship between media and violence and more specifically its role as a developer of representations of violence. Furthermore, our study provides a brief overview of the history of radio journalism in Brazil and in the state of Minas Gerais. We also discuss about the features and radio language. The notions of interaction, performance, framing and footing were important to our analysis, because they helped us to identify the role of villain and victim in the program as well as the values present in Itatiaia Patrulha. We chose to analyze five programs in the period from 22 to 26 April 2013. We organized the analysis in two axes: content analysis, in which we mapped the program and depth analysis, in which we chose six cases with the goal to understand how the journalistic narrative offers placements to their listeners and interviewed.

Keywords: Popular Culture. Frame. Performance. Police radiojournalism. Representation.

Sumário

Introdução	08
1. A festa do popular	12
1.1 Cultura popular.....	15
1.2 Ser popular é ser sensacionalista?	19
1.3 Melodrama, folhetim e fait divers.....	22
1.3.1 O que é notícia no jornalismo popular	26
2. Mídia e representações da violência	31
3. Nas ondas do Itatiaia Patrulha	39
3.1 Rádio, uma invenção que também é brasileira	39
3.2 O rádio conquista o Brasil	41
3.3 Entre a informação e a dramaticidade: a era de ouro do rádio	43
3.4 Criminalidade em pauta	46
3.5 Características e linguagem radiofônicas	49
3.6. Itatiaia: um novo modo de fazer rádio	55
3.6.1 Itatiaia Patrulha: se você não quer aparecer não deixe que o fato aconteça	58
4. Desenho Analítico	61
4.1 Interação, performance e enquadramento	61
4.2 Metodologia	71
4.2.1 Corpus	71
4.2.2 Instrumentos de Análise	71
5. Análise	74
5.1 Mapeamento do programa	74
5.2 Análise em profundidade	84
5.2.1 Usando o nome de Deus em vão	85
5.2.2 Acredite se quiser	92
5.2.3 Um tapa na cara da sociedade	101
5.2.4 Polícia faz sapeca ia-ia e derruba Terê	108
5.2.5 Polícia aperta o cerco e manda recado para a turma da bandidagem	114
5.2.6 Do justiceiro ao traidor: as manifestações dos guardas municipais	120
5.3 Narrativa, representações e valores no Itatiaia Patrulha	132
5.3.1 Valores	135
5.3.2 Bandidos, vítimas e heróis: quem é quem nessa história?	137
Considerações finais	144
Referências	145

Introdução

É ao som de sirenes e trilha sonora de suspense que começa o radiojornal *Itatiaia Patrulha*. Uma voz grave e eloquente entra no ar e anuncia aos ouvintes a primeira reportagem. Assassinatos, assaltos, tráfico de drogas: a violência é o tema principal do programa. Para cada caso, o apresentador Laudívio Carvalho tem uma opinião e expressa, sem cerimônia, sua revolta, indignação, cobrando por justiça e convocando o ouvinte a também se indignar com a insegurança e a violência da cidade.

No ar desde 05 de julho de 1975, o *Itatiaia Patrulha* é veiculado pela *Rádio Itatiaia* de segunda a sábado, de 17 horas às 17h55, sendo um dos líderes de audiência do horário. O programa, de cunho policial, tem como foco assuntos relacionados principalmente à segurança pública, sendo que as reportagens trazem não só a perspectiva de fontes oficiais, como policiais, como também dão voz às vítimas, acusados e testemunhas das ocorrências.

Um ponto que sempre nos chamou a atenção ao escutar o *Itatiaia Patrulha* é o tratamento dado aos fatos e aos entrevistados. O programa não só relata os acontecimentos, como também busca trazer a público as emoções dos envolvidos em cada caso, mostrar quem são aqueles indivíduos, o que sentem, suas motivações. Entrevistando vítimas, acusados, testemunhas ou policiais, os repórteres buscam traçar uma espécie de biografia das “personagens” principais, revelando detalhes de sua vida pessoal. Olhando para esta construção narrativa construída para envolver os ouvintes, chamar sua atenção para o que é narrado, e que tem na dramaticidade seu ponto de partida, nos questionamos então sobre o tratamento que o programa dá a seus entrevistados, de modo especial às vítimas e acusados, sendo este o principal objetivo de nosso estudo: entender como se dá a construção do bandido e da vítima no *Itatiaia Patrulha*.

Nossa escolha pelo programa também se justifica pelo nosso interesse pela pesquisa em rádio. Apesar de já ter tido sua morte decretada tantas vezes, este meio tem grande importância no cenário nacional, sendo, de acordo com dados do Governo Federal¹, o segundo meio de comunicação mais utilizado pelos brasileiros, estando presente em 80% das casas dos entrevistados. Tal relevância, porém, é muitas vezes negligenciada, pois percebemos que o rádio ainda tem pouco espaço nas pesquisas comunicacionais, sendo as

¹ A Pesquisa *Hábitos de Informação e Formação de Opinião da População Brasileira* foi realizada em 2010 e aplicada em uma amostra de 12.000 domicílios, totalizando a realização de 12.000 entrevistas em 930 pontos amostrais (setores censitários), de 540 municípios em todos os Estados da Federação. Disponível em: <<http://www.secom.gov.br/pesquisas/2010-12-habitos-ii/2010-12-habitos-de-informacao-e-formacao-de-opiniao-da-populacao-brasileira-ii.pdf>>. Acesso em: 06 de novembro de 2012.

produções sobre o veículo muito mais voltadas para seu fazer técnico, por meio da elaboração de manuais ou para recontar sua história. Encontramos também publicações que abordam o futuro do rádio, sua relação com as novas tecnologias, mas nos inserimos nos estudos que abordam o rádio a partir de uma visão relacional de comunicação, que extrapole o funcionamento técnico do rádio e centre-se nas relações estabelecidas ali, no modo como os sujeitos se relacionam no processo de produção do programa de rádio. Neste contexto, acreditamos que o estudo do *Itatiaia Patrulha* é relevante, na medida em que nos permite refletir a partir de um olhar relacional, ou seja, centrado nas relações estabelecidas pelos sujeitos em interação, sobre a construção narrativa radiofônica e sobre as especificidades de sua linguagem.

Destacamos também a inserção deste esse trabalho no âmbito do Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade (GRIS/UFMG), do qual fazemos parte. Há alguns anos, o GRIS desenvolveu um projeto de pesquisa sobre programas populares na televisão, sendo um dos resultados deste período duas dissertações sobre telejornais policiais (LANA, 2007²) e (CAMPELLO, 2008³) e uma sobre jornais populares, mais especificamente os jornais mineiros Super Notícias e Aqui (MIRANDA, 2009⁴). Agora nos propomos a pensar um programa de radiojornalismo policial, o que contribuirá não só para os estudos do grupo sobre programas populares, como também para estimular outras reflexões a respeito do rádio.

Nosso trabalho é dividido em cinco capítulos, sendo que os quatro primeiros integram nosso referencial teórico-metodológico. Ao lidar com momentos de sofrimento das pessoas e trazer os sentimentos e emoções para a reportagem, programas como o *Itatiaia Patrulha* são comumente associados ao sensacionalismo, sendo este conceito usado pelo senso comum como sinônimo de exploração dos fatos e dramas humanos. É por isso que, no capítulo 1, nos propomos a discutir a noção de sensacionalismo e cultura popular, pois acreditamos que pensar o nosso objeto como um programa de jornalismo popular é enriquecedor, na medida em que o conceito de sensacionalismo é generalizado e não dá conta das características do *Itatiaia Patrulha*. Nossa discussão de cultura popular tem como base o pensamento de Mikhail Bakhtin (2008), que estuda o popular no Renascimento e Idade Média, de Stuart Hall (2003), que pensa a cultura popular em relação às classes trabalhadoras e de Roger Chartier (2003), que identifica a presença do popular na cultura escrita.

² Trabalho intitulado *Telejornalismo dramático e vida cotidiana: Estudo de caso do programa Brasil Urgente*.

³ Trabalho intitulado *Novo olhar sobre os telejornais policiais: Interação pelo Formato*.

⁴ *Aqui uma Super Notícia: os lugares do leitor em dois jornais populares*.

Já no capítulo 2, discutimos sobre a relação entre mídia e violência. Neste capítulo trazemos nosso entendimento sobre violência, partindo principalmente da perspectiva de Yves Michaud (1989), que entende a violência de modo mais amplo ao relacioná-la não somente ao dano à integridade física, mas também aos danos que afetam os bens materiais dos indivíduos e seu direito de expressar opiniões, ideias, crenças e sua cultura. Discutimos também a relação entre a mídia e a violência, buscando entender seu papel como fomentadora de representações acerca da violência. Para isso, partimos principalmente dos estudos de Elizabeth Rondelli (1995,1996,1998), Marcia Perencin Tondato (2007) e Maria Stela Grossi Porto (2009).

Visando compreender nosso objeto e contextualizá-lo, apresentamos no capítulo 3 um breve panorama do radiojornalismo policial no Brasil e sua inserção na história do rádio. Além disso, traçamos um breve contexto do desenvolvimento do rádio mineiro e discutimos sobre as principais características do rádio e da linguagem radiofônica. Já no capítulo 4, apresentamos os aportes teóricos que nos ajudaram a compreender como se dá a construção dos bandidos e das vítimas no programa, a partir da análise das interações entre repórteres e entrevistados. Para isso, partimos das concepções de interação de G. H. Mead, Simmel e Goffman (1999) e do conceito de performance, com base nas ideias de Goffman (1975), Carlson (2006) e Schechner (2003). Discutimos também os conceitos de enquadramento e *footing*, importantes para nosso estudo, na medida em que nos permitiram compreender como o programa constrói sua narrativa a partir da seleção dos fatos, de falas, dos sons e como a narrativa posiciona os atores sociais envolvidos e também como estes se posicionam no decorrer da interação.

Também neste capítulo indicamos nossa metodologia, que consistiu no acompanhamento e análise de uma semana do *Itatiaia Patrulha*. Escolhemos o período de 22 a 26 de abril de 2013, sendo que nesta semana o programa veiculou 25 notícias, incluindo reportagens, notas, coberturas e entrevistas no estúdio. Nossa análise foi dividida em duas partes: análise de conteúdo e do posicionamento dos sujeitos. Na análise de conteúdo, mapeamos os principais temas abordados pelo programa e pudemos identificar quantos e quais crimes foram retratados, quem foram os entrevistados, traçando assim um panorama geral da semana a partir do material coletado. Já na análise dos posicionamentos dos sujeitos envolvidos na narrativa radiofônica, buscamos identificar o posicionamento do repórter, dos entrevistados, do locutor e o lugar ocupado pelos ouvintes. Além disso, buscamos compreender como foi feita a caracterização dos crimes.

Por fim trazemos, no capítulo 5, nossa análise dos programas. A análise de conteúdo nos deu um panorama geral do programa a partir do mapeamento de 20 reportagens

selecionadas. Feita a análise de conteúdo, partimos então para a análise aprofundada de cinco reportagens e do estudo de caso das manifestações dos guardas municipais. A partir dela pudemos identificar quais representações do bandido e da vítima emergiram na narrativa, além de perceber como o programa enquadra os fatos e posiciona os entrevistados e ouvintes na narrativa.

1. A Festa do popular

Pensar a comunicação é também pensar a cultura. Os meios de comunicação, as práticas comunicativas não só atualizam e reproduzem a cultura, como a renovam e recriam. Diante disso, acreditamos que o estudo do radiojornal *Itatiaia Patrulha* deve considerar o contexto cultural em que o programa está inserido, pois tal contexto nos ajuda a compreender como os valores, papéis e representações apresentados pelo programa se configuram e reconfiguram, alimentando e conferindo parâmetros às práticas comunicativas que serão analisadas.

Nossa discussão de cultura começa pela definição do termo. Segundo Raymond Williams (1979), importante pesquisador dos Estudos Culturais britânicos, ao longo da história, a palavra “cultura” foi assumindo, no idioma inglês, novos e importantes significados. Até o século XVIII, cultura significava o crescimento e o cuidado de colheitas e animais e também o crescimento e cuidado das faculdades humanas. Com o surgimento, no século XVIII, da noção de civilização - que significava não só o oposto a barbárie, como também um estado realizado de desenvolvimento, que implicava processo histórico e progresso – o termo cultura é associado a ele, principalmente pela noção de cultivo, sendo ambos considerados termos intercambiáveis até os fins do século XVIII. As críticas ao termo “civilização” que começam por Rousseau e se estendem até o movimento romântico, fazem com que o termo cultura assuma um novo significado. Primeiro, ele é associado ao processo geral de desenvolvimento íntimo e relacionado às necessidades e impulsos humanos, sendo a cultura aproximada da religião, arte, família e vida social, enquanto a noção de civilização se refere às propriedades externas (polidez, luxo). Pouco tempo depois, a ênfase religiosa diminui e a ideia de cultura volta-se mais especificamente para a de arte e literatura, assumindo um caráter mais subjetivo e abstrato.

Cultura, ou mais especificamente “arte” e “literatura” (em si mesmas dotadas de uma generalização e uma abstração novas) eram consideradas como o registro mais profundo “do espírito humano”. A cultura foi então e imediatamente a secularização e liberalização de formas metafísicas anteriores. Seus agentes e processos eram claramente humanos e foram generalizados como formas subjetivas, mas certamente quase-metafísicas – “imaginação”, “criatividade”, “inspiração”, “estético” [...]. (WILLIAMS, 1979, p. 21)

Com o desenvolvimento da sociedade industrial, surgem novos conflitos sociais e políticos, como também a necessidade de encontrar novas formas para se pensar a cultura. Esta não podia mais ser vista apenas como uma produção das elites, como algo único ou como se os produtos culturais fossem revestidos de uma aura. O desenvolvimento das ciências

humanas contribui para a origem de um sentido social de cultura. Segundo Heder (*apud* WILLIAMS), seria então necessário falar não mais de cultura, mas de culturas, levando-se em conta, dentro de qualquer cultura, a complexidade e variedade das formas que a compõem. Williams afirma que tal concepção, fundamentada na ideia da cultura como um processo modelador de “modos de vida” específicos e distintos, é a origem efetiva do sentido social comparativo de cultura e de seu plural, culturas.

A partir deste breve panorama percebemos como o termo “cultura” é complexo e se transforma para acompanhar as novas demandas da vida social, política e econômica. Entre o século XVIII e XIX, Williams identifica pelo menos quatro mudanças significativas no sentido da palavra:

[...] ela significava, primordialmente, a “tendência a crescimento natural” e depois, por analogia, a um processo de treinamento humano. Mas esse último uso, que tinha normalmente sido uma cultura *de algo* foi modificado, no século XIX, para cultura como tal, uma coisa em si mesma. Veio a significar primeiramente, “um estado geral ou hábito da mente”, tendo relações muito próximas com a ideia de perfeição humana. Segundo, passou a significar “uma situação geral de desenvolvimento intelectual em uma sociedade como um todo”. Terceiro, passou a significar “o corpo geral das artes”. E quarto, já mais tarde, nesse mesmo século, passou a significar “todo um modo de vida, material, intelectual e espiritual” (WILLIAMS, 2011, p. 18)

Tais transformações no conceito revelam a importância de pensar a cultura não como algo à parte, mas imbricada no mundo da vida, influenciando e sendo influenciada pela vida social, pelas mudanças econômicas, políticas, históricas. Para Williams (2011), tal relação é tão importante, a ponto do conceito de cultura poder ser usado como uma espécie de mapa de exploração destas mudanças. Tal pensamento é desenvolvido em sua obra “Cultura e Sociedade” que, em conjunto com a obra “As utilizações da Cultura”, de Richard Hoggart, marca o início de uma nova perspectiva cultural, dando início aos Estudos Culturais britânicos.

Enquanto Hoggart lança o olhar sobre as classes trabalhadoras, buscando identificar os valores e significados incorporados nos padrões e estruturas da cultura daquela classe, sem com isso cair no debate cultural em torno da ideia de alta e baixa cultura, Williams pensa a relação entre cultura e sociedade, identificando o potencial do conceito de cultura na leitura e exploração das mudanças sociais, políticas e econômicas. Pouco tempo depois, outra obra se destaca, ganhando o status de um dos textos-seminais dos Estudos Culturais. Assim como as obras de Hoggart e Williams, “A formação da classe operária inglesa”, de Edward Thompson, tem como pano de fundo a historiografia marxista inglesa e a história econômica e do trabalho. No entanto, Thompson relaciona a cultura à consciência e experiência, enfatizando o lugar de agenciamento dos indivíduos, que segundo ele experienciam sua condição de classe a

partir de determinadas situações, sendo estas situações importantes para a edificação de seu cotidiano.

Outra obra importante para os Estudos Culturais é “The long Revolution”. Nela, Willians apresenta duas formas de conceituar a cultura. A primeira relaciona a cultura com o domínio das ideias e ao modo pelo qual as sociedades refletem e dão sentido às suas experiências. Já a segunda ênfase, mais antropológica, relaciona cultura às práticas sociais, sendo a teoria da cultura definida como o estudo das relações entre elementos de um modo de vida global, ou seja, a cultura passa a ser vista não como uma prática, nem apenas como a soma descritiva dos costumes e culturas populares das sociedades, mas perpassada pelas práticas sociais, constituindo a soma de inter-relacionamento das mesmas. (HALL, 2003)

A obra recebe muitas críticas, sendo revisada por Thompson que faz duras cobranças a Willians “por seu modo evolucionista de conceber a cultura como ‘uma forma inteira de vida’; por sua tendência a absorver os conflitos entre as culturas de classe aos termos de uma conversação ampliada; por seu tom impessoal – acima das classes concorrentes, [...] e pelo alcance imperializante de seu conceito de cultura” (Hall, 2003, p.140) que abarcaria tudo em sua órbita. Tal revisão contribuiu para que Willians repensasse sua concepção de cultura, o que originou um novo paradigma para os Estudos Culturais, o paradigma culturalista⁵, que vigorou durante alguns anos.

Para o paradigma culturalista, a cultura se entrelaça a todas as práticas sociais, sendo estas práticas uma forma comum de atividade humana, na qual homens e mulheres constituem a história. Assim, a cultura passa a ser definida não só como

os sentido e valores que nascem entre as classes e grupos sociais diferentes, com base em suas relações e condições históricas, pelas quais eles lidam com suas condições de resistência e respondem a estas; e também como as tradições e práticas vividas através das quais esses “entendimentos” são expressos e nos quais estão incorporados. (HALL, 2003, p.142)

A cultura assume assim um importante papel no entendimento das relações humanas, da forma como as pessoas vivem, no modo como enfrentam a realidade social. Neste paradigma, a experiência assume um papel fundamental para qualquer análise cultural, pois o que interessa aos culturalistas é perceber para onde e como as pessoas experimentam suas condições de vida, como as definem e a ela respondem. “Na experiência todas as práticas se entrecruzam, dentro da cultura todas as práticas interagem – ainda que de forma desigual e mutuamente determinante.” (HALL, 2003, p. 143)

⁵ Segundo Hall, a vertente culturalista foi interrompida pela chegada do estruturalismo. As intervenções estruturalistas são amplamente articuladas pelo conceito de ideologia, sendo, segundo Hall, Lévi-Strauss e Althusser referências importantes para o desenvolvimento deste novo paradigma.

Com base neste paradigma, buscaremos no estudo do *Itatiaia Patrulha* perceber como o contexto cultural influencia a interação, a relação estabelecida entre repórteres e entrevistados, a relação que o programa estabelece com seus ouvintes, bem como o tratamento das ocorrências noticiadas. Para isso, voltaremos nossa discussão para a cultura popular, contexto do qual emergem os valores, representações e papéis sociais que orientam e conferem parâmetros às práticas comunicativas estabelecidas no programa. Nossa discussão de cultura popular tem como base o pensamento de Mikhail Bakhtin, que pensa o popular no Renascimento e Idade Média, de Stuart Hall, que pensa a cultura popular em relação às classes trabalhadoras e de Roger Chartier, que identifica a presença do popular na cultura escrita.

1.1 Cultura Popular

Pensar a cultura e as diferentes culturas é algo complexo, sobretudo porque inclui uma visada comparativa, na qual a cultura é muitas vezes polarizada em alta e baixa cultura, ou relacionada a classes específicas, opondo, por exemplo, o que é da elite e o que é do povo. Tentando vencer tais obstáculos, vários estudiosos criam ou se apropriam de metáforas para pensar sobre as mudanças culturais. Uma das mais utilizadas para se pensar a cultura popular é a metáfora do carnaval de Mikhail Bakhtin, que segundo Hall (2003) é “a metáfora da suspensão e inversão temporária e sancionada da ordem, um tempo em que o baixo se torna alto e o alto, baixo, o momento da reviravolta, do “mundo às avessas”.” (Hall, 2003, p. 224). A partir desta perspectiva, o popular é caracterizado pela combinação dos contrários, pelas duplicidades das coisas e da linguagem.

A análise de Bakhtin tem como base a cultura popular cômica na Idade Média e no Renascimento. Neste período, a sociedade era marcada por ritos e festas oficiais de caráter predominantemente religioso, nos quais as comemorações tendiam a consagrar um mundo pré-construído e o modo de viver daquela sociedade.

A festa oficial, às vezes mesmo contra as suas intenções, tendia a consagrar a estabilidade, a imutabilidade e a perenidade das regras que regiam o mundo: hierarquias, valores, normas e tabus religiosos, políticos e morais coerentes. A festa era o triunfo da verdade pré-fabricada, vitoriosa, dominante, que assumia a aparência de uma verdade eterna, imutável e peremptória. Por isso o tom da festa oficial só podia ser o da seriedade sem falha, e o princípio cômico lhe era estranho. (BAKHTIN, 2008, p. 8)

Na festa oficial predominava a ordem, o olhar para o passado de modo a consagrar a ordem social presente. Tais festividades valorizavam os fins superiores da existência humana.

Ao contrário da festa oficial, o carnaval era uma espécie de liberação temporária da verdade dominante, do regime vigente, pois abolia, mesmo que provisoriamente, todas as relações hierárquicas, os privilégios, regras e tabus da época. Para Bakhtin, o carnaval é o ápice do popular, lugar onde a própria vida representa e interpreta, independente de atores, cenários, palcos ou espectadores. O carnaval é o lugar onde a verdadeira natureza humana se manifesta, pois as pessoas deixam de lado a seriedade e o rigor social e dão lugar ao riso, ao cômico, às falhas. Diferentemente da festa oficial, onde as pessoas são identificadas por seus títulos, o carnaval torna todos iguais, reinando ali um contato livre e familiar entre os indivíduos, normalmente separados na vida cotidiana por suas condições sociais e econômicas.

No texto “Para Allon White: metáforas de transformação”, Hall chama a atenção para o fato de que não podemos usar a metáfora do carnaval como uma estrutura binária, onde o alto simplesmente dá lugar ao baixo. Segundo o autor, o carnaval de Bakhtin transgredir essa pureza, ou seja, o baixo invade o alto, mas não impõe uma ordem hierárquica. Não é simplesmente o triunfo de uma estética sobre a outra, mas formas impuras e híbridas do grotesco, que revelam a interdependência entre alto e baixo, sua natureza mista. (Hall, 2003). Assim, a proposta de Hall para se pensar o popular a partir desta perspectiva centra-se em sair dos sistemas binários, pensando o popular não em “termos de qualidade ou conteúdos fixos, mas relacionalmente – como aquelas formas e práticas excluídas do “valorizado” ou do “cânone”, ou opostas a estes, pelo funcionamento de práticas simbólicas de exclusão e fechamento” (Hall, 2003, p. 228).

Seguindo esta mesma linha, Roger Chartier (2003), em seu estudo sobre textos populares, afirma que tanto os bens simbólicos quanto as práticas culturais são objeto de lutas sociais, e por isso estão sujeitos a classificações, hierarquizações, consagrações e desqualificações. Devido a isso, para compreender a cultura popular é necessário situar-se neste espaço de afrontamentos das relações estabelecidas por dois conjuntos de dispositivos:

de um lado, os mecanismos da dominação simbólica que visam a fazer reconhecer pelos próprios dominados as representações e as consumações que, justamente, qualificam (ou melhor, desqualificam) sua cultura como inferior e ilegítima; de outro, as lógicas específicas à obra nos empregos, usos, maneiras de fazer seu o que é imposto. (CHARTIER, 2003, p. 153)

Tanto Hall quanto Chartier reconhecem a cultura como local de embate, um espaço de disputa entre a cultura dominante e a cultura popular. Nessa luta contínua, a cultura dominante tenta desorganizar e reorganizar constantemente a cultura popular. No entanto há formas de resistência, momentos de superação onde a cultura popular vence as lógicas da cultura dominante, ou se apropria delas de forma diferenciada. Como aponta Chartier, “as

formas populares das práticas não se manifestam em um universo simbólico separado e específico; sua diferença sempre é construída através das mediações e das dependências que as ligam aos modelos e normas dominantes”. (CHARTIER, 2003, p. 164). Logo, não é possível pensar na cultura popular de forma separada, mas sim em relação à cultura dominante e aos modelos e normas que esta lhe oferece.

Ao olhar para a cultura popular, e principalmente para seu sistema de imagens, Bakhtin traz uma reflexão importante sobre o grotesco. Segundo o autor, o realismo grotesco inverte a percepção sobre o corpo e sobre a própria sociedade. O espiritual, o ideal, o abstrato, a elevação corporal dá lugar ao baixo corporal, aos membros inferiores. Foca-se não mais nas coisas do alto, no céu, mas na terra, no plano material e corporal. O grotesco pode ser definido então como tudo o que se afasta das regras estéticas pré-estabelecidas, tudo o que contém um elemento corporal e material nitidamente marcado e exagerado. “O aspecto essencial do grotesco é a deformidade. A estética do grotesco é em grande parte a estética do disforme”. (BAKHTIN, 2008, p. 38)

Pensando especificamente sobre o uso do termo “popular”, Hall apresenta três significados principais para o conceito. Segundo o autor, um dos mais conhecidos e usados ainda hoje é o que relaciona o popular aos gostos das massas: “algo é popular porque as massas o escutam, compram, lêem, consomem e parecem apreciá-lo imensamente. Esta é a definição comercial ou de “mercado” do termo” (HALL, 2003, p. 253). No entanto, acreditamos que tal visão de popular é frágil e limitada, na medida em que se baseia exclusivamente no gosto e aceitação das pessoas. Acreditamos que mais do que determinar um público, o popular “qualifica um modo de relação, uma maneira de utilizar os objetos ou as normas que circulam em toda a sociedade, mas que são recebidos, compreendidos e manipulados de diversas formas” (CHARTIER, 2003, p. 152).

Outra visão que, segundo Hall, exige cuidados é pensar a cultura popular como tudo o que o povo faz ou fez. Tal definição é mais descritiva, traduzindo a cultura popular como valores, costumes e mentalidades do povo, ou seja, como tudo o que define seu modo característico de vida. O primeiro problema apontado por Hall em relação a essa definição é que ela seria muito ampla, pois abarcaria quase tudo o que o povo já fez, sendo então difícil distinguir o que não pertenceria à cultura do povo. Além disso, para responder à oposição “pertence ou não pertence ao povo”, esta visão centra-se nas tensões e oposições entre aquilo que pertence ao domínio central da elite e ao domínio da periferia, sendo a cultura então estruturada entre o domínio do popular e do não popular. Além de cair no binarismo, tal visão separa popular do que não é, sem considerar as mudanças que podem ocorrer, ou seja, que o

que hoje é popular, amanhã pode “subir” na escala cultural e ser apropriado pela elite. E o movimento contrário também ocorre, já que o povo pode se apropriar de outros elementos e representações culturais que não lhes são próprios. Assim, para Hall, ao se pensar o popular

o que importa então não é o mero inventário descritivo – que pode ter o efeito negativo de congelar a cultura popular em um molde descritivo atemporal, mas as relações de poder que constantemente pontuam e dividem o domínio da cultura em suas categorias preferenciais e residuais. (HALL, 2003, p. 257)

A terceira definição de popular apontada por Hall - e que adotaremos como base para este estudo - entende o popular a partir da dialética cultural, afirmando que o essencial para a definição de cultura popular são as relações que a colocam em uma tensão contínua de relacionamento, influência e antagonismo com a cultura dominante. Tal concepção considera o domínio das formas e atividades culturais como um campo variável, atentando para as relações que continuamente estruturam esse campo em formações dominantes e subordinadas. Em seu centro estão as relações de forças mutáveis e irregulares que definem o campo da cultura, ou seja, a questão da luta cultural em suas diversas formas. Assim, a partir desta definição,

O significado de um símbolo cultural é atribuído em parte pelo campo social ao qual está incorporado, pelas práticas às quais se articula e é chamado a ressoar. O que importa não são os objetos culturais intrínsecos ou historicamente determinados, mas o estado do jogo das relações culturais: cruamente falando e de uma forma bem simplificada, o que conta é a luta das classes na cultura ou em torno dela (HALL, 2003, 258)

Assim, pensar a cultura popular exige que consideremos as ambivalências e contradições que permeiam os produtos e processos que a estruturam e também o que ela diz das complexas relações estabelecidas pelas pessoas dentro do universo cultural. A partir desta concepção, ao olhar para um produto cultural é importante considerar que o significado dessa forma cultural, o lugar que ocupa no campo cultural não é intrínseco a sua forma, podendo variar, ou seja, o que hoje é considerado popular pode ser reapropriado, mudar de posição, pois “as rupturas culturais de hoje podem ser recuperadas como o suporte para o sistema de valores e os significados dominantes de amanhã. A luta continua: mas quase nunca ocorre no mesmo lugar ou em torno do mesmo significado ou valor” (HALL, 2003, p. 259).

Diante de tudo isso, ao pensar no *Itatiaia Patrulha*, localizamos este radiojornal como uma produção inscrita no terreno da cultura popular, na medida em que ele diz de representações, papéis e valores que são próprios das classes populares. O programa fala do cotidiano de pessoas comuns, dos problemas que enfrentam, diz de sua linguagem e do modo de vida que lhes são próprios. No entanto, por estar localizado em um terreno de embate, ele

também diz da cultura dominante, de normas e padrões sociais que regem a sociedade. A partir disso, nos afastamos então da tendência de muitos estudos do popular associados a uma visão do popular como lugar da não cultura, do mau gosto, do sensacionalismo, o que é um pensamento reducionista das potencialidades destes programas. Como aponta França, o desafio da análise do popular é encontrar parâmetros de apreensão que nos ajudem a compreender sua complexidade, suas ambivalências, suas incoerências.

Os programas populares de TV nos descortinam formas, figuras, valores que rejeitamos - e não sabemos como tratar. Tratá-los enquanto aberração produzida pela mercantilização da cultura é apenas o caminho mais fácil - mas não leva muito longe. Trabalhar os mecanismos de projeção/identificação aí acionados já é meio caminho andado. Mas o grande desafio é entender a sinalização de uma inversão que obscurece as ordens hierárquicas, o quadro de valores, o alto e o baixo, o bom e o mau. (FRANÇA, 2004, p. 15)

Esse é um dos nossos principais desafios, olhar para o *Itatiaia Patrulha* tentando encontrar essas inversões, seus quadros de valores, seus contrastes, sem com isso cair em determinismos, em pré-julgamentos ou preconceitos. Como nossa análise partirá da análise da narrativa jornalística do programa é importante que discutamos sobre a noção de jornalismo popular, tentando compreender seu modo de construção da notícia e identificar suas matrizes culturais. Mas antes disso, cabe uma breve discussão do conceito de sensacionalismo, que no senso comum, tem sido usado como sinônimo de jornalismo popular e mesmo dos programas populares. No entanto, como mostraremos a seguir, acreditamos que o conceito não nos basta para o entendimento do *Itatiaia Patrulha*.

1.2 Ser popular é ser sensacionalista?

Apesar de não ser possível estabelecer um marco inicial da presença do sensacionalismo na imprensa, ainda assim podemos afirmar que o sensacionalismo estava enraizado nela ainda em seus primórdios. Segundo Angrimani (1995), os primeiros jornais franceses surgidos entre 1560 e 1631, como *Gazette de France* e *Nouvelles Ordinaires*, eram semelhantes aos jornais sensacionalistas de hoje e traziam *fait divers* fantásticos e notícias sensacionais. No século XIX, surgem na França os *canards*, jornais populares de uma página, cuja temática de maior sucesso era os *fait divers* criminais: “crianças martirizadas ou violadas, parricídios, cadáveres cortados em pedaços, queimados, enterrados. Assim como eclipses, cometas, grandes catástrofes, tremores de terra, inundações, desastres de trem, naufrágios”. (ANGRIMANI, 1995, p. 19-20).

Segundo Marcondes Filho (1986), nos tempos áureos da imprensa liberal (último quartel do século XVIII até metade do século XIX) a imprensa atuava na vida política do cidadão, auxiliando-o no exercício de seu poder político. A partir da metade do século XIX, ela se transforma de veículo político a empresa com fins lucrativos e passa por mudanças. Diante deste contexto, o sensacionalismo começa a ganhar força. O sensacional passa a vender jornal, sendo a informação sensacionalizada uma das mercadorias do jornal liberal.

Márcia Franz Amaral (2006) aponta inúmeros fatores que também auxiliaram a popularização dos jornais. O aperfeiçoamento das técnicas de impressão, o desenvolvimento dos meios de comunicação como o telégrafo, a expansão dos cabos submarinos, além da criação do sistema público de ensino foram alguns deles. Além disso, muitos jornais deixaram os artigos opinativos de lado e passaram a retratar o cotidiano das classes menos favorecidas, focando suas publicações em temas de interesse humano como relatos detalhados de fatos reais, crimes e dramas familiares.

O interesse das classes populares pelo sensacional, segundo Marcondes Filho, estaria relacionado ao desgaste ocasionado pelo trabalho. “Como a atividade produtiva exige integralmente a atenção e o desgaste físico e emocional do trabalhador no processo de trabalho, este encontraria nos fatos sensacionais o equilíbrio emocional necessário para não entrar em pane”. (MARCONDES FILHO, 1986, p. 88). Diante de tantas cobranças, o trabalhador precisaria de uma pausa para se tranquilizar, para recuperar as forças e enfrentar mais uma vez a jornada de trabalho, e é aí que entraria a função do jornal como lazer. Por isso, os grandes jornais não interessariam a esta parcela da população, pois a grande massa buscaria publicações que mesclariam informação com elementos atrativos e sensacionais, sendo esses dois últimos prioritários.

Pensando na consolidação do gênero sensacionalista, Angrimani aponta o surgimento de dois jornais nos Estados Unidos, no final do século XIX, como precursores do gênero: o *New York World*, editado por Joseph Pulitzer, e o *Journal*, por Randolph Hearst. Concorrentes, os jornais usavam o sensacionalismo como principal arma para conquistar os leitores e, juntos, chegavam a alcançar quase um milhão de exemplares por dia, cabendo a eles a origem do termo “imprensa amarela”. Segundo Mott (*apud* Angrimani), a imprensa amarela ficou conhecida pelo uso de algumas técnicas:

- 1) manchetes escandalosas em corpo tipográfico excessivamente largo, “garrafais”, impressas em preto ou vermelho, espalhando excitação, frequentemente sobre notícias sem importância, com distorções e falsidade sobre os fatos; 2) o uso abusivo de ilustrações, muitas delas inadequadas ou inventadas; 3) impostura e fraudes de vários tipos, com falsas entrevistas e histórias, títulos enganosos, pseudociência; 4)

quadrinhos coloridos e artigos superficiais; 5) campanhas contra os abusos sofridos pelas “pessoas comuns”, tornando o repórter um cruzado a serviço do consumidor. (ANGRIMANI, 1995, p. 22).

Tais técnicas somadas à grande rivalidade entre os jornais de Pulitzer e Hearst contribuíram para que a imprensa amarela perdesse credibilidade. “A partir do início do século XX, já se sabia que quem ousasse seguir a via sensacionalista entraria na rota de colisão com a credibilidade.” (ANGRIMANI, 1995, p. 19).

No Brasil, podemos localizar elementos do sensacionalismo na imprensa a partir de 1840 com o surgimento dos folhetins. “O folhetim representa a conquista de novos públicos para os jornais. É popular, mas já nasce massivo. [...] Entre suas características estão a linguagem acessível, o suspense e os diálogos breves” (AMARAL, 2006, p. 75). Em 1960, o termo “jornalismo marrom” se consolida e passa a caracterizar jornais e revistas de escândalo. Ao longo da história, vários jornais se caracterizaram por sua relação com setores populares, sendo, muitas vezes, por isso, relacionados ao sensacionalismo.

Apesar de não haver um consenso em relação à definição de sensacionalismo, segundo Enne (2007), os principais estudos relacionados ao tema, como os de autores como Antonio Serra (1986), Danilo Angrimani (1995), Ana Rosa Ferreira Dias (1996) e Rosa Nívea Pedroso (2001), trazem em comum algumas características que o identificariam. A autora destaca seis: ênfase em temas criminais ou extraordinários; presença de marcas da oralidade no texto; uso de marcas sensoriais no texto (arma “fumegante”, voz “gélida”, “tremor” de terror etc); uso de estratégias editoriais para evidenciar o apelo sensacional (letras garrafais, termos impactantes, etc); construção narrativa simplificadora e maniqueísta e o consumo destes produtos por camadas de baixo poder aquisitivo. (ENNE, 2007)

No entanto, um ponto que nos incomoda no uso deste termo é que o conceito de sensacionalismo é usado de modo negativo, como se este fosse sinônimo de exploração de dramas alheios, do sofrimento humano, de simplificação, deformação, de banalização da violência, da sexualidade, do consumo, de exposição e ridicularização de pessoas de classes mais baixas, de mau gosto, de descontextualização dos fatos etc (AMARAL, 2006). O sensacionalismo é comumente associado ao mau jornalismo, à falta de compromisso com a informação, à baixaria, ao uso de palavras chulas, palavrões, como se todos os jornais que adotassem características sensacionalistas carregassem consigo todos estes atributos negativos. Além disso, tal visão de sensacionalismo traz consigo uma concepção de cultura na qual os produtos culturais parecem fixos, como se não houvessem ambivalências, como se os

produtos sensacionalistas estivessem totalmente distantes, separados dos “verdadeiros” produtos culturais.

Como explica Angrimani, em linhas gerais, o sensacionalismo seria a divulgação e exploração de um fato em tom espalhafatoso, capaz de emocionar ou escandalizar. Consistiria no uso de atitudes chocantes, hábitos exóticos, escândalos para este fim. Porém a abrangência do termo ocasionaria confusões e uma conotação negativa do termo, que não só é confundido com qualificativos editoriais como “audácia, irreverência, questionamento, mas também com imprecisão, erro na apuração, distorção, deturpação editorial, agressivo – que são acontecimentos isolados que podem ocorrer dentro de um jornal informativo comum”. (ANGRIMANI, 1995, p. 14).

Os maus usos do termo sensacionalismo, bem como seu caráter generalista, contribuem para que não queiramos adotar tal conceito na compreensão do *Itatiaia Patrulha*. Além disso, como aponta Amaral, o que diferencia “os produtos midiáticos populares de outros atualmente não é simplesmente a produção de sensações, mas fundamentalmente a exarcebação das referências ao universo do público popular tanto no âmbito cultural, quanto no discursivo” (AMARAL, 2003, p. 73). Assim, por mais que algumas características do sensacionalismo - como a ênfase em temas criminais, o uso da oralidade e as marcas sensoriais - sejam encontradas na narrativa do programa, o conceito não dá conta de sua complexidade, não nos ajuda a compreender suas escolhas, ficando muito preso ao formato e não ao que o programa revela enquanto produto cultural. Assim melhor do que o conceito de sensacionalismo (tão associado ao apelo de marketing) buscaremos compreender como o universo cultural dramático e os valores notícia do jornalismo popular influenciam a construção narrativa do *Itatiaia Patrulha*.

1.3 Melodrama, folhetim e *fait divers*

Segundo Amaral, o jornalismo popular é norteado pelo universo cultural ou pela matriz cultural dramática, que tem suas raízes históricas no melodrama e no folhetim, sendo os recursos narrativos do jornalismo popular advindos deles. Apesar do melodrama e do folhetim não serem as únicas formas de expressão que compõem as matrizes populares, destacaremos apenas os dois, pois ambos têm muita influência sobre o jornalismo popular ainda hoje.

O melodrama é uma forma de expressão popular que tem origem no século XVIII e denominava, especialmente na França e na Inglaterra, um espetáculo popular, no qual

predominavam narrativas com temas da literatura oral, em especial os contos de medo, mistério e relatos de terror. Segundo Cristina Ponte (2005), ele torna-se marca cultural importante em um contexto político e histórico herdeiro da Revolução Francesa e de suas rupturas.

O melodrama veio a expressar a dessacralização da sociedade moderna saída da Revolução Francesa. [...] Havia uma aparente maior liberdade de escolha, as cidades abriam-se como espaços de novas oportunidades fora da sombra protetora dos castelos medievais. (PONTE, 2005, p. 63)

Enquanto a burguesia ocupava os teatros oficiais para prestigiar peças teatrais cuja complexidade dramática se sustenta inteiramente na retórica verbal, o povo vai às ruas e praças presenciar espetáculos ao ar livre. Martín-Barbero (2001) explica que o melodrama nasce como espetáculo escrito para os que não sabem ler, já que as peças populares eram proibidas de fazer uso das palavras em suas representações. Assim, as peças melodramáticas investiam na montagem de um espetáculo visual e sonoro, onde predominavam os gestos em detrimento das palavras, e onde a música servia para marcar os momentos solenes e cômicos, para caracterizar personagens, para ampliar a tensão e o relaxamento. O espetáculo contava ainda com efeitos óticos, que iam desde fantasmagorias até sombras chinesas. No seu eixo de estrutura dramática predominavam quatro sentimentos básicos: medo, entusiasmo, dor e riso, sendo estes representados por quatro personagens polarizados entre o bem e o mal: o traidor, o justiceiro, a vítima e o bobo.

Representante do mal, o traidor, perseguidor ou agressor é o personagem terrível, que produz medo. Sua presença causa suspense e prende a respiração dos espectadores. Em contraposição, a vítima é a heroína, representa a inocência, a virtude e é quase sempre mulher. Na tragédia popular, “o dispositivo catártico funciona fazendo recair a desgraça sobre um personagem cuja debilidade reclama o tempo todo proteção – excitando o sentimento protetor no público -, mas cuja virtude é uma força que causa admiração e de certo modo tranquiliza”. (MARTÍN-BARBERO, 2001, p. 169). A vítima representa de certo modo o proletariado, que sofre injustiças. O justiceiro ou protetor é aquele que no último momento salva a vítima e castiga o traidor. Sua função é desfazer os mal-entendidos, sendo ele o oposto do traidor. Por fim, o bobo é o representante do cômico, vertente essencial da matriz popular. Ele está fora da tríade dos protagonistas, mas é importante por provocar o riso, a diversão da história. O bobo tanto se aproxima do palhaço do circo quanto remete ao plebeu, ao anti-herói torto e até ao grotesco.

Ao pensar a construção narrativa do jornalismo popular percebemos a presença dessa tríade melodramática. Nas notícias populares é possível identificar traidores, vítimas, além do

justiceiro. O papel do traidor, do agressor, é encarnado por traficantes, assaltantes, estupradores e outros tipos de criminosos, cujos atos prejudicam o cidadão, fazendo-o sofrer; além disso, eles praticam injustiças, recebendo na narrativa atribuições e caracterizações negativas. Já a vítima, na maioria dos casos, é o cidadão comum, o trabalhador. São crianças e mulheres indefesas, pessoas “de bem”. O papel do justiceiro é desempenhado na maioria dos casos pelos policiais, que são os principais responsáveis pela defesa do cidadão, por prender os criminosos. Mas também podemos identificar o Estado, que muitas vezes, é cobrado na narrativa jornalística por seu papel de proteger o cidadão, de aplicar a punição. Um ponto interessante apontado por Ponte é que a narrativa jornalística irá investir na construção de boas vítimas de modo a provocar a identificação do leitor com a notícia.

Ao constituírem boas vítimas, as notícias devem colocar o leitor num lugar não de puro espectador, mas de envolvimento. Uma boa vítima é acima de tudo uma pessoa/personagem com quem cada um pode compadecer-se ou identificar-se. O processo que leva a esse compadecimento significa que a história da notícia tem que incorporar, de forma rápida, um modo pelo qual o leitor possa entrar em relação com os indivíduos envolvidos no evento. (PONTE, 2005, p. 65)

Para provocar tal envolvimento, os jornalistas vão explorar o lado comum da vítima, descrevendo detalhes de sua vida, ressaltando suas qualidades, suas principais características. Como aponta Ponte, em notícias com foco nas vítimas constrói-se uma história de fatalidade, pautada na lógica melodramática, na qual a repetição quase diária acaba criando um efeito de série.

Outra característica melodramática muito presente no jornalismo popular é a retórica do excesso. Como aponta Martín-Barbero, o melodrama tende ao esbanjamento, que vai “desde uma encenação que exagera os contrastes visuais e sonoros até uma estrutura dramática e uma atuação que exibem descarada e efetivamente os sentimentos, exigindo, o tempo todo do público uma resposta em risadas, em lágrimas, suores e tremores” (MARTÍN-BARBERO, 2001, p. 171). O jornalismo popular busca despertar a emoção e faz isso através do excesso, seja ele de palavras e adjetivos para caracterizar a violência de determinado fato ou o sofrimento de determinada vítima, seja pelas letras garrafais, ou no caso do rádio, pela trilha sonora de suspense, de tragédia, pelos efeitos sonoros que imitam tiros, pela voz do locutor que expressa suspense, indignação, medo. A todo o momento a narrativa convoca o público, provoca sensações, para que este se envolva na narrativa, se identifique com as vítimas, repudie os bandidos, aplauda as ações policiais.

Destacamos ainda como fruto da influência melodramática o interesse pelo cotidiano das pessoas. Segundo Gripsrud (*apud* Ponte, 2005), o melodrama apresenta às audiências um

sistema de sentido que insiste no fato de que a política e a história só interessariam aos indivíduos na medida em que afetam suas vidas cotidianas, suas condições de vida, seus sentimentos, medos, sendo o mundo apresentado como se fosse governado por valores e forças morais e emocionais. Assim, no jornalismo popular, as notícias de cunho econômico e político dão lugar a notícias de interesse humano, ou seja, de pessoas próximas, mesmo que localmente, do leitor ou de utilidade pública, que ajudem o público em seus problemas cotidianos. Como aponta Amaral,

É frequente constatar em jornais, revistas e programas que o mundo aparece como se fosse governado por valores pessoais, emocionais e morais. Há uma resistência a tudo o que for teórico e abstrato. Todas as soluções para os problemas do mundo vêm da força de vontade do homem e na sua vontade de ver um final feliz. (AMARAL, 2006, p.74)

Além do melodrama, encontramos na narrativa jornalística popular marcas do folhetim, que surge na França em 1836, época do apogeu do melodrama. Constituindo-se como o primeiro texto escrito no formato popular de massa, os folhetins logo caem no gosto das camadas populares, pois conferem às classes trabalhadoras o status de personagem em sua narrativa. A princípio eram escritos por integrantes das classes populares, que traziam em suas histórias os problemas e o modo de vida dessas classes, provocando assim, uma grande identificação destas pessoas com as histórias.

Inicialmente, o folhetim ficava localizado no rodapé do jornal, destinando-se ao entretenimento. Trazia piadas, receitas de cozinha, de beleza, histórias sobre crimes e monstros, crítica teatral ou literária, que aos poucos foram dando lugar para as histórias seriadas. Segundo Amaral, o folhetim marca a adoção pelos jornais da estética melodramática e de características da cultura popular, o que segundo Ponte, contribui “para a democratização do cotidiano, mobilizando os leitores populares e alargando a sua participação social como público de imprensa.” (PONTE, 2005, p. 80). É do folhetim e do melodrama que o jornalismo popular herda esse envolvimento com o público e o enraizamento na vida cotidiana. E por mais que não encontremos hoje, folhetins, propriamente ditos, encontramos heranças deste estilo, sendo os *fait divers*, seus herdeiros mais próximos nos jornais populares.

Tendo em sua base um evento geralmente próximo da vida do leitor, os *fait divers* tratam de temas “aparentemente marginais às instâncias de decisão política e econômica, problemáticas da vida comum tradicionalmente consideradas do foro privado, como as relações familiares.” (PONTE, 2005, p. 68-69). Assim como no melodrama, seus relatos são permeados pela fatalidade, pelo aleatório e pelo destino. Com aponta Pedroso (*apud* Angrimani), como informação, o *fait divers* traz em sua estrutura “uma carga suficiente de

interesse humano, curiosidade, fantasia, impacto, raridade, humor, espetáculo, para causar uma tênue sensação de algo vivido no crime, no sexo e na morte”. (ANGRIMANI, 1995, p. 26). Em sua narrativa, o acontecimento é sempre marcado pela fatalidade, sorte, destino, como se as coisas fossem dadas, não havendo uma problematização e contextualização do acontecimento. O que identifica o leitor com tais dramas pessoais é, segundo Ponte, sua construção a partir de elementos de experiências universais e eternas. “Neste sentido, as histórias de interesse humano apresentam-se como dados do mundo real da experiência humana singular e universal, por contraste com o campo das questões públicas, o seu leque de actores e as suas circunstâncias.” (PONTE, 2005, p. 74). No *fait divers* o que importa não são as questões políticas ou econômicas, mas os acontecimentos cotidianos que marcam a vida de pessoas comuns.

A presença de características melodramáticas, folhetinescas e dos *fait divers* no jornalismo popular revelam que a relação dos jornais com seu público se dá por meio da cultura. Como aponta Amaral, para se conectarem com seu público, os jornais adotam fórmulas que historicamente tem popularidade entre ele, sendo importante que o jornalista que trabalha dentro de uma redação de segmento popular tenha consciência de que está produzindo notícias para um público que têm determinados gostos, hábitos, interesses e valores. Para finalizar nossa reflexão, pensaremos sobre os valores notícia que orientam os jornalistas na hora de julgar o potencial noticioso de um fato e como estes nos ajudam a compreender o *Itatiaia Patrulha*.

1.3.1 O que é notícia no jornalismo popular

Segundo Amaral (2006), enquanto no jornalismo de referência um fato tem maior probabilidade de ser noticiado se envolve indivíduos importantes, tem impacto sob a nação, envolve muitas pessoas, gera desdobramentos importantes, está relacionado a políticas externas e pode ser divulgado com exclusividade, no jornalismo popular um fato terá mais probabilidade de ser noticiado se possuir capacidade de entretenimento, for próximo espacialmente ou culturalmente do leitor, puder ser simplificado, puder ser narrado dramaticamente, tiver personagens que gerem identificação com os leitores e se for útil.

Apesar da autora destacar seis valores-notícia relacionados ao jornalismo popular, nos deteremos em cinco, pois diferentemente da autora, não consideramos que a possibilidade de simplificação é um valor notícia. A simplificação diz muito mais do tratamento dado ao fato do que à sua natureza, estando relacionada ao fato da notícia não trazer os desdobramentos

dos acontecimentos, de não relacioná-los ao seu contexto mais geral. No entanto, também os jornais de referência vão adotar tal procedimento em determinados casos, até mesmo pela falta de espaço e tempo para desenvolver a notícia. Outro ponto que ressaltamos é que o jornalismo é feito de recortes e escolhas, e uma notícia, por maior e mais complexa que seja, sempre recorrerá a algum tipo de simplificação.

A capacidade de entretenimento é o primeiro valor notícia apontado por Amaral. Segundo Itânia Gomes (2009), nos estudos sobre comunicação e cultura, o entretenimento é definido de um ponto de vista depreciativo. “Ele é, muito frequentemente, o polo negativo de certas dicotomias: contrapõe-se a arte e cultura, contrapõe-se a filosofia, a conhecimento, a verdade, contrapõe-se a jornalismo” (GOMES, 2009, p. 6), sendo o termo muito usado como um valor das sociedades contemporâneas, ligado à primazia do prazer e dos sentidos ou relacionado a uma indústria que se dedica à produção de uma mercadoria ao mesmo tempo econômica e simbólica. Diante de tudo isso, Gomes chega a uma definição provisória do termo. Segundo a autora, o “entretenimento é um valor das sociedades ocidentais contemporâneas que se organiza como indústria e se traduz por um conjunto de estratégias para atrair a atenção de seus consumidores”. (GOMES, 2009, p. 7).

Relacionando o entretenimento e o jornalismo popular, Amaral afirma que muitos jornais e programas populares têm a visão do público como aquele que só quer desfrutar, satisfazer-se, deliciar-se. Assim, no jornal, o entretenimento seria responsável por gerar prazer e principalmente por despertar sensações, sendo um fato considerado como potencialmente noticioso por sua possibilidade de prender e atrair o olhar das pessoas por meio de uma cena escandalosa, ridícula, insólita.

Amaral destaca quatro categorias que compõem a capacidade de entretenimento de uma notícia: histórias de gente comum encontrada em situações insólitas ou histórias de homens públicos surpreendidos no dia a dia de sua vida privada; histórias em que se verifica uma inversão de papéis, histórias de interesse humano, histórias de feitos excepcionais e heroicos. Tentaremos identificar em nosso trabalho, como o *Itatiaia Patrulha* procura no cotidiano de seus ouvintes fatos que despertem o interesse. Ao ouvir o programa, percebemos que as notícias são muitas vezes espetacularizadas, de modo que um pequeno fato assume, muitas vezes, grandes proporções. O programa também parece buscar casos com desfechos inesperados, voltando-se principalmente para histórias individuais, com grande apelo ao interesse humano, ou seja, os *fait divers*.

A segunda característica que destacaremos é a junção de duas: proximidade e personagens que gerem identificação com o leitor. Tal característica diz muito dos traços

melodramáticos e folhetinescos presentes neste tipo de jornalismo, pois também eles vão ter como personagens principais o povo, tendo o seu cotidiano e linguagem como principais elementos para aproximar o público da história. Segundo Amaral, um fato se torna noticiável no jornalismo popular na medida em que pode ser narrado de maneira a ficar próximo ao leitor. Essa proximidade pode se dar de três formas: conteúdo do fato, pela personagem que envolve ou pela linguagem usada.

Uma notícia se aproxima do leitor pelo seu conteúdo, quando diz de seu cotidiano. Segundo Amaral, os temas que interessam às classes C, D e E seriam principalmente os de “atendimento à saúde, mercado de trabalho, segurança pública, televisão, futebol e as matérias conhecidas como de interesse humano, que contam os dramas cotidianos da população” (AMARAL, 2006, p. 64-65). Ao olhar para o *Itatiaia Patrulha* percebemos que o programa traz como tema recorrente a segurança pública e também histórias de interesse humano, ao retratar, por exemplo, crimes passionais.

Já a proximidade pelos personagens que envolve se dá a partir do momento que o jornalismo se interessa pela vida das pessoas do povo. “Assim, um fato tem muito mais probabilidade de ser notícia se tiver impacto na vida de uma pessoa comum ou puder ser comentado por alguém do povo. É frequente a personalização dos problemas e das soluções” (AMARAL, 2006, p. 65). Percebemos, no radiojornal que iremos analisar, um grande interesse por crimes que acontecem nas periferias da cidade e que têm como personagens centrais pessoas ordinárias, cidadãos comuns. Amaral aponta que ao personalizar os crimes, os programas e jornais populares correm muitas vezes o risco de buscar soluções individuais de cada crime, deixando muitas vezes de problematizar a violência de modo geral, de discutir o problema da segurança pública, correndo assim o risco de uma singularização.

A personalização de uma notícia pode levá-la também a uma extrema singularização, e aí a história perde em contextualização. Há um apagamento do caráter sócio-histórico dos fatos sociais, ou seja, eles são apresentados como problemas individuais e perdem a cadeia lógica que os relacionam. (AMARAL, 2006, p. 65)

No entanto, percebemos que o programa em análise problematiza, algumas vezes, fatos que são noticiados, inserindo-os dentro de um contexto mais amplo de violência e impunidade. Tal contextualização se dá principalmente nas falas do apresentador do programa Laudívio Carvalho, que não só se revolta com os fatos, como comenta as notícias, apontando problemas e cobrando soluções por parte das autoridades.

Por fim, temos a proximidade pela linguagem, na qual, o jornal tenta se aproximar do leitor a partir de uma linguagem que lhe é própria. Um aspecto interessante neste sentido é

que, por ser um programa radiofônico, o *Itatiaia Patrulha* veicula nas reportagens as vozes de seus entrevistados, deixando transparecer não só o modo como falam, mas também o tipo de linguagem que lhes é própria, revelando assim, palavras, gírias e expressões populares. Além disso, os próprios repórteres e também o apresentador do programa adotam jargões policiais, usam a linguagem coloquial, além de termos e ditados populares enquanto entrevistam ou se dirigem ao ouvinte.

A dramatização das notícias é outro componente importante e diz da matriz cultural dramática na qual o jornalismo popular se desenvolve. Devido a isso, podemos identificar no jornalismo popular recursos narrativos do melodrama, como o apelo aos sentidos e aos dramas dos indivíduos. Percebemos que a construção narrativa do *Itatiaia Patrulha* tenta construir um “mundo comum” para os ouvintes, ou seja, os crimes significam na medida em que revelam um retrato do crime no país, na cidade em que o espectador habita. Há uma generalização de modo que todos se sintam afetados pelos fatos acontecidos. A vítima do crime não era um familiar do ouvinte, mas assim como ele, era um pai de família, uma mãe de família. O tráfico fez mais uma vítima, que poderia ser um familiar, um vizinho, um amigo do ouvinte. Há no *Itatiaia Patrulha* um discurso que convoca o público, na medida em apela para valores morais e que sustenta o imaginário popular do medo, da violência das ruas.

Outra característica melodramática encontrada no programa é a construção dos bandidos e das vítimas que se aproxima da construção dos mocinhos e vilões. Há, muitas vezes, quase uma luta entre bem e mal. Nos depoimentos das vítimas, o programa tenta explorar principalmente o drama vivido por aquela pessoa, ressaltando suas qualidades, detalhando sua vida. Já as entrevistas com os suspeitos tentam desvendar as motivações para o crime, se há arrependimento. O bem e o mal são contrapostos, pois de um lado há o cidadão trabalhador, que paga seus impostos, que tem uma família, e do outro um “criminoso”, uma pessoa muitas vezes sem escrúpulos, que não receia na hora de cometer o crime.

Para aproximar o leitor da vítima, na construção das matérias, os jornalistas vão além dos registros dos fatos e atuam de modo a que o leitor se identifique com o personagem da reportagem. “Fazem-no acentuando o lado comum da vítima, com descrições de particularidades arbitrarias ou detalhes biográficos, e eliminando ou limitando a intervenção humana na ação por uma diversidade de processos discursivos”. (PONTE, 2005, p. 66). Ainda em relação ao caráter melodramático, percebemos que o *Itatiaia Patrulha* apresenta no mesmo dia e no decorrer da semana, várias reportagens sobre assassinatos, estes na maioria dos casos ligados ao tráfico de drogas ou a crimes passionais, causando assim um efeito em série.

Por fim, destacamos a utilidade como importante valor notícia no jornalismo popular. Tal utilidade pode assumir dois focos principais. O primeiro se manifesta por meio de reportagens que dizem aos indivíduos como viver, ser bons pais, profissionais, se relacionarem, assumindo o jornalismo o papel de referência comportamental e cultural. Uma segunda face é o caráter funcional ou prático, no qual os programas tentam se tornar imprescindíveis a vida da sua audiência, sendo que para isso utilizam-se da prestação de serviços, caindo muitas vezes também no assistencialismo. No caso do *Itatiaia Patrulha* percebemos que o programa se aproxima dessa segunda face, atuando como um prestador de serviços e muitas vezes como fiscal dos direitos públicos e do cumprimento da lei. Tal papel é exercido principalmente pelo apresentador Laudívio Carvalho, que sai em defesa do cidadão, cobrando o rigor das leis e a punição dos bandidos.

A partir de todas essas características, acreditamos que refletir sobre o *Itatiaia Patrulha* enquanto jornalismo popular nos ajuda a pensar em que medida o programa polariza os papéis, buscando revelar em sua narrativa mocinhos e vilões. Também buscaremos entender como o programa posiciona o ouvinte na narrativa e quais são suas estratégias na construção da notícia para se aproximar do público. Outra questão que nos interessa é saber quais fatos são notícia no programa e identificar que valores, papéis e representações emergem na construção narrativa do *Itatiaia Patrulha*.

2. Mídia e representações da violência

O *Itatiaia Patrulha* é um programa popular que tem como temática central a segurança pública, estando a temática da violência presente em quase todos os casos apresentados pelo programa. O radiojornal se configura como uma importante vitrine de representações sobre a violência, na medida em que dá visibilidade a diferentes representações sociais que permeiam o imaginário popular acerca da violência e da criminalidade. Devido a isso, faz-se necessário discutir sobre a relação que a mídia estabelece com a violência e, mais especificamente, sobre como ela atua produzindo e dando visibilidade a representações da violência.

Antes disso, porém, é preciso apresentar brevemente nosso entendimento de violência. Como aponta Dias (1996), este é um conceito complexo, que varia não só com o tempo, como também de acordo com cada sociedade, com seus valores, tradições e costumes. Etimologicamente, a palavra violência vem do latim *violentia*, que significa violência, força, caráter violento ou bravo. Segundo Yves Michaud (1989), a palavra também se relaciona ao termo *vis*, “que quer dizer força, vigor, potência, violência, emprego da força física, mas também quantidade, abundância, essência ou caráter essencial de uma coisa”. (MICHAUD, 1989, p. 8). Segundo o autor, o exame dos usos correntes do termo mostra que o significado da palavra está sempre relacionado à ideia de força.

A violência é, antes de tudo, uma questão de agressões e maus tratos. Por isso a consideramos evidente: ela deixa marcas. No entanto, essa força assume sua qualificação de violência em função de normas definidas que variam muito. Desse ponto de vista, podem haver quase tantas formas de violência quantas forem as espécies de normas. (MICHAUD, 1989, p. 8)

Apesar de comumente associada ao uso da força física, já que os danos materiais e físicos são mais visíveis, a violência tem outras modalidades, que acarretam prejuízos igualmente graves ao indivíduo, gerando danos às crenças e aos costumes sejam eles de ordem moral ou psicológica. Michaud propõe uma definição que extrapola a noção de violência relacionada ao dano à integridade física e propõe que os danos que afetam os bens materiais dos indivíduos e seu direito de expressar opiniões, ideias, crenças e sua cultura também devem ser entendidos como violência.

Há violência quando, numa situação de interação, um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou várias pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais. (MICHAUD, 1989, p. 10-11)

Percebemos, no entanto, que apesar de ser um conceito amplo, os atos que a mídia relaciona à violência e define como tal estão diretamente ligados aos danos físicos e materiais, na medida em que estes seriam mais visíveis e passíveis de serem transformados em imagens nos noticiários. Segundo Elizabeth Rondelli (1996), mais importante do que a natureza e a dimensão do crime, seria sua potencialidade de gerar imagens, sendo os crimes contra a pessoa (assaltos, assassinatos, etc) mais sujeitos a isso. Além disso, segundo Michaud, a mídia também privilegiaria casos espetaculares, sangrentos e atrozes em detrimento de atos de violência comuns e banais.

Na medida em que a mídia introduz mais imagens de violência no cotidiano das pessoas, a sensação de insegurança também aumenta. Segundo Michaud, se antes a relação dos indivíduos com os acontecimentos e fatos se dava principalmente por meio de experiências diretas e também por testemunhos e evidências indiretas que recebiam, com os meios de comunicação a lógica é invertida, pois “a enorme massa de informações veiculadas pela mídia multiplica as evidências indiretas e parte importante da experiência do mundo passa pelas imagens que nos mostram as coisas como se estivéssemos lá ou como se estivéssemos estado” (MICHAUD, 1989, p. 49). Assim, não é preciso mais sofrer um ato de violência, nem mesmo conhecer alguém que sofreu para sentir-se afetado por ela, para temê-la.

Rondelli chama a atenção para o fato de que a mídia, ao se apropriar da violência e da criminalidade como matéria prima para seus programas jornalísticos e ficcionais, corre o risco de reforçar preconceitos e estereótipos relacionados à violência, como o fato dela estar relacionada à pobreza. Outro risco apontado por Michaud é a banalização das imagens da violência, que tendem a ser suavizadas. “Não há dúvida que as imagens da violência contribuem de modo não desprezível para mostrá-la como mais normal, menos terrível do que ela é, em suma: banal. Cria-se assim um hiato entre uma experiência anestesiada e as provas da realidade, raras mas muito mais fortes” (MICHAUD, 1989, p. 51). No entanto, a apropriação da violência pela mídia pode assumir também uma face positiva ao sensibilizar sobre o assunto. Como explica Rondelli,

Ao mesmo tempo em que a mídia pode contribuir para banalizar a nossa visão sobre o crime, ela pode estar tendo uma ação pedagógica positiva que é a de nos sensibilizar em relação à sua existência e frequência, e nos induzir a um sentimento de indignação moral diante do crime, que nos mova a pedir soluções para o seu controle. Neste sentido, a mídia torna-se uma caixa de ressonância da opinião pública ou, ao menos, daqueles que têm acesso à mídia (RONDELLI, 1996, p. 36)

Alinhada a Rondelli, Montoro explica que os meios de comunicação têm um papel importante no fortalecimento das representações da violência que vigoram na sociedade e são partilhadas entre os indivíduos. Segundo a autora, “estas representações se realizam através de significados que não somente nominam a prática social, mas a partir deste nominamento, passam a organizá-la”. (MONTORO, 2003, p. 7). A atuação dos media é tão importante, que segundo Rondelli (1998), o modo como a mídia fala sobre a violência acaba fazendo parte da própria realidade da violência, na medida em que ela faz circular no espaço público, narrativas e discursos sobre a violência, apresentando interpretações e sentidos sociais sobre o tema.

Pelo procedimento da ampla visibilização, os meios de comunicação agem como construtores privilegiados de representações sociais e, mais especificamente, de representações sociais sobre o crime, a violência e sobre aqueles envolvidos em suas práticas e em sua coibição. Estas representações sociais se realizam através da produção de significados que não só nomeiam e classificam a prática social, mas, a partir desta nomeação, passam mesmo a organizá-la de modo a permitir que se proponham ações concretas em relação a ela. (RONDELLI, 1998, p. 149)

Assim, em sua relação com a violência, a mídia atua na condição de macrotestemunha privilegiada, assumindo dois papéis principais. Ela não só atribui sentidos próprios aos atos de violência, ao selecioná-los, editá-los, classificá-los e emitir opiniões sobre eles, como também - ao testemunhá-los - expõe os fatos a outros atores sociais, que são posicionados de diferentes formas diante dos fatos e convocados a produzirem sentidos sobre eles. “Sentidos que não só denunciam suas específicas visões de mundo, como orientam práticas sociais, políticas, culturais. Assim, a violência e suas imagens têm o poder de convocar sujeitos em direção a alguma ação social.” (RONDELLI, 1998, p. 152). Ou seja, ao amplificar o debate sobre violência estendendo a discussão ao espaço público, os discursos e imagens exibidos pela mídia são “apropriados não só pela ordem discursiva dos meios de comunicação, mas também, através destes, pelos ideais de ordem social inerentes a outros discursos e a outros sujeitos que, também publicamente, passarão a se manifestar sobre eles”. (RONDELLI, 1998, p. 152). Tais manifestações podem ocorrer de diversas formas, seja no cotidiano das pessoas, a partir de suas conversas diárias, seja por meio da internet ou mesmo dentro dos próprios meios de comunicação.

É importante ressaltar que as representações da violência presentes nos programas jornalísticos provêm não apenas da produção dos jornalistas, como também das falas das fontes de informação. Os sujeitos sociais produzem sentido sobre a violência não só a partir da narrativa jornalística, como também dentro dela, na medida em que são responsáveis por agregar valores, sentidos e expressar opiniões a respeito da violência, sejam com seus

testemunhos sobre os fatos, por meio de falas institucionais ou mesmo por serem os responsáveis pelos atos violentos ou vítimas deles.

Percebemos bem isso no *Itatiaia Patrulha*, na medida em que a narrativa jornalística do programa é composta por diferentes vozes. As informações advêm não só do repórter, como também dos envolvidos no fato, sejam eles a vítima, o agressor, testemunhas ou representantes de instituições policiais, políticas ou do estado. A cada fala, vemos emergir representações sobre a violência que são relacionadas a normas, valores e outras representações sociais. “Assim, o que se produz sobre a violência são representações múltiplas, discursos polifônicos, por vezes contraditórios, mas coerentes com requisitos institucionais diversos”. (RONDELLI, 1998, p. 153). Pensando especificamente no papel do bandido, por exemplo, percebemos que acerca deste papel são formadas representações que se complementam e que se contradizem ao mesmo tempo. Dependendo de quem fala, o acusado, pode aparecer como o pior dos bandidos ou então como vítima da injustiça acusada indevidamente, tudo isso na mesma reportagem.

Porto (2009) chama a atenção para o fato de que, ao abordar a violência, os noticiários sustentam, de modo geral, a ideia de que a violência é um dos grandes problemas das grandes cidades. Segundo a autora, algumas frases são repetidas pelos media tantas vezes que acabam ganhando um estatuto de verdade e transformando-se em afirmações não contestadas e, podemos dizer, até mesmo do domínio do senso comum. Entre elas a autora destaca:

1. A violência no Brasil é um fenômeno que vem, nos últimos anos, crescendo sistematicamente e não dá mostras de retroceder.
2. Embora existente no espaço rural, é um fenômeno urbano, característico das grandes cidades.
3. A pobreza e a miséria são algumas das causas mais imediatas da violência.
4. A instituição familiar está em crise, provocando desagregação moral, enfraquecimento dos valores e violência.
5. A entrada da mulher no mercado de trabalho é responsável pela desestabilização da família e, em consequência, da sociedade.
6. A religião perdeu importância como mecanismo de controle social, e sem esse freio instaura-se o vale-tudo a partir do qual se mata e se morre por um tênis, um pedaço de pão, uma bicicleta. (PORTO, 2009, p. 215)

Verdadeiras ou não, o que Porto argumenta é que ao serem repetidas cotidianamente, estas afirmações, como tantas outras relacionadas à violência, alimentam o imaginário popular acerca da violência e fortalecem certas representações. “Independentemente de sua condição de falsas ou verdadeiras, o que importa ressaltar é que, por força de repetição, tais afirmações passam a fazer parte do imaginário popular. Uma vez constituídas como “verdade”, informam condutas e comportamentos de atores sociais.” (PORTO, 2009, p. 216). Como exemplo

podemos citar o descrédito nos poderes públicos, a privatização da segurança, a defesa do armamento, o medo de circular pelas ruas, etc.

Observando o *Itatiaia Patrulha*, acreditamos que a produção discursiva do programa alimenta a ideia de impunidade e violência. O programa destaca em números o aumento da violência, o aumento da bandidagem e também a ideia da “lei do mais forte”, onde os bandidos não temem a polícia, não temem ninguém. Isso alimenta o imaginário das pessoas em relação à violência, pois frases como “o crime compensa”, “os bandidos não têm medo de nada” ou “o sistema penal brasileiro não funciona” são comumente enfatizadas pelo programa, principalmente na figura do apresentador Laudívio Carvalho. Porto explica que

Os fenômenos da violência, ao serem enfocados pelos meios de comunicação de massa, invadem cotidianamente nossos sentidos com espetáculos que parecem querer sinalizar a barbárie, colocando-nos às vésperas de uma guerra civil. São imagens, discursos e narrativas que acabam por produzir um deslocamento nos conteúdos do imaginário social, por meio do qual o “mito do homem cordial” cede espaço à “lei do mais forte”, compondo um quadro mental de intranquilidade e de caos, percebidos como representativos da contemporaneidade brasileira. (PORTO, 2009, p. 218)

Não só os noticiários, como programas de entretenimento, o cinema, as telenovelas, nos mostram que a violência está em todo lugar: nas ruas, no trabalho, no trânsito, na escola dos filhos e no próprio lar, o que faz com que as pessoas se sintam cada vez mais ameaçadas e desprotegidas. De acordo com Porto, os media alimentam a sensação de insegurança, ao reforçar representações relacionadas à ineficiência do sistema público de segurança. Isso, somado ao descrédito da população em relação à segurança acaba alimentando a lógica do “salve-se quem puder e como puder”, o que segundo a autora, é compatível com outra lógica “a de ‘fazer justiça com as próprias mãos’, que leva cidadãos a se armarem e a se prepararem para a ‘guerra urbana’.” (PORTO, 2009, p. 221).

Além da sensação de insegurança, Porto destaca que as representações de impunidade presentes na mídia, bem como sua presença concreta e testemunhada no cotidiano das pessoas, ajudam a promover “o descrédito nas instituições, põem sob suspeição sua legitimidade e eficácia e situam-se acima da universalidade das normas jurídicas e dos códigos empíricos, que ela, a impunidade, substitui pelo particularismo e pelos privilégios.” (PORTO, 2009, p. 222). Há assim, uma sensação de que a lei não se aplica a todos, de que a impunidade incentiva à criminalidade, etc .

Percebemos na narrativa do *Itatiaia Patrulha* tanto menções à impunidade quanto à falência do sistema público de segurança. Tais menções têm relação direta com as representações do bandido e da vítima. A impunidade está diretamente relacionada ao papel do bandido, enquanto a insegurança é relacionada ao papel da vítima. O bandido é muitas

vezes caracterizado como aquele que não teme a justiça, que comete crimes porque tem consciência que não ficará preso muito tempo. Além disso, o programa muitas vezes critica as punições aplicadas pela justiça, que, segundo seu julgamento, seriam leves e acabariam incentivando a criminalidade ao invés de reprimi-la. Já as vítimas são relacionadas ao cidadão comum que está à mercê de um sistema público de segurança precário e ineficiente. O cidadão é aquele que corre risco ao sair de casa, que tem que investir em sistemas de seguranças privados se quiser se defender.

De modo geral, ao serem analisados, os programas de jornalismo policial são considerados violentos e criticados muitas vezes pelo excesso de imagens ou descrições dos crimes. No entanto, é interessante destacar que o que as pessoas consideraram violento nem sempre é consensual. Interessada em descobrir o que é violento na televisão, Marcia Tondato realizou uma pesquisa de recepção⁶ que revelou que a violência na televisão normalmente não é associada a programas jornalísticos, sejam eles, segundo a autora, de caráter “sensacionalista” ou não. Para os entrevistados, “violência é maltratarmos as pessoas no contexto do programa, ridicularizar o cidadão comum, explorar as mazelas do cotidiano”, (TONDATO, 2007, p. 131) sendo as cenas de crime exibidas pelo jornalismo consideradas pela maioria dos entrevistados como prestação de serviços. Como mostra Tondato,

Violento é a dramatização exagerada, não reconhecida no conteúdo jornalístico, visto que a narração dos fatos, mortes, ataques, acidentes e desastres noticiados é considerada prestação de serviço. A interpretação destes conteúdos, na forma como são divulgados, é de alerta para a população, orientação sobre os perigos da cidade, o que promove o cenário de uma sociedade fora de controle, de uma cultura de violência ao contrário de uma cultura solidária, pois “o outro é sempre visto como um potencial inimigo de quem se deve, sobretudo, desconfiar”. (TONDATO, 2007, p. 129)

Ressaltamos que Tondato não afirma que os programas jornalísticos não exibem cenas de violência, no entanto, a partir de sua pesquisa, nos parece que, dentro do jornalismo, tal violência é de certo modo justificada, pois é interpretada como um alerta. A autora explica que no cotidiano das pessoas, a violência é algo que gera danos; no entanto, o valor simbólico da televisão faz com que ela seja relativizada, podendo uma cena ser considerada como violenta ou não, dependendo do contexto em que está inserida. Assim, o que em programas de entretenimento são considerados violentos, ao serem exibidos por programas jornalísticos podem ser interpretados como orientação. Tal afirmação reafirma o papel da mídia como

⁶ A autora não detalha como realizou o estudo, nem o número de entrevistados no artigo, apenas aponta os resultados da pesquisa.

importante fonte de representações da violência que, ao circularem socialmente, demandam dos cidadãos diferentes produções de sentidos, bem como práticas e condutas sociais.

Finalizando nossa discussão, é necessário destacar que não só os cidadãos assumem diferentes posicionamentos em relação à violência, como também a mídia. Mais do que atuar como fonte de informações e representações, alguns programas saem em defesa do cidadão cobrando do poder público medidas contra a violência e em casos extremos assumem até mesmo o papel do sistema judiciário, emitindo sentenças para os crimes. Ainda segundo Rondelli (1995), há na televisão - e aqui podemos também considerar em alguns programas de rádio - um fascínio por julgamentos. Alguns programas permitem a realização de uma justiça vicária, que rapidamente sentencia, funcionando como um quase-poder jurídico paralelo – “por vezes tão paralelo quanto àquele que se realiza em outras instâncias em que o Estado está ausente nas esferas de sua competência (ou incompetências)” (RONDELLI, 1995, p. 102).

Além disso, por mais que estes programas não possam resolver problemas propriamente jurídicos, eles têm mérito ao ensinar de forma mais simples alguns direitos ao cidadão. Para exemplificar a televisão tribunal, Rondelli toma como exemplo o extinto telejornal *Aqui Agora*. Segundo a autora, o programa se constituía como um tribunal público e assumia atos de outras instituições sociais, como da polícia, ao simular a investigação de crimes, localizar criminosos, investigar suas motivações; ou da justiça, quando emitia sentenças sobre os crimes. Ao assumir tais posicionamentos, programas como o *Aqui Agora* acabam ocupando o lugar de tais instituições, ao se apresentarem como uma justiça imediata, “praticada através de rituais sumários facilmente compreendidos por leigos, em que seus repórteres simulam ser policiais, advogados, promotores e juízes e onde o crime passa a ser solucionado fora do universo do direito formal e instituído”. (RONDELLI, 1995, p. 102).

Também Neto, Castro e Lucas (1995) atribuem à mídia essa função de tribunal. Segundo os autores, a mídia age como dispositivo tribunalístico ao classificar fatos, qualificar os atores sociais, sentenciar ações e monitorar processos e lutas sociais.

Agindo por conta própria, eles não só agendam questões importantes no interior do tecido social, mas também as hierarquias em termos de julgamento, quase sempre sentenciador, fatores que escapam à processualidade e aos trâmites de esferas técnicas-legisferantes próprias. (NETO, CASTRO, LUCAS, 1995, p. 123)

Identificamos no *Itatiaia Patrulha* alguns traços de mídia tribunal, na medida em que o programa se coloca como defensor do cidadão, cobrando por seus direitos. Apesar de elogioso ao trabalho da polícia, o radiojornal muitas vezes tenta assumir seu papel, já que as entrevistas parecem, em alguns casos, verdadeiros interrogatórios, onde o suspeito, mesmo alegando inocência, é pressionado para que assuma sua culpa. Os repórteres também

caracterizam os crimes, não raro, de forma técnica, enquadrando-os dentro do código penal e sugerindo penas. Já em relação às vítimas, o programa se configura como advogado, reivindicando seus direitos e cobrando a atuação da polícia e a punição adequada para os infratores.

Acreditamos que a discussão sobre o modo como a mídia fornece representações sobre a violência é importante para nosso estudo, pois ao analisar a narrativa jornalística do *Itatiaia Patrulha*, estamos também olhando para o imaginário social da sociedade e para o modo como ela concebe e se relaciona com a violência. No nosso caso, tal relação se mostra no tratamento dado ao bandido e à vítima e na forma como o programa caracteriza os crimes e os enquadra dentro do contexto social mais amplo da cidade ou mesmo do país. Como aponta Elizabeth Rondelli (1998), compreender a mídia é também um modo de se estudar a violência, “pois quando esta se apropria, divulga, espetaculariza, sensacionaliza, ou banaliza os atos da violência está atribuindo-lhes um sentido que, ao circularem socialmente, induzem práticas referidas à violência.” (RONDELLI, 1998, 149). Tais práticas vão desde tomar certos cuidados ao sair às ruas, colocar cercas elétricas nas casas e até mesmo reivindicar do poder público medidas que combatam a violência.

3. Nas ondas do Itatiaia Patrulha

Segundo Menezes (2007), os meios de comunicação atuam de modo complementar na sincronização das atividades ou processos de vinculação dos habitantes dos grandes centros urbanos. Neste universo, o rádio tem um lugar especial, na medida em que ele se configura como uma das mais importantes expressões da cultura do ouvir. Embora, existam alguns discursos saudosistas em relação ao rádio, que remetem a sua “época de ouro”, este continua presente e ocupa lugar de destaque nos lares de muitos brasileiros. Segundo dados do Governo Federal⁷, em 2010, os meios de comunicação mais utilizados pela população brasileira eram a televisão, por 96% dos entrevistados e o rádio por 80%, sendo que entre os ouvintes, o maior percentual (62,1%) costumava ouvir rádio por um período de uma a quatro horas por dia. Estes dados mostram que o rádio, apesar de já ter tido sua morte anunciada, várias vezes, a primeira inclusive, com o início da televisão, ainda hoje possui grande importância no cenário nacional. Neste capítulo, traçaremos um breve panorama sobre a história do rádio no Brasil, buscando identificar suas principais características e como estas influenciam a narrativa jornalística do *Itatiaia Patrulha*.

3.1 Rádio, uma invenção que também é brasileira

O rádio não é uma invenção de um criador só, muito menos foi desenvolvido de um dia para o outro. Vários cientistas contribuíram, mesmo que indiretamente, para que tal invento fosse possível. Como afirma Magaly Prado (2012), a descoberta da eletricidade, o desenvolvimento do telégrafo e do telefone tiveram grande importância neste processo, pois permitiram, entre tantas coisas, o desenvolvimento e fortalecimento dos estudos de transmissão de mensagens à distância, terreno no qual o italiano Guglielmo Marconi e o brasileiro Roberto Landell se aventuraram, criando experimentos que, mais tarde, os destacariam como principais colaboradores na invenção do rádio. Dizemos isso porque o mérito da invenção do rádio gera controvérsias, ainda hoje, entre os estudiosos do tema. No entanto, como nosso objetivo não é entrar na discussão de quem inventou o rádio,

⁷ A Pesquisa *Hábitos de Informação e Formação de Opinião da População Brasileira* foi realizada em 2010 e aplicada em uma amostra de 12.000 domicílios, totalizando a realização de 12.000 entrevistas em 930 pontos amostrais (setores censitários), de 540 municípios em todos os Estados da Federação. Disponível em: <<http://www.secom.gov.br/pesquisas/2010-12-habitos-ii/2010-12-habitos-de-informacao-e-formacao-de-opiniao-da-populacao-brasileira-ii.pdf>>. Acesso em 24 de junho de 2013.

apresentaremos apenas as contribuições que Marconi e Landell tiveram para o seu desenvolvimento.

Em 11 de setembro de 1901, Guglielmo Marconi realizou a primeira transmissão transatlântica de um sinal de rádio. O sinal transmitido era a letra “S” em código morse e partiu da Cornualha, no sul da Inglaterra à Terra Nova, no Canadá. No entanto, para que essa transmissão fosse feita, o cientista teve que enfrentar várias barreiras, como a falta de apoio e reconhecimento do governo italiano.

O interesse de Marconi pela transmissão sem fio começa bem antes de 1901. Influenciado pelas descobertas de Hertz sobre as oscilações elétricas, Marconi queria desenvolver um processo de telegrafia sem fio. Em 1895, ele alcança seu primeiro êxito e consegue produzir as primeiras ondas de rádio, a partir da construção de um dispositivo denominado coesor, que detectava as ondas e as transformava em corrente elétrica. No entanto, para continuar suas pesquisas, o cientista precisava de mais recursos e buscou tais investimentos primeiro no governo italiano. Com a ideia rejeitada, foi então para Londres, onde conseguiu o apoio necessário para sua pesquisa.

No ano de 1898, o italiano já havia desenvolvido transmissores e receptores de longo alcance, o que possibilitou a transmissão transatlântica em 1901. Segundo Magaly Prado,

O sucesso de Marconi deu início a uma revolução mundial no campo das comunicações. Outros inventores passaram a ocupar-se do rádio, várias nações reivindicavam a primazia da invenção (na França era atribuída a Brianey, nos Estados Unidos a Lodge, na Alemanha a Staby). O próprio governo italiano viria a mostrar interesse tardio e oferecer a Marconi o navio Carlos Alberto para outras experiências. (PRADO, 2012, p. 32).

Porém, enquanto alguns países reivindicavam a invenção do rádio, no Brasil, um dos possíveis inventores era negligenciado e esquecido. Antes mesmo que Marconi alcançasse seu primeiro êxito em 1895, o padre gaúcho Landell de Moura já fazia experimentos de transmissão nas cidades de Campinas e São Paulo. Em 1892, o padre construiu um aparelho com válvulas e fez a primeira transmissão de voz humana à distância. No entanto, o experimento provocou medo na população, sendo o padre taxado como louco e bruxo. Sem obter os recursos necessários para seus experimentos e nem o auxílio do governo brasileiro, o padre só alcançou reconhecimento após sua morte, podendo, segundo César Santos (apud PRADO, 2012), ser considerado o primeiro radioamador em telegrafiafonia e o primeiro comunicador da radiodifusão.

Apesar de não se poder definir ao certo quem inventou o rádio, tanto Marconi quanto Landell de Moura tiveram papéis importantes nesta história. Porém, diferentemente de

Landell, Marconi deu prosseguimento às pesquisas, sendo sua companhia a responsável por desenvolver o primeiro protótipo do rádio. Segundo Milton Jung (2004), no início do século XX, o russo David Sarnoff, que trabalhava na *Marconi Company*, desenvolveu um equipamento que reunia autofalantes e válvulas amplificadoras na mesma caixa, sendo tal equipamento o protótipo do rádio como conhecemos hoje.

3.2 O rádio conquista o Brasil

Apesar do Rio de Janeiro ser considerada a primeira cidade brasileira a instalar uma emissora de rádio, existem documentos que comprovam que o rádio já estava presente no país desde 1919, tendo nascido no Recife, com a Rádio Clube de Pernambuco⁸. Porém, oficialmente, a história do rádio começa alguns anos depois, em 07 de setembro de 1922, como parte das comemorações do Centenário da independência. Como explica Jung,

Pelos auto-falantes era possível ouvir transmissões feitas a longa distância, sem fio – ou *wireless*, para usar expressão da moda, na época. O mesmo som chegava a receptores espalhados em outros pontos da Capital Federal, além de Niterói, Petrópolis e São Paulo. (JUNG, 2004, p. 21)

Através de 80 receptores, membros da sociedade carioca puderam ouvir em casa o discurso do Presidente Epitácio Pessoa. A empresa responsável pela empreitada foi a *Westinghouse*, que instalou uma emissora com um transmissor de 500 watts localizado no alto do Corcovado. Após a inauguração, as pessoas ainda puderam acompanhar por alguns dias a transmissão de óperas direto do Teatro Municipal. No entanto, apesar do impacto causado, a falta de um projeto específico fez com que as transmissões logo fossem encerradas. (Ortriwano, 1985)

O ano de 1923 marca definitivamente a implantação da radiofusão no país. Em 20 de abril, Roquette Pinto e Henry Morize dão início à *Rádio Sociedade do Rio de Janeiro*. Apesar das transmissões esporádicas, a rádio foi a primeira a atuar com regularidade, graças ao financiamento do governo federal que emprestou os transmissores da Praia Vermelha à emissora. Para manter seu funcionamento, a rádio contava com seus ouvintes que também eram associados. Como explica Gisela Ortriwano, “o rádio nascia como meio de elite, não de massa, e se dirigia a quem tivesse poder aquisitivo para mandar buscar no exterior os aparelhos receptores, então muito caros.” (ORTRIWANO, 1985, p. 14).

⁸ Segundo Prado, há desencontros sobre como se efetuaram as primeiras transmissões em território pernambucano. Alguns autores consideram que as transmissões da Rádio Clube de Pernambuco só se consolidaram em 1923, já que até então a programação tinha como base uma comunicação de radiotelegrafia com captação de sinais em código Morse.

No início, a programação da rádio centra-se na transmissão de óperas, recitais de poesia, concertos, palestras culturais, ou seja, uma programação mais voltada para os gostos das elites. Porém, apesar do conteúdo seletivo, desde os primórdios, Roquette Pinto via no rádio um potencial muito maior, e segundo Ortriwano, ele não tinha dúvidas, de que o veículo se transformaria num meio de comunicação de massa. “E, devido a essa certeza e à vontade de divulgar a ciência pelas camadas populares, muitas iniciativas foram tomadas no sentido da implantação efetiva da radiofusão no Brasil”. (ORTRIWANO, 1985, p. 14).

Ainda nos anos 20, o rádio começa a se espalhar em todo o país. As primeiras emissoras surgem como clubes ou sociedades, mantendo-se a partir das mensalidades daqueles que possuíam aparelhos receptores, de doações ou, em raríssimos casos, da veiculação de anúncios pagos, já que neste período eles eram proibidos pela legislação.

A partir da década de 30, o rádio sofre intensas transformações, já que em 1931 surge o primeiro documento sobre radiofusão que permite os anúncios ou reclames, como eram conhecidos na época. A partir de então, os reclames se tornam os principais responsáveis por garantir a sobrevivência das rádios, influenciando ainda, no tipo de programação.

O que era “erudito”, “educativo”, “cultural” passa a transformar-se em popular, voltado ao lazer e à diversão. O comércio e a indústria forçam os programadores a mudar de linha: para atingir o público, os “reclames” não podiam interromper concertos, mas passaram a pontilhar entre execuções de música popular, horários humorísticos e outras atrações que foram surgindo e passaram a dominar a programação. (ORTRIWANO, 1985, p. 15)

Em busca de audiências cada vez maiores, as rádios passam então a funcionar como empresas, investem e passam a contratar profissionais especializados. Os programas agora são preparados com antecedência e investe-se para que eles se popularizem por meio da criação de ídolos populares. Além disso, a linguagem do rádio se torna mais coloquial, mais direta e de entendimento fácil, e a programação passa a ter horário fixo. Acabara-se o período de inocência e experimentação da rádio e começava a concorrência. Segundo Ortriwano, os empresários viam no rádio um meio eficiente de anunciar seus produtos, já que, diferentemente do impresso, ele alcançava também os analfabetos.

Além do viés econômico, a década de 30 também será marcada pela consolidação do papel político do rádio, sendo Getúlio Vargas um dos primeiros governantes brasileiros a reconhecer o potencial do veículo. O governo não só terá programas veiculados nas rádios, como “A voz do Brasil”, como também criará departamentos de controle e fiscalização da programação radiofônica. Como explica Prado, nessa década, o rádio se configura como o principal meio de massas no Brasil, tendo um papel fundamental na política após o golpe de

Estado de 1937. “Primeiro o governo apenas distribui noticiário. Depois, começa a produzir um programa para ser retransmitido em cadeia nacional, todas as noites, divulgando exclusivamente notícias favoráveis ao governo e louvores à ditadura do Estado Novo”. (PRADO, 2012, p. 107)

Assim, no decênio de 30, o rádio se configura não só como importante ferramenta econômica, como também política. Tal papel permite que o veículo defina seus caminhos e se desenvolva como uma mídia nacional. Diferentemente do impresso, que tinha um caráter mais erudito, o rádio será um importante veículo de mobilização das massas. Por meio dele, as classes médias urbanas, principal público ouvinte, passam a se considerar “parte integrante do universo simbólico representado pela nação. Pela rádio o indivíduo encontra a nação, de forma idílica: não a nação ela própria, mas a imagem que dela se está formando” (ORTRIWANO, 1985, p. 19). A década de 30 é assim o ponto de partida para que a rádio se desenvolva e viva na década de 40 seu período de auge.

3.3 Entre a informação e a dramaticidade: a era de ouro do rádio

Apesar de ter sido inaugurado em 1922, o rádio experimenta sua época de ouro vinte anos depois, a partir da década de 40. Cada vez mais as emissoras de rádio lutam para consolidar e aumentar sua audiência, e para isso buscam meios para se popularizarem.

Uma das rádios de maior destaque neste período é a *Rádio Nacional do Rio de Janeiro*. Criada em 1936, a Nacional assume nos anos 40 o primeiro lugar de audiência, mantendo-se em destaque por mais de 20 anos. Segundo Prado (2012), a emissora contribuiu para o projeto de integração nacional e da cultura desenvolvimentista do governo, sendo responsável por um dos programas jornalísticos de maior sucesso no rádio, o *Repórter Esso*. Além disso, a emissora contava com uma programação de destaque, onde predominavam os musicais e a ficção, além de um grande elenco. Em 1942, ela foi responsável pela veiculação da primeira radionovela - *Em busca da felicidade*. O sucesso é tão grande que logo o gênero se prolifera e passa a fazer parte da programação de praticamente todas as emissoras, sendo que em 1945, só a *Rádio Nacional* veiculava 14 novelas diariamente.

As primeiras radionovelas brasileiras têm grande influência das novelas cubanas, sendo os autores, a princípio, trazidos do exterior. Com o sucesso das radionovelas, as emissoras investem então na busca de autores brasileiros que atendessem às necessidades e interesses locais.

As radionovelas exerciam grande poder de influência no cotidiano nacional, devido ao seu conteúdo direcionado à vida dos brasileiros, com tramas envolventes e, conseqüentemente, ocupavam os melhores horários de transmissão assim como boa parte da programação das emissoras. (CHAVES *apud* PRADO, 2012, p. 139)

Para a elaboração das radionovelas, as emissoras contavam com grande elenco de atores, além de técnicos especializados. Prado explica que só a *Rádio São Paulo* contava no período de auge das radionovelas com um elenco fixo de duzentos radioatores, sendo que cada produção absorvia em média dez atores. Já a *Rádio Nacional* chegou a transmitir além das novelas, cerca de dez radioteatros completos diariamente, contando com cento e cinquenta radioatores.

O sucesso das radionovelas era tanto que as músicas-tema das radionovelas também alcançavam grande impacto sobre o público, além das revistas de rádio, que tinham como principal objetivo relatar as histórias, fotografias, dados pessoais e informações sobre as novelas, atores, cantores e apresentadores do rádio. Chaves (*apud* PRADO) atribui o sucesso das radionovelas neste período ao seu caráter melodramático e à construção narrativa que aguçava a imaginação dos ouvintes.

Suspiros, lágrimas, risos e sonhos são provocados no público-ouvinte pelas histórias irradiadas, levando-os a imaginar o mocinho, a mocinha, os bandidos, os cenários e a desejarem um destino para eles. Essa construção e esse prazer advindos das histórias têm sua fonte transmissora na voz e nos sons próprios ao gênero radionovela, que, apesar de muitas vezes ser compartilhado coletivamente, alcança os ouvintes de modo individualizado. (CHAVES *apud* PRADO, 2012, p. 140)

É na década de 40 também que algumas emissoras começam a se especializar em determinados campos de atividades. Em 1947, a *Rádio Panamericana* de São Paulo se especializa na cobertura esportiva. Esta é também a fase em que o radiojornalismo começa a se estruturar, com o lançamento de alguns jornais que marcaram definitivamente o gênero. Entre eles, Ortriwano destaca o *Repórter Esso*, o *Grande jornal falado Tupi* e o *Matutino Tupi*.

Ao falar da história do rádio e do radiojornalismo não podemos deixar de fazer referência ao radiojornal que mudou os padrões do fazer jornalístico no rádio. Criado em 1941 e transmitido inicialmente pela *Rádio Nacional*, o *Repórter Esso* surge com o objetivo de informar sobre os principais acontecimentos da II Guerra Mundial. Com o slogan “testemunha ocular da história”, o radiojornal esteve no ar por 27 anos, noticiando os principais acontecimentos do Brasil e do mundo. Organizado pela UPI - *United Press International*, o *Esso* seguia as normas rígidas e funcionais dos noticiários radiofônicos norte-americanos, sendo uma importante ferramenta de aproximação dos países latinos com a política norte-americana. Além de atender a interesses políticos internacionais, o *Repórter Esso* será

importante por propor o primeiro modelo organizado de noticiário voltado para as características próprias do rádio. Como explica Jung, no radiojornal

A notícia era redigida em períodos curtos e de forma direta. Tinha textos objetivos, sem adjetivos. Ao proibir o uso de orações intercaladas, eliminava a prática comum na época de se ler os textos da mesma maneira que eram escritos pelas agências de notícia, produzidos para serem publicados nos jornais impressos. (JUNG, 2004, p. 32)

O noticiário também se diferenciava por sua leitura dramática. O locutor Heron Domingues transmitia em sua locução a emoção dos campos de batalha durante a guerra. O locutor, que foi a voz mais conhecida do radiojornal, foi responsável pela criação de um modelo de noticioso radiofônico com locução e forma de apresentação própria, e por criar um padrão para medir o tempo de leitura de cada lauda, tornando assim possível calcular o tempo de duração do jornal. Domingues foi ainda, em 1948, o criador do primeiro departamento de jornalismo de uma emissora radiofônica. O locutor implantou na *Rádio Nacional* a Seção de jornais Falados e Reportagens, que contava com uma equipe composta por quatro redatores e uma espécie de editoria de política.

A época de ouro do rádio termina coincidentemente com a chegada da televisão no Brasil, na década de 50. A televisão busca no rádio seus primeiros profissionais, imita seus quadros e carrega com ela os investimentos publicitários. Para concorrer com a tevê, o rádio tem que buscar então uma nova linguagem, que fosse também mais econômica.

O rádio aprendeu a trocar os astros e estrelas por discos e fitas gravadas, as novelas pelas notícias e as brincadeiras de auditório pelos serviços de utilidade pública. Foi se encaminhando no sentido de atender às necessidades regionais, principalmente em nível de informação. Começa a acentuar-se a especialização das emissoras, procurando cada uma delas um público específico. (ORTRIWANO, 1985, p. 21-22).

Assim, a concorrência com a televisão faz com que as rádios assumam uma nova lógica de funcionamento, estruturando-se a partir do tripé jornalismo, esporte e entretenimento. Os shows de auditório dão lugar à música gravada, já que os artistas agora dão preferência aos auditórios da televisão, devido aos melhores cachês. Como explica Jung, muitas rádios se transformam em verdadeiros “vitrolões”, executando músicas gravadas com forte influência americana. No entanto, as emissoras que apostam no radiojornalismo também são bem sucedidas, ganhando, segundo o autor, a marca da credibilidade.

Além do surgimento da televisão, outra invenção marcará a década de 50 e consequentemente a história do rádio. Segundo Prado, a chegada do transistor livrou o rádio da obrigatoriedade dos fios e tomadas, permitindo a mobilidade do meio de comunicação. “A partir do transistor, o público pressuposto do rádio passou a ser um ouvinte móvel, o que não

aconteciam anteriormente quando as famílias se reuniam na sala ao redor do aparelho” (PRADO, 2012, p. 215-216). Tanto a televisão quanto o transistor ajudam o rádio a descobrir um novo caminho. Ele entra cada vez mais na intimidade dos lares, estando presente na sala, na cozinha, nos quartos e também nas ruas, nos automóveis, no trabalho, nas universidades, em qualquer lugar.

A partir da década de 50, a produção de rádio se aproxima cada vez mais do ouvinte. As emissoras investem na regionalização e também na especialização da programação, sendo este um terreno propício para o desenvolvimento do radiojornalismo policial.

3.4 Criminalidade em pauta

Como dito anteriormente, o *Itatiaia Patrulha* caracteriza-se como um programa de radiojornalismo policial. Devido a isso, além de apresentar a história do rádio e seu desenvolvimento, acreditamos ser importante pensar sobre este tipo específico de jornalismo que, como o jornalismo popular, também influencia na construção narrativa do programa.

No Brasil, o radiojornalismo policial se desenvolve a partir dos anos 50, sendo que, a princípio, as notícias relacionadas ao gênero policial eram inseridas dentro do noticiário, dividindo espaço com notícias sobre política, economia, esportes, etc. Segundo Pacheco (2005), fatos como assaltos, roubos e crimes eram agrupados em uma única seção e ganhavam tratamento especial, evitando-se a distorção e o exagero em sua veiculação.

Com o tempo, porém, os noticiários policiais passam a despertar o interesse das emissoras mais populares, que buscam conquistar a audiência das classes mais pobres por meio deste tipo de notícia. Emissoras como *Gazeta*, *Globo* e *Tupi* passam a veicular programas exclusivamente policiais, que se destacavam por transmitir a notícia mesclando um estilo de radioteatro e jornalismo. Como explica Pacheco, a expressividade e dramaticidade do jornalismo policial foram ganhando proporções crescentes e grande penetração nas classes sociais de baixa renda. O segredo para tanto sucesso estaria relacionado não só às características do rádio, como veículo de fácil acesso, barato e que pode ser ouvido em qualquer lugar, como também às características próprias do jornalismo policial radiofônico.

Conforme relata Lopes (1988), a receita de sucesso do noticiário policial baseia-se simplesmente na narração e dramatização dos próprios fatos, “criando um clima de suspense crescente e de envolvimento emocional da rádio novela” (p. 125). Os efeitos e trilhas sonoras para tornar o cenário mais real possível contribuíam para ampliar a tensão dos ouvintes que acompanhavam os fatos contados em forma de história. (PACHECO, 2005, p. 13)

Em 1950, o programa *O crime não compensa* era sucesso na Rádio Record. Veiculado às sextas feiras, o programa consistia em um diálogo entre o locutor Gastão do Rego Monteiro e o delegado Leite de Barros sobre um crime que tivesse abalado a opinião pública durante a semana. Programas como este foram se espalhando por todo o país, sendo que alguns marcaram época, como o *Programa do Gil Gomes*.

Transmitido pela *Rádio Record*, nas décadas de 70 e 80, o programa fazia sucesso pelo modo com que o locutor apresentava os fatos. Gil Gomes dramatizava os casos ocorridos na periferia da cidade de São Paulo, como crimes violentos e misteriosos, histórias de amor e ciúme, etc.

O que Gil Gomes faz, então, é descrever, minuciosamente, com abundância de imagens e adjetivos, as condições de vida, as origens e as características físicas, tantos das “vítimas”, quanto dos “bandidos”. Os casos relatados são fatos que acontecem diariamente na cidade de São Paulo e cujos dados são obtidos em delegacias de polícia, em entrevistas com bandidos, ou com suas vítimas, ou então, em relatos detalhados, feitos por pessoas que diariamente, procuram o radialista e sua equipe para pedir algum tipo de ajuda. (COSTA, 1989, p. 9)

O sucesso do programa é tão grande que outros programas vão copiar sua fórmula, misturando informação e dramaticidade. Como aponta Costa (1989),

Com estilos variados, estes programas policiais radiofônicos tornaram-se cada vez mais numerosos em quase todos os Estados do Brasil e alguns, atualmente, retomam as antigas fórmulas de novelas radiofônicas para noticiar crimes. Este é o caso do programa “Aconteceu”, transmitido pela Rádio Atalaia, de Curitiba, que, a partir de 1988, dramatiza - com atores, diretor, sonoplasta – as notícias policiais do Estado do Paraná, do Brasil e até do exterior. (COSTA, 1989, p. 8)

Seguindo a tendência de programas de cobertura policial, a *Rádio Itatiaia* veiculava na década de 60, o programa *Rádio Polícia* que, segundo Prata (2011), apresentava uma vertente cômica do mundo do crime. O programa era veiculado no horário do almoço, de 12h30 às 13h, e mais tarde deu lugar ao *Polícia é Notícia*, hoje extinto. Entre os programas policiais, o *Itatiaia Patrulha* foi o único que manteve-se fixo na grade de programação da *Rádio Itatiaia*. Criado em julho de 1975, o programa mantém até hoje a mesma fórmula, trazendo como temática central a violência na região metropolitana de Belo Horizonte.

Segundo Pacheco, os programas policiais ainda hoje continuam sendo sucesso no rádio, sendo muitas vezes responsáveis pelos picos de audiência das emissoras. Porém, ao mesmo tempo em que são sucesso de público, programas de cobertura policial recebem também muitas críticas, sendo muitas vezes, resumidos à exploração de dramas humanos e acusados até mesmo de ficcionalizar os fatos narrados. Como aponta Heródoto Barbeiro (*apud* Nunes, 1999),

Os programas policiais, de grande audiência, criam em cima dos fatos. Escapam do campo jornalístico e partem para a literatura da ficção. Apoiados em nomes de vítimas e agressores, e de fatos acontecidos, criam uma história irreal, mas que cativa uma massa de ouvintes. Com maior liberalidade e sem nenhuma responsabilidade civil e criminal, chamam-se pessoas de assassinos, ladrões, contrabandistas, etc. Neste tipo de programa ninguém é suspeito de nada. É ou não é culpado. O critério de julgamento não cabe à justiça, mas ao produtor-apresentador do programa. Assaca-se contra a honra alheia e nada acontece. (BARBEIRO *apud* NUNES, 1999, p. 79)

Encontramos críticas a tais práticas também no *Manual de jornalismo em Rádio da Rádio Itatiaia*. O manual critica a falta de cuidado que muitos repórteres têm nestes programas, ao afirmar que, mesmo que a lei institua que toda pessoa é inocente até que se prove o contrário, as coberturas da imprensa, seja falada, escrita ou televisionada, têm feito exatamente o contrário. “Acusado é acusado, suspeito é suspeito. Indiciado é indiciado, réu é réu. Mas nunca são tratados assim, mas como criminosos, homicidas, ladrões, estelionatários, assassinos, sequestradores, estupradores”. (CARVALHO, 1998, p. 121). O manual também adverte os repórteres para o tipo de tratamento que deve ser dado aos suspeitos de crimes, já que o jornalista não poderia simplesmente assumir o papel da justiça e determinar qual o tipo de crime cometido, nem quem o cometeu.

Jamais se pode atribuir um crime a alguém, a menos que ele tenha sido preso em flagrante (e não exista dúvida sobre sua culpa) ou tenha confessado o ato.

Não se deve também usar rótulos que envolvam julgamentos, a não ser que a sentença já tenha sido proferida e seja irrecorrível. [...] (CARVALHO, 1998, p. 121)

Ao nos depararmos com tais advertências no manual de jornalismo da *Rádio Itatiaia*, nos questionamos se de fato os repórteres têm assumido as posturas previstas no Manual. Como apontamos no capítulo anterior, muitos programas jornalísticos assumem o papel de tribunal, julgando seus entrevistados e até mesmo emitindo sentenças para eles. Devido a isso, buscaremos em nossa análise observar se de fato estas orientações têm sido cumpridas, ou se são meramente registradas pelo manual da rádio, por serem juridicamente corretas, mas esquecidas pela prática da atividade jornalística. Além disso, observar o tratamento e as denominações dadas pelos repórteres aos acusados é importantíssimo em nosso estudo, afinal buscamos perceber quais representações dos criminosos estão presentes no *Itatiaia Patrulha*.

Após apresentar brevemente o contexto nacional no qual o programa *Itatiaia Patrulha* surge, voltamos nosso estudo para as características e linguagem do rádio, que são componentes essenciais de qualquer narrativa radiofônica.

3.5 Características e linguagem radiofônica

Assim como a televisão e o impresso, também o rádio tem características e uma linguagem que lhe são próprias. Tais características não só marcam o veículo, como também constituem cada um de seus programas. Devido a isso, antes de apresentarmos a dinâmica do *Itatiaia Patrulha*, é importante discutir as características e linguagem do rádio mostrando como elas contribuem para o desenvolvimento do radiojornal que será analisado.

Diferentemente dos meios audiovisuais e escritos, o rádio conta com a voz, abolindo assim a presença corpórea de quem fala. Segundo Silva (1999) o rádio atua como um meio cego, que “lança signos no éter e luta contra a fugacidade para perpetuar a sua mensagem na memória de seus rádio-ouvintes”. (SILVA, 1999, p. 42).

Ao comparar os meios eletrônicos auditivos e audiovisuais à escrita, Paul Zumthor (2000) destaca como um diferencial seu modo de recepção, pois o que os meios eletrônicos “transmitem é percebido pelo ouvido (e eventualmente pela vista), mas não pode ser lido propriamente, isto é, decifrado visualmente como um conjunto de signos codificados da linguagem”. (ZUMTHOR, 2000, p. 18). Tal condição faz com que o rádio tenha que buscar técnicas, muitas delas, similares ao modo de narrar das sociedades primárias, que assegurem a assimilação e a memorização de sua mensagem. (SILVA, 1999). Tais técnicas estão presentes em sua linguagem como também são fruto de características que são próprias do veículo.

Em seu estudo sobre rádio, Gisela Ortriwano (1985) destaca oito características que seriam próprias desse meio de comunicação: linguagem oral, penetração, mobilidade, baixo custo, imediatismo, instantaneidade, sensorialidade e autonomia. Segundo a autora, elas seriam responsáveis não só pelo sucesso do veículo, como também por sua sobrevivência mediante a concorrência com os outros meios de comunicação.

Por ser um veículo que fala, para receber a mensagem radiofônica basta ouvir. A linguagem oral proporciona então ao rádio vantagem em relação aos veículos impressos, que demandam do seu público o domínio da leitura, por exemplo. Tal característica impulsiona o crescimento do rádio como meio de informação, principalmente antes do surgimento da televisão, pois o rádio conquista uma audiência que não precisava ser necessariamente alfabetizada, o que dá a ele maior penetração nas camadas populares. Ainda em relação à penetração, a autora destaca a abrangência do rádio no território nacional, que pode chegar até mesmo aos pontos mais remotos. Além disso, ao mesmo tempo em que ele permite que mensagens de várias partes do país cheguem a um mesmo lugar, ele também favorece o regionalismo, por meio das emissoras locais. Por ser muito mais barata que a produção

televisão ou a imprensa, a produção radiofônica demanda bem menos recursos e profissionais, o que favorece o desenvolvimento de pequenas emissoras. O baixo custo do aparelho de rádio também se destaca como uma vantagem, pois se a televisão, assim como o rádio não exige um público leitor, ela exige um poder aquisitivo bem maior de seus telespectadores do que o rádio de seus ouvintes.

A mobilidade do rádio é outro destaque. Segundo Ortriwano, ela se dá em dois aspectos. O primeiro está relacionado ao emissor, que com a utilização de unidades móveis de transmissão, pode se deslocar mais facilmente para o local dos acontecimentos e transmitir as informações mais rapidamente. É evidente que na época em que a autora escreveu isso, a internet não era tão acessível como hoje, mas ainda assim, entre os veículos de informação tradicionais (rádio, televisão e impresso), o rádio continua em vantagem, pois os repórteres podem, por exemplo, fazer entrevistas via celular e transmiti-las ao vivo. O segundo aspecto da mobilidade se relaciona ao receptor, que não precisa ficar em casa ao lado do aparelho. O rádio pode acompanhar o ouvinte em todos os lugares, estando atualmente disponível em outras mídias, como celulares e na própria *web*.

Relacionado à mobilidade do emissor, o imediatismo do rádio permite que os fatos sejam transmitidos no momento imediato em que acontecem, na medida em que o aparato técnico de transmissão é bem menor que o da televisão. Além disso, o rádio não exige a mesma elaboração que o impresso e a televisão para veicular a notícia. O repórter muitas vezes, conta apenas com um aparelho celular e nem precisa estar no local do fato para noticiá-lo. Do carro ou da própria redação é possível apurar os acontecimentos, fazer entrevistas.

Já a instantaneidade poderia ser vista como uma vantagem e uma desvantagem. Vantagem, na medida em que implica que a mensagem do rádio é ouvida no momento em que é transmitida, e desvantagem, pois se o ouvinte não estiver exposto ao meio naquele instante, a mensagem não chegará até ele. No entanto, a presença das rádios também na internet tem proporcionado aos ouvintes o acesso a alguns programas mesmo depois de sua transmissão, o que, de certa forma, faz com que a instantaneidade não restrinja o acesso do público à informação.

Já a sensorialidade diz do potencial de envolvimento do rádio, do trabalho com a imaginação do ouvinte. Diferentemente da televisão e do impresso, que tem a imagem, o rádio usa as palavras e os sons para construir suas imagens. José Eugênio Menezes (2007) diz que o rádio nos desafia a criar nossas próprias imagens. Ao ouvir uma música, por exemplo, “somos provocados a criar nexos e sentidos, imaginarmos um conjunto de cenas nos quais de alguma maneira nos sentimos incluídos”. (MENEZES, 2007, p. 60). Tal inclusão, a

envolvência do ouvinte, sua participação se dá por meio da criação de um diálogo mental com o emissor. Segundo Ortriwano, o rádio “desperta a imaginação através da emocionalidade das palavras e dos recursos de sonoplastia, permitindo que as mensagens tenham nuances individuais, de acordo com as expectativas de cada um”. (ORTRIWANO, 1985, p. 80)

Por fim, a autora destaca a autonomia do rádio. Livre de fios e tomadas, o rádio deixa de ser um meio de recepção coletivo e se individualiza. Tal característica faz com que o emissor possa falar com toda a sua audiência como se estivesse falando com cada um em particular. Zumthor nos ajuda a compreender o processo de individualização proporcionado pelo rádio, mesmo que seu foco seja na leitura de obras literárias. Segundo o autor, o encontro de qualquer leitor com uma obra é um processo estritamente individual, mesmo que haja uma pluralidade de leitores no espaço e no tempo. O autor cita então o processo de leitura das sociedades antigas, em que os livros eram lidos em voz alta e ouvidos por uma pluralidade de receptores. No entanto, segundo Zumthor, por mais que a recepção fosse coletiva, a relação que cada receptor tinha com a obra era individualizada. “Transmitida a obra pela voz ou pela escrita, produzem-se entre ela e seu público, tantos encontros diferentes quantos diferentes leitores e ouvintes”. (ZUMTHOR, 2000, p. 65). Podemos pensar do mesmo modo em relação ao rádio, pois por mais que este tenha diversos ouvintes, espalhados por diversos lugares, ou mesmo dividindo o mesmo fone de ouvido o que chama a atenção de cada ouvinte, o que o emociona, o envolve é diferente e faz com que a recepção seja única.

Apesar de percebermos claramente todas as características no *Itatiaia Patrulha* e reconhecermos sua importância, não podemos deixar de comentar sobre duas características de modo especial: a sensorialidade e a individualização (provocada pela autonomia). Em relação à sensorialidade, o programa usa trilhas sonoras, efeitos de modo a ambientar o ouvinte, a fazer com que ele imagine os fatos narrados. As palavras usadas por repórteres e entrevistados, muitas vezes, também assumem um caráter emocional forte, conferindo dramaticidade e emoção à narrativa. Percebemos ainda a comunicação intimista no programa. O ouvinte é tratado pelo apresentador Laudívio Carvalho sempre no singular e como alguém próximo. O locutor usa o termo “meu amigo”, “minha amiga”, conversa com o ouvinte e o convoca a todo o momento. O *Itatiaia Patrulha* não fala com “seus ouvintes”, mas com o “seu ouvinte”, de forma individualizada.

Além das características intrínsecas do rádio, outro elemento importantíssimo para a constituição da narrativa jornalística do *Itatiaia Patrulha* é a linguagem radiofônica. Como aponta Silva (1999), o rádio é um meio que reúne ao mesmo tempo elementos de naturezas diversas, como o texto verbal-escrito, a voz e os elementos sonoplásticos. A linguagem

radiofônica extrapola o verbal-oral e inclui também a música, os efeitos sonoros, o silêncio e os ruídos. Sendo todos estes elementos, segundo a autora,

incorporados em uma sintaxe singular ao próprio rádio, adquirindo nova especificidade, ou seja, estes elementos perdem sua unidade conceitual à medida que são combinados entre si a fim de compor uma obra essencialmente sonora com o “poder” de sugerir imagens auditivas ao imaginário do ouvinte. (SILVA, 1999, p. 71)

Pensando especificamente nos elementos que compõem a linguagem radiofônica, adotaremos aqueles apontados por Cyro César Silveira (2005) e Armand Balsebre (2005). Os autores apontam quatro elementos em comum: a palavra, a música, os efeitos sonoros e o silêncio, sendo a montagem radiofônica considerada por Balsebre como um quinto elemento. Segundo Silveira, independente do tempo de duração, formato, tipo de texto ou conteúdo, todos estes elementos podem ser utilizados em qualquer comunicação radiofônica.

Apontada como o primeiro elemento que compõe a linguagem radiofônica, a palavra está relacionada ao modo como a mensagem é codificada. Apesar de Silveira destacar o termo “palavra”, seu foco é muito mais na voz que, segundo ele, se configura como o elemento primordial da comunicação radiofônica. Rica nas variações, nuances e tons, a voz confere ao texto falado sentido e entendimento. Jung também destaca essa importância. Segundo o autor, mais do que uma boa escolha de palavras por parte do locutor, é preciso uma boa interpretação do texto, pois é ela que confere a notícia sua devida importância.

Se o redator tem que encontrar a palavra certa para contar uma história, o apresentador tem de perceber o valor de cada uma dessas palavras. Por isso precisa entender o que está escrito e dominar os temas tratados no noticiário. Compreendendo, transmite com precisão e informa com clareza. A imitação vocal é fundamental nesse processo, à medida que a emissão da voz pode fazer com que uma mesma frase assumam diferentes sentidos. (JUNG, 2004, p. 119-120)

Já Armand Balsebre (2005) destaca a palavra como o eixo que integra o texto e a improvisação verbal. Segundo o autor, ao ler um texto, o locutor tem que imprimir naturalidade à sua fala, criar uma certa intimidade com o ouvinte, “sendo necessário integrar na redação todos os recursos expressivos que conotam a referida impressão de realidade acústica, dando a mesma sensação de naturalidade e espontaneidade do discurso improvisado”. (BALSEBRE, 2005, p. 330). Entre os recursos que garantem essa impressão, a entonação e o ritmo da fala são apontadas pelo autor como essenciais.

A música é o segundo elemento apontado pelos autores. Segundo Silveira, é ela que confere dinâmica e ritmo ao texto. Já Balsebre atribui à música o papel de produzir sensações, além de contribuir para a criação de imagens sonoras. Associada à palavra, a música confere ao texto mais harmonia, tendo duas funções estéticas básicas: “expressiva, quando o

movimento afetivo da música cria ‘clima’ emocional e ‘atmosfera’ sonora, e descritiva, quando o movimento espacial que denota a música descreve uma paisagem, a cena de ação de um relato”. (BALSEBRE, 2005, p. 333). Assim, a música assume o papel de imagem no rádio, sendo que seu ritmo e melodia conferem movimento, cor e harmonia ao texto. “Associamos uma música a uma determinada imagem e a um movimento afetivo porque imagens semelhantes já foram sugeridas por ritmos, melodias e harmonias semelhantes anteriormente.” (BALSEBRE, 2005, p. 333).

Assim como a música, os efeitos sonoros contribuem para a ambientação do ouvinte, dando contornos ao entendimento do texto. Os cenários, que no rádio não são vistos, ganham formas através destes efeitos e também da música. Segundo Balsebre, durante algum tempo os efeitos sonoros foram considerados apenas como som ambiente, como um fator de verossimilhança e ambientação objetiva. No entanto, hoje, eles superam esta função meramente descritiva, tendo em resumo quatro funções: ambiental, expressiva, narrativa e ornamental. A função expressiva está relacionada ao fato de que os efeitos sonoros, muitas vezes, remetem e despertam no ouvinte determinadas emoções, um movimento afetivo. A função narrativa se dá quando o efeito é usado na narrativa para conectar cenas, como, por exemplo, o barulho dos pássaros que expressa, sem o uso de palavras, um novo dia. Já a função ornamental é mais estética, conferindo harmonia ao conjunto e fortalecendo o envolvimento afetivo do ouvinte e a produção de imagens auditivas. É importante ressaltar que Silva, ao falar sobre os efeitos sonoros, vai chamá-los também de ruídos desejáveis. Segundo a autora, os ruídos ou efeitos sonoros conferem à narrativa informações, pistas sobre aquilo que está sendo narrado, atuando “como índice do objeto representado a fim de que o ouvinte reconheça e estabeleça associações, que, pelo caráter referencial assumido pelo ruído, dá-se por contiguidade”. (SILVA, 1999, p. 76).

Já o silêncio, segundo Balsebre, delimita núcleos narrativos, constrói o movimento afetivo, além de atuar como um distanciador, pois “proporciona a reflexão e contribui para o ouvinte adotar uma atitude ativa em sua interpretação da mensagem” (BALSEBRE, 2005, p. 333). Segundo Silva, o silêncio pode assumir diversos significados na narrativa, representando a morte, mistério, dúvida, expectativa. Percebemos que no *Itatiaia Patrulha* a principal função do silêncio é dar ênfase a certas palavras. O programa usa as pausas, de modo a pontuar as frases e enfatizar, dar destaque para o que está sendo dito.

Apontada por Balsebre, a montagem radiofônica seria responsável dentro da linguagem radiofônica pela criação de um novo conceito de real: a realidade radiofônica.

Com o desenvolvimento da tecnologia é possível cortar e colar o material sonoro, alterar a qualidade e a natureza da fonte sonora, sua velocidade, entre outros recursos que a montagem radiofônica proporciona, contribuindo para a criatividade e intenção comunicativa e expressiva do autor da mensagem. (BALSEBRE, 2005, p. 334)

A montagem radiofônica é também responsável por criar nexos na narrativa, por contrapor os sons, criar imagens sonoras, despertar por meio dos sons e silêncios a atenção e a emoção do ouvinte. Marcado pela continuidade dramática, o relato radiofônico tende a contar histórias, podendo-se definir a reportagem de rádio como “dramaturgia da realidade” e o rádio-teatro como “dramaturgia da ficção” (Balsebre, 2005).

Apresentamos aqui os principais elementos que compõem a linguagem radiofônica e que estão presentes na narrativa do *Itatiaia Patrulha*. No entanto, mais do que apresentar os elementos desta linguagem, Silva chama a atenção para a importância de pensá-los dentro do contexto cultural em que estão inseridos. Segundo a autora, embora, tecnicamente, o texto radiofônico assuma características similares em diferentes culturas, a estruturação de seus elementos constituintes recebe, na cultura latina, uma abordagem diferenciada, marcada por certas peculiaridades, que segundo Silva são fruto não só da mistura das línguas e etnias do qual a cultura latina é produto, como também da introdução tardia da escrita. Devido a isso, ao pensar a linguagem radiofônica é preciso considerar seu contexto cultural, principalmente o brasileiro, pois como aponta Silva,

encontramos, no Brasil, a possibilidade latente de uma abordagem diferenciada de todos os elementos da radiofonia. Particularmente no texto verbal-escrito produzido para o rádio, as possibilidades residem na sua potencialidade em extrapolar a lógica da língua, desverbalizando as palavras, buscando no ritmo das vogais abertas, nas rimas e na estruturação coordenada dos elementos da oração recuperar qualidades de seu referente, aproximando-se, dessa forma, muito mais da organização dos textos orais desenvolvidos pelas comunidades que não tinham o signo escrito para intermediar suas comunicações, “mas que tinham a língua como um modo de ação e não somente uma contra-senha do pensamento”. (Malinowski *apud* Ong, 1982:39). (Silva, 1999, p. 44).

Identificamos no *Itatiaia Patrulha* a presença de tais peculiaridades, que refletem não só a cultura popular brasileira, como também, de modo particular, traços da cultura mineira. Não só as entrevistas mantêm um linguajar próprio ao de Minas, como por exemplo, o corte de certas sílabas na pronúncia das palavras, como também apresentam certas expressões próprias da cultura mineira. Além disso, percebemos também uma forte presença da oralidade, mesmo nos textos escritos previamente. Principalmente no papel do apresentador, que lê alguns textos durante o programa, percebemos o cuidado para garantir o ritmo de leitura, expresso não só na escolha das palavras, como no tom empregado e nas ênfases -

muitas delas conferidas através do silêncio - que ele dá a certas sílabas e palavras. A música e os efeitos sonoros também têm papel importante na narrativa, na medida em que conferem muitas vezes carga emotiva ao que é falado, ambientam o cenário da reportagem, além de tornar a reportagem mais dinâmica. Percebemos assim, que por mais que possamos falar separadamente dos elementos da linguagem radiofônica, estes se complementam e garantem a riqueza da narrativa e sua unidade por meio desta complementaridade.

Após apresentarmos as principais características do rádio e os elementos que compõem sua linguagem, partimos para a apresentação do nosso objeto. Começamos nosso capítulo apresentando o início do rádio no Brasil e o contexto no qual ele se desenvolveu. Para finalizar nossa apresentação do *Itatiaia Patrulha* vamos agora para o solo mineiro, berço da *Rádio Itatiaia* e do *Itatiaia Patrulha*.

3.6. Itatiaia: um novo modo de fazer rádio

Segundo Vianna (2004), é difícil definir o marco inicial da rádio em Minas Gerais. Entre os anos de 1924 e 1929, surgiram as primeiras emissoras, algumas de caráter experimental e com pouca abrangência. Nair Prata (2003) aponta a *Rádio Sociedade de Juiz de Fora*, fundada em 1926, como a pioneira em Minas Gerais. No ano seguinte surge a *Rádio Mineira*, a primeira rádio de Belo Horizonte. Vianna explica que não há um consenso em relação ao ano em que a rádio foi inaugurada, no entanto, segundo Fábio Martins (*apud* Vianna, 2004), a inauguração oficial dessa rádio só aconteceu na década de 30, no dia 06 de fevereiro de 1931. Antes disso, havia, segundo o autor, apenas transmissões de caráter experimental. Vianna destaca que mesmo com a inauguração oficial, a *Rádio Mineira*, a princípio, não atrai muitos anunciantes e conta com a colaboração de seus ouvintes, que não só emprestavam à rádio discos de música erudita, como, aqueles que tinham rádios receptores, mantinham a emissora financeiramente, contribuindo mensalmente com cinco contos de réis. Em poucos meses, porém, a situação da rádio se modifica e ela passa a veicular uma programação própria e diversificada.

Passando a transmitir o seu próprio jornal falado, crônicas que narram o cotidiano do belo-horizontino (por exemplo, o programa *Tardes Românticas*), orquestras sinfônicas, audições de tango, além dos discos da Casa Edison e do Programa Nacional, produzido pelo Governo Federal, mais tarde transformado em *A hora do Brasil* [...]. (VIANNA, 2004, p. 51)

Em 1936 surgem em Belo horizonte duas rádios que marcam a história da radiofusão mineira: a *Rádio Guarani* e a *Rádio Inconfidência*, que ainda hoje se mantêm no ar. Fundada

em 10 de agosto de 1936, por Lauro Souza Barros, a *Rádio Guarani* surge em caráter experimental tendo como base de operações a casa de seu fundador. Tempos depois, a rádio é transferida para o centro da cidade. Segundo Prata, a emissora logo ganha fama como estação de serviços, tendo como slogan: “a voz do povo”. Entre as atrações da *Guarani*, destaque para o programa de calouros *A hora do recruta*, que tinha como diferencial a presença de um carrasco que castigava os calouros que se apresentassem mal. Outro atrativo da emissora eram as histórias dramatizadas que retratavam histórias de vida, repletas de alegrias, problemas, sofrimentos. Tais histórias, muitas vezes, eram transformadas em radioteatros e contavam com a atuação dos astros e estrelas do rádio mineiro. (Prata, 2003).

Já a *Rádio Inconfidência* se configura como a primeira emissora estatal vinculada a um governo estadual. Fundada em 03 de setembro de 1936, a rádio nasce com o intuito de unir a capital ao interior. Sua programação a princípio era voltada para a elite e tinha como atrações principais óperas e concertos. Segundo Prata, a programação da *Inconfidência* só se populariza anos depois, por influência da *Rádio Nacional* - rádio de maior sucesso na época e que inspirava a programação das outras emissoras. Outro motivo para a popularização da rádio seria, segundo Prata, o desejo do então governador Juscelino Kubitschek de chegar à presidência do Brasil, sendo que para isso, ele “precisava de um veículo forte para chegar ao eleitor”. (PRATA, 2004, p. 69). Vianna destaca algumas qualidades da *Rádio Inconfidência* que fizeram com que ela se tornasse a grande líder de audiência em Minas Gerais.

Contando com apoio financeiro do governo, mantinha, além de três grandes orquestras, um *casting* com numerosos radialistas, atores, músicos e cantores populares dentre os quais Arlete Rezende, Mara Rangel, Jairo Anatólio Lima, Élsio Costa, Ricardo Parreiras, que fizeram bastante sucesso em Minas. A rádio tinha uma estrutura moderna que competia com as grandes rádios do país. (VIANNA, 2004, p. 52)

Além de marcar a história do rádio mineiro, a *Inconfidência* também se destaca na história nacional, por veicular, ainda hoje, o programa de rádio mais antigo do Brasil. *A hora do fazendeiro* foi criado cinco dias depois da rádio entrar no ar, no dia 08 de setembro de 1936 e continua sem qualquer interrupção. Segundo Prata, o programa surgiu com o objetivo de criar vínculos entre a cidade e o homem do campo.

Na década de 50, uma nova rádio surge e propõe novas formas de fazer rádio. Criada em 20 de janeiro de 1952, a *Rádio Itatiaia* “constitui um marco na história da radiofonia em Minas Gerais por encontrar um caminho novo na década de 50, deixando de lado os velhos conceitos de programação.” (PRATA, 2010, p. 144). Seu fundador, Januario Carneiro, era jornalista e já havia trabalhado em outras rádios, no entanto, mantinha o sonho de criar uma

rádio diferente: “uma rádio belo-horizontina dedicada às transmissões esportivas” (VIANNA, 2004, p. 52).

Em 1951, Carneiro consegue uma concessão para a instalação de uma rádio em Nova Lima, cidade que fica a 30 Km de Belo Horizonte. A rádio começa a funcionar em caráter experimental, porém, sua baixa potência, apenas 100 watts - a menor potência permitida por lei - proporciona um alcance muito pequeno. Dez dias depois de sua inauguração oficial em Nova Lima, a rádio recebe a autorização do presidente Getúlio Vargas para que seu escritório funcionasse em Belo Horizonte. Neste período, a cidade tinha pouco mais de 400 mil habitantes e contava com apenas três grandes emissoras de rádio (*Inconfidência*, *Guarani* e *Rádio Mineira*). Segundo Prata, “as três trabalhavam da mesma forma com elenco de atores, grandes orquestras, programas de auditório” (PRATA, 2003, p.75), já a *Itatiaia* propôs algo diferente. Ao invés de imitar os passos das outras rádios e focar sua programação nas novelas e shows de auditório, a emissora apostou suas fichas em jornalismo, prestação de serviços e, principalmente, no futebol.

Sua história é marcada pelo pioneirismo. Em 1958, foi a primeira emissora em Minas Gerais a manter a programação 24 horas no ar. Em 1959, a *Itatiaia* se torna pioneira no território mineiro ao transmitir direto do exterior a estreia da seleção brasileira no Campeonato Sul Americano. Em 1966, a emissora se destaca novamente ao transmitir a Copa do Mundo na Inglaterra, com uma equipe própria. (CARVALHO, 1998). Anos mais tarde, a *Itatiaia* ganha novo destaque por ser a primeira em Minas a transmitir sua programação ao vivo pela internet e celular.

Com mais de 60 anos de existência, a *Rádio Itatiaia* é hoje a emissora de maior abrangência em Minas Gerais, estando presente em mais de 800 municípios mineiros por meio de suas afiliadas e retransmissoras, o que equivale a 92% do território mineiro. Segundo o site da emissora, a rádio ocupa o primeiro lugar geral do IBOPE com um alcance médio de 1.705.071 ouvintes diferentes por mês e mais de 117.000 ouvintes por minuto em Belo Horizonte e região metropolitana. A maior parte dos ouvintes da *Rádio Itatiaia* AM/FM tem mais de 20 anos e pertence às classes ABC, sendo 49% da classe C, 42%, AB e 9% das classes DE.

O segredo do sucesso da rádio estaria, segundo Santos (2010), na habilidade da emissora em lidar com o sentimento de “mineiridade”, através do estabelecimento de uma relação próxima com os ouvintes, por meio de informações sobre o estado e o uso de uma linguagem próxima aos ouvintes. “A *Itatiaia* busca manter laços, despertar nos ouvintes o sentimento de pertencimento ao Estado e até à vida da própria empresa radiofônica”.

(SANTOS, 2010, p. 112). Diferentemente de muitas emissoras que retransmitem informações das grandes agências de notícias, a *Itatiaia* produz mais de 90% do conteúdo transmitido, sendo ele predominantemente de caráter local ou regional.

Segundo Prata, mesmo que a *Rádio Itatiaia* não seja o primeiro lugar de audiência em Minas ⁹e nem a número um quando o assunto é a fidelidade dos ouvintes, ainda assim, a rádio tem um papel importantíssimo no cenário mineiro. Prata explica que como Minas Gerais não é sede de nenhuma das grandes redes de televisão, concentradas no eixo Rio-São Paulo, a rádio acabou assumindo o papel de defensora dos interesses do estado.

Assim, a rádio passou a ser considerada como a mídia mais importante do Estado, já que as emissoras de TV aberta são apenas repetidoras de programação externa (com exceção da Alterosa, que retransmite a programação do SBT, mas possui produção local também) e as demais emissoras de rádio não procuraram preencher esta lacuna. [...] Desta forma, a Rádio Itatiaia é hoje a emissora que sintetiza os interesses e a cultura do povo mineiro. (PRATA, 2010, p. 145-146)

3.6.1. *Itatiaia Patrulha*: se você não quer aparecer, não deixe que o fato aconteça

Apesar de mais recente que a *Rádio Itatiaia*, o *Itatiaia Patrulha* tem uma história consolidada dentro da emissora. Sua primeira transmissão foi em 05 de julho de 1975 e desde então o programa não saiu do ar. Veiculado de segunda a sábado¹⁰, de 17h às 17h55, o programa se insere no gênero policial e tem como foco assuntos relacionados principalmente a crimes individuais. Assaltos, assassinatos, estupros e outros tipos de violência são assuntos frequentes no programa. As reportagens trazem não só a perspectiva de fontes oficiais, como policiais, como também dão voz às vítimas, acusados e testemunhas das ocorrências.

Apesar dos 50 minutos de duração, em média 30 são destinados às notícias e o restante aos anúncios publicitários, que acontecem tanto no intervalo do programa como dentro dele, por meio dos testemunhais, nos quais o próprio apresentador anuncia os produtos. O número de notícias não é fixo, mas mantém a média de quatro ou cinco notícias diárias, que se dividem entre reportagens, notas, coberturas ao vivo, entrevistas, etc. Uma importante característica do programa é a duração das reportagens, pois as principais podem ultrapassar sete minutos.

Outra marca do *Itatiaia Patrulha* é a introdução da reportagem principal, que é a reportagem que abre o programa. O apresentador Laudívio Carvalho sempre introduz a reportagem com um título de impacto e, seguido deste título, são veiculados recortes das falas

⁹ Na transmissão AM a emissora figura em primeiro lugar, mas no FM, o primeiro lugar é da Rádio Liberdade.

¹⁰ Apenas sábados em que a Itatiaia não transmite jogos de futebol.

de um ou mais entrevistados. Tal recorte situa o ouvinte e quase sempre ilustra o título da reportagem. Após essa breve montagem, Carvalho então dá outras informações sobre o caso e chama o repórter responsável pela matéria. O conteúdo das reportagens parte principalmente da interação entre repórteres e entrevistados.

Ao escutar o *Itatiaia Patrulha*, percebemos que os repórteres nem sempre partem de um roteiro fixo, sendo que muitas perguntas surgem no decorrer da entrevista. Mais do que estabelecer uma entrevista formal, os repórteres conversam com seus entrevistados, empregando uma linguagem próxima deles, com várias gírias e jargões policiais. Como aponta Sônia Caldas Pessoa, no programa

é possível encontrar exemplos de espontaneidade e improviso e não apenas a técnica de uma entrevista organizada com perguntas previamente elaboradas (Medina, 2002). Aos entrevistados é garantido o espaço para que participem de vários turnos de fala e não apenas de um ou dois, como se faz rotineiramente em outros programas jornalísticos. (PESSOA, 2010, p. 156)

De modo geral, o programa tem a maior parte de suas entrevistas gravadas com antecedência, mesmo que muitas delas tentem simular o ao vivo. Em alguns momentos, o programa também traz convidados ao estúdio, que são entrevistados pelo apresentador Laudívio Carvalho. Tais entrevistas acontecem principalmente quando são registrados fatos inesperados ou com pessoas que estejam em evidência naquele momento – caso de autoridades, delegados, políticos. Como explica Pessoa, “pode ser uma autoridade, que tem informações novas sobre um caso que está sendo apurado, ou uma vítima, que ainda não havia se pronunciado sobre uma situação atípica” (PESSOA, 2010, p. 159). A participação de suspeitos neste tipo de entrevista praticamente não ocorre, apesar de haverem registros de presos que entram em contato com o programa por telefone durante rebeliões.

Há mais de oito anos, o programa é apresentado por Laudívio Carvalho, que integra a equipe da *Itatiaia* desde 1980. O locutor iniciou sua carreira em Montes Claros, em 1977, como repórter do *Diário de Montes Claros* e como locutor da *Rádio Educadora*. Na televisão, foi apresentador dos jornais *Aqui Agora*, *Agora* e *Alterosa Urgente*, da TV Alterosa, Minas Urgente, da Band, e, durante dois anos, participou do *Programa Sílvio Santos*, no SBT, entregando prêmios da Telesena.

Laudívio Carvalho assume um papel importantíssimo na narrativa jornalística. Além de fazer as chamadas das reportagens, o apresentador emite sua opinião sobre determinados fatos, sendo o principal elo entre o ouvinte e o programa. Carvalho dialoga com os repórteres, com os ouvintes e também é o responsável pelas entrevistas no estúdio da rádio. Diferentemente de outros apresentadores de programas jornalísticos populares como Datena e

Marcelo Rezende, Carvalho assume uma postura mais moderada, sem palavrões e xingamentos, apesar de não deixar de cobrar justiça e de expressar sua indignação diante da criminalidade.

O jornalista é conhecido pelo seu bordão “Se você não quer aparecer, não deixe que o fato aconteça”. No entanto, tal bordão não foi criado por Carvalho, mas herdado por ele. A frase era usada por Glória Lopes, importante repórter policial da rádio *Itatiaia*, que ficava a frente do programa *Polícia é Notícia* e foi adotada por Carvalho como homenagem à radialista. Atualmente o apresentador acrescentou outras palavras ao bordão e encerra o *Itatiaia Patrulha* com os seguintes dizeres: “Se você não quer aparecer, não deixe que o fato aconteça. Tolerância zero. Lugar de bandido é na cadeia”.

Em relação aos repórteres, percebemos que o programa apresenta uma grande rotatividade destes profissionais, mas traz em média três repórteres a cada programa. Na semana da nossa coleta atuaram no programa os repórteres Wander Andrade, Amanda Antunes, Jaqueline Moura, Laura Rezende, Renato Rios Neto e Jardel Gama.

O site da *Rádio Itatiaia* caracteriza o *Itatiaia Patrulha* como o programa popular de maior audiência em Minas. Dados do Ibope¹¹ mostram que de setembro a novembro de 2012, a média de ouvintes do programa era de 174.701, sendo a maioria do sexo masculino (117.757) e pertencente a classe C (86.323), seguida das classes AB (73.954) e das classes DE (14.425).

¹¹ Disponível em <<http://www.youblisher.com/p/541776-Ibope-Programa-Itatiaia-Setembro-a-Novembro-de-2012/>>

4. Desenho analítico

O objetivo do nosso estudo é identificar as representações dos bandidos e das vítimas presentes no *Itatiaia Patrulha*. Como, no radiojornal, essas representações emergem principalmente a partir dos diálogos estabelecidos entre repórteres e entrevistados ou entre o apresentador e repórter/ouvintes, faz-se necessário a discussão dos conceitos de interação, performance e enquadramento, que nos ajudam a compreender como essas relações se configuram.

4.1. Interação, performance e enquadramento

O ser humano é um ser social. A todo momento estabelecemos relações, estamos em contato com o outro, nos configuramos e reconfiguramos para atender a certas expectativas sociais. É por isso que, ao pensar o indivíduo, é preciso pensá-lo em relação à sociedade, de forma interdependente. Um não pode ser pensado sem o outro, já que estão imbricados, em contínuo processo de construção. Através das relações que os indivíduos estabelecem entre si, de suas interações, é possível perceber os padrões organizadores da sociedade, os valores sociais.

Como aponta Almeida (2012), os valores estão diretamente relacionados à cultura e governam as relações que os sujeitos estabelecem entre si e com o mundo, na medida em que especificam regras de conduta e expectativas morais que orientam sua vida prática.

Dizem respeito a referências socialmente reconhecidas que definem o que merece ou não ser prezado, o que é mais ou menos bom, o que é mais ou menos ruim. Valores, portanto, são referências abstratas que adquirem materialidade nas práticas concretas dos agentes e nos diferentes discursos que circulam no mundo social. (ALMEIDA, 2012, p. 67)

Por estar inserida na sociedade, a mídia se configura como um importante palco de visibilidade para esses valores, como também para ações e comportamentos sociais dos sujeitos. Mais do que criar novas representações, a mídia se alimenta e disponibiliza representações que estão presentes na sociedade. É por isso que, ao analisar um produto midiático como o *Itatiaia Patrulha*, é possível perceber como se configuram as relações entre os sujeitos e como se organiza a sociedade. Como aponta Simmel, a sociedade é o conjunto das interações, sendo possível, a partir de cada interação social, adentrar na teia do todo, ou seja, entender a dinâmica social.

Através do conceito de *wechselwirkung* (interação, no sentido de relações mútuas, efeitos mútuos), adentramos no tecido da sociedade, na rede de entrelaçamentos,

dependências e inter-referências que constituem a sociedade enquanto tal. Se tudo está a tudo relacionado, trata-se sempre de buscar os laços dessas relações, trata-se de ver as relações mútuas, os “efeitos infinitamente múltiplos” as interações que ocorrem no mundo e na vida. (WAIZBORT, 2001, p. 97-98)

Assim a interação é sempre e principalmente uma relação mútua e múltipla, que se estende infinitamente, sendo que o resultado disso é que o todo está sempre em processo, móvel, sendo tecido continuamente. Simmel compara as interações a um jogo, que só é jogado com a participação de todos. Como explica o autor, os jogadores não jogam sozinhos, eles jogam em conjunto, em uma relação de interdependência.

Interpretando a entrevista como um jogo, percebemos que ela só acontece se a fonte aceita ser entrevistada, se ela interage com o repórter, por meio de falas ou gestos. Por mais que eles estejam, no momento da entrevista, compartilhando um mesmo espaço, a interação só acontece com a participação de ambos, quando o repórter pergunta e é respondido (seja oralmente ou gestualmente) e elabora novas perguntas a partir das informações obtidas, quando ele dialoga com seu entrevistado. Caso a fonte não aceite falar, a entrevista não acontece. Repórter e entrevistado se encontram ali em uma relação de interdependência, a fala de um depende da fala do outro, oferece respostas ao outro e configura a relação ali estabelecida, já que esta foge, muitas vezes, do âmbito exclusivamente profissional e podem emergir, na interação, relações de amizade, solidariedade ou mesmo uma relação hostil, dependendo do tratamento que se dá à fonte ou que se recebe dela.

Próximo às ideias de Simmel, G.H. Mead (FRANÇA, 2007) entende o processo comunicacional como um processo de mútua afetação, no qual todos os sujeitos estão implicados. Através do conceito de reflexividade, o autor explica que durante a interação, através do simbólico – do gesto significativo –, conseguimos antecipar a reação do outro, sua resposta, tendo então uma ideia, mesmo que hipotética, do que o outro vai compreender e ele também tem uma ideia sobre nosso entendimento. Através do gesto significativo não só estimulamos o outro, como também antecipamos sua reação futura, ou seja, temos ideias, tentamos prever o que o outro vai fazer. Neste sentido, a comunicação entre os sujeitos é um processo no qual passado e futuro são acionados pela ação no presente.

A aposta central da comunicação é esta afetação mútua: “É este controle da resposta do indivíduo, graças à absorção do papel do outro, que produz o valor desse tipo de comunicação para a organização da conduta do grupo.”(p.305-306). Na comunicação, assim, os dois indivíduos se encontram igualmente implicados, são igualmente convocados, e ambos sofrem modificações. (FRANÇA, 2007, p. 3)

Acreditamos que o conceito de reflexividade nos ajuda a compreender o jogo de perguntas e respostas da entrevista. No entanto, é preciso tomar alguns cuidados em relação à

sua interpretação. Quando Mead diz que o indivíduo tem o controle da resposta do outro, não significa que o sujeito tem o poder de manipular a fala do outro, ou de determinar o que o outro vai dizer, mas que, com suas falas e ações, ele tenta prever a reação do outro, justamente por, no momento de elaboração de sua fala, pensar também nas possíveis respostas e reações do seu interlocutor. É por isso que, por mais que o repórter estabeleça um roteiro de entrevista, elabore mentalmente como vai desempenhar seu papel e imagine como será a entrevista, é apenas no momento da interação que a entrevista de fato acontece, pois a comunicação se dá na relação entre os sujeitos envolvidos.

Voltando ao jogo de perguntas e respostas, no momento da entrevista, tanto repórter quanto entrevistados têm uma bagagem cultural e interesses envolvidos. O repórter não pode determinar o que seu entrevistado vai responder, no entanto, pode prever possíveis respostas e configurar suas perguntas de acordo com seus objetivos. Percebemos, muitas vezes, que o repórter elabora sua pergunta a fim de encurralar seus entrevistados, de modo que eles deem a ver aquilo que está no fundo, por exemplo, no caso de um acusado, sua confissão de culpa. Do mesmo modo, os entrevistados podem configurar suas falas de modo a convencer repórteres e ouvintes da veracidade das informações. Por conhecer as expectativas sociais por trás de seus papéis, os entrevistados conformam suas falas de modo a prever possíveis reações e expectativas dos repórteres e ouvintes.

Assim como Simmel e Mead, Goffman (1975) também olha para as interações face a face. Segundo o autor, o momento da interação é importante, pois permite que os sujeitos configurem um espaço comum e compartilhem sentidos e representações. Goffman explica que, ao estarem em co-presença, os indivíduos partilham um espaço comum, sendo que cada participante entra numa situação social carregando uma biografia já rica em interações passadas com os outros participantes e com um grande número de pressupostos culturais presumidamente partilhados. Ou seja, nossa leitura do outro é feita com base em leituras passadas e um saber cultural.

Qualquer cultura, e a nossa não é certamente exceção, parece dispor de um vasto saber oficial e imaginário no que diz respeito aos indicadores concretos de estatuto e de carácter que permitem interpretar um indivíduo. Assim, por uma espécie de pré-acordo, as situações sociais parecem ser perfeitamente concebidas para nos fornecerem uma evidência através dos diversos atributos do nosso interlocutor – ou mesmo para representar de maneira viva o que nós já sabemos. (GOFFMAN, 1999, p. 211)

Neste sentido, durante a entrevista, tanto repórter quanto entrevistado recorrem a seus saberes prévios. Ambos sabem o que é uma entrevista e como ela se configura. No caso do repórter, ele usa o conhecimento de outras entrevistas, seus saberes profissionais, técnicos e

sociais. Várias vezes percebemos que ele questiona as ações de seus entrevistados, classifica-as como boas ou ruins, interpreta os fatos reportados, usa uma linguagem próxima de seus entrevistados ou de seus ouvintes. Do mesmo modo, também os entrevistados usam de conhecimentos anteriores para compor seus papéis. Os acusados podem recorrer a seus conhecimentos jurídicos para selecionar o que podem ou não revelar, ou usam de seu saber cultural, evocando valores que deem a ver uma imagem mais positiva; do mesmo modo, os policiais também usam uma série de conhecimentos para explicar o ocorrido e mesmo classificar os atos.

Para compreender como os sujeitos interagem e constroem suas falas de modo a convencer o público sobre determinado papel social – seja ele o de vítima, policial, repórter, inocente, bandido, etc – os atores sociais vão performar, ou seja, irão administrar a impressão que os outros têm deles, de modo a convencê-los sobre seu desempenho em determinado papel. Como aponta Richard Schechner (2003), a performance ocorre apenas em ação, interação, relação, estando presente em diversas situações: vida cotidiana, artes, esportes, negócios, tecnologia, sexo, rituais e brincadeira.

Performances afirmam identidades, curvam o tempo, remodelam e adornam corpos, contam histórias. Performances artísticas, rituais ou cotidianas – são todas feitas de comportamentos duplamente exercidos, comportamentos restaurados, ações performadas que as pessoas treinam para desempenhar, que tem que repetir e ensaiar. (SCHECHNER, 2003, p. 32)

Carlson (2006) se aproxima deste pensamento e propõe que existem pelo menos três conceitos diferentes de performance: um envolvendo a exibição de habilidades, outro a exibição de modelo de comportamento reconhecido e codificado culturalmente, e um último relacionado ao sucesso da atividade, tendo em vista algum padrão de realização.

Reconhecer que nossas vidas estão estruturadas de acordo com modos de comportamento repetidos e socialmente sancionados levanta a hipótese de que qualquer atividade humana possa ser considerada como performance, ou, pelo menos, que toda atividade é executada com uma consciência de si mesma. A diferença entre fazer e “performar”, de acordo com esse modo de pensar, parece estar não na estrutura do teatro *versus* vida real, mas numa atitude – podemos fazer ações sem pensar, mas, quando pensamos sobre elas, isso introduz uma consciência que lhes dá a qualidade de performance. (CARLSON, 2006, p. 15).

Ao propor isso, Carlson se alinha ao pensamento de Goffman (1975), que entende a performance como uma ação consciente do sujeito, como “toda atividade de um determinado participante, em dada ocasião, que sirva para influenciar, de algum modo, qualquer um dos outros participantes” (GOFFMAN, 1975, p.23). O autor explica que quando um indivíduo representa um papel ele deseja que seus observadores levem a sério a impressão sustentada por ele, que acreditem em seu desempenho, ou seja, que seu personagem possui os atributos

necessários e atende às expectativas sociais por trás daquele papel. Ou seja, “quando um indivíduo se apresenta diante dos outros, seu desempenho tenderá a incorporar e exemplificar os valores oficialmente reconhecidos pela sociedade e até realmente mais do que o comportamento do indivíduo como um todo” (GOFFMAN, 1975, p. 41).

No *Itatiaia Patrulha*, percebemos que no momento da entrevista, repórter, apresentador e entrevistados estão desempenhando papéis e tentam convencer o público do papel desempenhado. Tanto o apresentador Laudívio Carvalho, como os repórteres do programa tentam mostrar profissionalismo, desempenhando sua atividade a partir das características e expectativas que eles atribuem aos jornalistas policiais. Os jornalistas recorrem a valores como imparcialidade e seriedade, tentando mostrar-se sempre comprometidos com a informação. Além disso, Laudívio Carvalho não deixa de se indignar com os fatos reportados, cobrando medidas do poder público. Mais do que apresentador, muitas vezes, Carvalho atua como uma espécie de vigilante do poder público e judiciário, como defensor dos cidadãos, cobrando por medidas e mudanças constitucionais.

Já as vítimas mostram seu sofrimento, falam das injustiças sofridas, apelando para valores como justiça, bondade, família e trabalho. Dificilmente a vítima será associada a valores negativos, afinal, seguindo a linha melodramática, ela assume, naquele momento, o papel de “mocinho” da história. Já os acusados, podem assumir dois papéis: bandido ou inocente. Os que se assumem como bandidos podem ou não revelar sentimentos de culpa, se associar a valores positivos; já os que querem se afirmar como inocentes apelam para valores como trabalho, família, justiça, alegando-se um cidadão trabalhador, que tem família e que se sente injustiçado.

Um fator importante relacionado à performance é que os atores podem desempenhar um papel sem se dar conta disso, como se fosse algo totalmente natural, intrínseco a ele, no entanto, todos os papéis são aprendidos. Como ressalta Goffman, no processo de socialização, o indivíduo aprende um número suficiente de formas de expressão para ser capaz de preencher e dirigir mais ou menos qualquer papel que provavelmente lhe seja dado. Ao mudar de status social e assumir um novo papel, o indivíduo, na maioria das vezes, não é informado em detalhes sobre o modo como deve conduzir. Ele recebe algumas deixas, insinuações e instruções cênicas, pois se pressupõe que ele tenha em seu repertório uma grande quantidade de “pontas” de representação que serão exigidas no ambiente. Como explica Schechner, este repertório é adquirido na vida cotidiana, nos vários espaços frequentados pelo indivíduo.

A vida cotidiana, religiosa ou artística consiste em grande parte em rotinas, hábitos e ritualizações e de recombinação de comportamentos previamente exercidos. O que é novo, original, chocante ou *avantgarde* é, quase sempre, uma recombinação de

comportamentos conhecidos, ou o deslocamento de um comportamento do lugar onde ele é aceitável ou esperado, para um espaço ou situação em que este seja inaceitável ou inesperado. (SCHECHNER, 2003, p. 32)

Apesar de focarmos nosso estudo principalmente nas falas dos sujeitos, já que nosso objeto de análise é um radiojornal, sabemos que a performance de sujeitos extrapola suas falas, e se configura por meio de todo um equipamento expressivo, denominado por Goffman como fachada. Segundo o autor, a fachada pode ser empregada de forma intencional e não intencional, sendo tal equipamento dividido em três partes: cenário, aparência e maneira.

O cenário refere-se à parte cênica do equipamento expressivo, ou seja, a tudo que tende a ser fixo: mobília, decoração, disposição física dos elementos. No *Itatiaia Patrulha*, podemos dizer que temos vários cenários, que dependem do caso narrado. No entanto, dois espaços são recorrentes. O primeiro é o estúdio da rádio, onde Laudívio Carvalho apresenta o programa, e o segundo as delegacias da região metropolitana de Belo Horizonte. Várias entrevistas com acusados acontecem na delegacia, o que acaba contribuindo como um fator a mais para compor o papel do bandido. Inclusive, o repórter, muitas vezes, usa o fato do sujeito estar preso para questionar sua alegação de inocência.

Já a aparência e maneira são itens do equipamento expressivo que identificamos com o próprio ator e que compõem sua fachada pessoal. Entre eles estão vestuário, idade, sexo, características pessoais, padrões de linguagem, atitude, expressões faciais, gestos. A aparência revela o status social do ator, e é composta por seu vestuário, gestos, expressões faciais, idade, etc. No caso do programa em análise não temos acesso à aparência como um todo, no entanto, podemos perceber alguns aspectos como a idade e o sexo, que são comumente revelados. Em alguns casos há descrição de expressões faciais ou gestos dos entrevistados. O repórter pode ressaltar a aparência de cansaço, de dor da vítima, que os olhos estão cheios de lágrimas, que a pessoa treme de medo. Também pode ressaltar o riso de um acusado, quando questionado por algum crime, algum gesto que ele faça desde que seja relevante para a reportagem. A linguagem empregada pelos entrevistados também é um fator importante, que nos ajuda a identificar seu padrão social - se teve acesso ao estudo, se é de origem mais humilde, por exemplo. Já a maneira, está relacionada aos estímulos que funcionam para nos informar sobre o papel de interação que o ator espera desempenhar na situação que se aproxima, ou seja, o modo como o ator age ajuda a definir a situação. Por exemplo, um acusado pode agir com arrogância ou humildade, o que ajuda a definir o modo de abordagem da entrevista. Do mesmo modo, uma vítima muita nervosa e uma vítima mais humilde irão dar outro tom à

reportagem. Assim como o repórter, agindo em tom acusatório, pode repelir o entrevistado, ou fazer com que a entrevista assuma um caráter incriminatório.

Ainda em relação à fachada, Goffman explica que na organização social o domínio de um pequeno vocabulário de fachada é que nos ajuda a lidar com uma grande variedade de situações e a compor uma grande quantidade de papéis diferentes. Segundo Schechner, nossas habilidades performáticas (ou nas palavras de Goffman, nossas fachadas) são adquiridas e desenvolvidas na vida cotidiana e envolvem “anos de treinamento e aprendizado de parcelas específicas de comportamento e requer a descoberta de como ajustar e exercer as ações de uma vida em relação às circunstâncias pessoais e comunitárias”. (SCHECHNER, 2003, p. 27). Para o autor, toda gama de experiências que envolvem o desenvolvimento individual do sujeito pode ser estudada como performance. Assim, ocorrências corriqueiras como cozinhar e caminhar seriam, segundo o autor, construídas a partir de comportamentos previamente exercidos, sendo a redundância das atividades cotidianas o principal constituinte de sua familiaridade. “De fato, a própria redundância das ações cotidianas é precisamente o que constitui sua familiaridade, a sua qualidade de ação construída a partir de pedaços de comportamentos, rearranjados e modelados de modo a produzir um efeito determinado”. (SCHECHNER, 2003, p. 27).

Ainda em relação à performance, Goffman explica que todo papel social é envolto em expectativas sociais, envolve direitos e deveres, está relacionado a valores. Devido a isso, para interpretar bem um papel, os atores sociais têm que abandonar ou esconder ações que não sejam compatíveis com ele, sendo que estas ações ficariam localizadas na região de fundo.

[...] quando a atividade de alguém se passa na presença de outras pessoas, alguns aspectos da atividade são expressivamente acentuados e outros, que poderiam desacreditar a impressão incentivada, são suprimidos. É claro que os fatos acentuados aparecem naquilo que chamei de região da fachada; deveria ser igualmente claro que pode haver outra região – uma “região de fundo” ou “dos bastidores” – onde os fatos suprimidos aparecem. (GOFFMAN, 1975, p. 106)

A região dos fundos está longe das vistas do público, é onde os atores sociais preservam o que não querem revelar. Isso permite que, em casa, um homem se comporte como um pai amoroso, e no trabalho como um chefe implacável, sem que ele esteja fingindo ser uma das duas coisas. Goffman explica que os indivíduos podem apresentar várias facetas e usa a citação de Willians James para exemplificar isso: “podemos dizer que ele tem praticamente tantas individualidades sociais diferentes quantos são os grupos distintos de pessoas cuja opinião lhes interessa. Geralmente mostra uma faceta diferente de si mesmo a cada um desses diversos grupos”. (GOFFMAN, 1975, p.52)

No *Itatiaia Patrulha*, percebemos que os atores sociais muitas vezes deixam nos bastidores sentimentos e ações que possam contradizer seu papel. Um acusado que cometeu o crime, mas quer passar-se por inocente, deixa nos bastidores, por exemplo, os motivos que o levaram a cometer tal crime, os detalhes do crime ou qualquer gesto ou palavra que contradigam sua inocência. Ele não vai dizer que tem uma ficha criminal, que conhecia a vítima, que é violento. Diante disso, o repórter vai buscar revelar os bastidores, adentrar a vida do acusado de modo a encontrar indícios que o contradigam, fazer perguntas de modo a perturbar sua atuação. No caso das vítimas, elas, assim como o próprio programa, podem deixar certos fatos e ações no fundo, a fim de manter um papel positivo. Quando, por exemplo, a vítima era também um infrator, um criminoso, ele pode ser apresentado como vítima dele mesmo ou dos fatores sociais que contribuíram para que ele entrasse no mundo do crime. Algumas características podem ser ressaltadas, como o fato de ter uma família, de modo que suas más ações fiquem nos bastidores.

Ao falar de performance, Goffman, Schechner e Carlson adotam uma ideia de performance ligada diretamente ao corpo. Os sujeitos performam por meio de seus gestos, ações, pelo modo como se vestem etc. No entanto, no caso do *Itatiaia Patrulha*, no qual não temos acesso direto ao corpo ainda assim a ideia de performance é rica, pois como aponta Zumthor (2000), a performance se mostra também na voz sendo ela uma “emanação do corpo e que, em nível sonoro o representa plenamente”. Para despertar a atenção do ouvinte, para conquistar, emocionar, programas como o *Itatiaia Patrulha* contam com locutores e repórteres que performam de modo que aquilo que é dito convoque o ouvinte. Como aponta Jung (2004),

O que mais prende a atenção do público não é tanto o que se diz mas como se diz. Nesse processo a voz é a principal ferramenta para conquistar o ouvinte, [...] Por isso falar um pouco mais baixo e mudar o ritmo quebram a monotonia do discurso, convidam a pessoa a se aproximar do rádio. (JUNG, 2004, p. 120)

Outra contribuição de Zumthor em relação à performance é que o autor inclui também o ouvinte na ação performática. O que Jung chama de envolvimento, Zumthor, denomina performance. Segundo o autor, uma canção, por exemplo, cantada para um público em uma praça envolve, por meio de seus ritmos: linguagem, melodia e os próprios gestos do cantor, não só aquele que canta como também aqueles que escutam, fazendo com que compartilhem algo em comum. “Para o corpo que escuta, voz e gesto convidam ao contato virtual. O ouvinte atende ao chamamento e canta, dança, recria o espetáculo sem o qual não haveria performance integralmente”. (NUNES, 1993, p. 91).

Relacionados aos conceitos de interação e performance, os conceitos de enquadramento (Bateson, 2002) e *footing* (Goffman, 2002) também são importantes para nosso estudo, na medida em que nos ajudam a entender como os sujeitos configuram o ambiente situacional em que interagem e como este ambiente situacional também influencia a relação entre os sujeitos. Além disso, a narrativa jornalística do programa é construída principalmente a partir de enquadramentos, dos quadros de sentido que emergem nas interações.

No entanto, antes de discutirmos sobre estes conceitos é importante definirmos nosso entendimento de narrativa. Segundo Leal (2006), a narrativa mediática é composta por “textos diversos, que em si mesmos, são pequenas materializações das falas sociais. Articulados na superfície narrativa, estes textos podem dar a (re)conhecer um discurso socialmente abrangente, que por sua vez integra uma formação discursiva maior”. (LEAL, 2006, p. 24). Neste sentido, a narrativa jornalística do *Itatiaia Patrulha* se configura a partir das falas dos atores sociais envolvidos nos crimes mostrados, bem como pela fala dos repórteres e do apresentador Laudívio Carvalho. Acreditamos que cada uma destas falas trazem consigo discursos sociais, valores e representações que dizem de nossa sociedade, na medida, em que os sujeitos sociais, por estarem inseridos na sociedade, compartilham de seus valores, de suas representações, discursos e encarnam papéis sociais.

O programa seleciona as falas, o que será ou não veiculado, o que é relevante para a narrativa, enquadrando os acontecimentos de modo que estes sejam acentuados. Nunca se trata de mais um crime, mas é “o crime”, e o programa o trata em sua individualidade tentando acentuar as características biográficas dos envolvidos, buscando as motivações dos criminosos, o sofrimento das vítimas. Como mostra Bateson (2002), o enquadramento delimita a mensagem, dirige o olhar.

O enquadre contém um conjunto de instruções para que o/a ouvinte possa entender uma dada mensagem (do mesmo modo como uma moldura em torno de um quadro representa um conjunto de instruções que indicam para onde o observador deve dirigir seu olhar). O enquadre delimita, pois, figura e fundo, ruído e sinal. (BATESON, 2002, p. 85).

Na construção das notícias, buscaremos perceber como o programa enquadra os acontecimentos. Quais crimes ganham destaque. Quais fontes são convocadas. Outra questão importante para nosso estudo é entender em que medida o apresentador Laudívio Carvalho, a partir de suas intervenções, contribui para a construção narrativa e propõe novos enquadramentos. Como mostra Goffman (2002),

O enquadre situa a metagem contida em todo enunciado, sinalizando o que dizemos ou fazemos, ou como interpretamos o que é dito e feito. Em outras palavras, o enquadre formula a metagem a partir da qual situamos o sentido implícito da mensagem enquanto ação. [...] em qualquer encontro face a face, os participantes estão permanentemente propondo ou mantendo enquadres, que organizam o discurso e os orientam com relação à situação interacional. (GOFFMAN, 2002, p.107)

Percebemos isso claramente quando um acusado, por mais que tente se passar por inocente, é a todo o momento reenquadrado pelo repórter, que faz perguntas relativas ao crime cometido, como se ele estivesse ali diante de um criminoso confesso. O apresentador Laudívio Carvalho, muitas vezes, também traz novos enquadres, ao interpretar os fatos reportados não como um crime individual, mas como fruto de problemas maiores relacionados, por exemplo, às brechas no código penal.

Já o conceito de *footing* é importante no nosso trabalho na medida em que por meio dele buscaremos compreender como os sujeitos se posicionam e são posicionados na narrativa do programa. Como aponta Goffman, durante a interação os sujeitos vão se projetando, mudam sua postura a partir do contexto em que estão inseridos e das mudanças impostas tanto pela situação interacional quanto pelos sujeitos envolvidos na relação.

Footing representa o alinhamento, a postura, a posição, a projeção do “eu” de um participante na sua relação com o outro, consigo próprio e com o discurso em construção. [...] Em qualquer situação face a face, os “footings” dos participantes são sinalizados na maneira como eles gerenciam a produção ou a recepção das elocuições. Os footings são introduzidos, negociados, ratificados (ou não), co-sustentados e modificados na interação. (GOFFMAN, 2002, p. 107-108)

Assim, na narrativa jornalística, iremos observar como o contexto da entrevista posiciona repórteres e entrevistados e como estes, na relação, introduzem novos enquadres, exigindo, assim, que os outros envolvidos mudem sua performance a fim de dar conta de novas exigências, novas expectativas, ou mesmo modifiquem suas ações e falas, a fim de sustentar seu papel social. Como nos aponta França,

Se os discursos constituem a objetivação das muitas subjetividades inscritas no processo (a subjetividade dos sujeitos, a intersubjetividade social que os atravessa), trata-se de buscar nas construções discursivas as marcas do sujeito que fala, do outro com quem se fala, do “terceiro” (que é o pólo da cultura). Um sujeito, ao falar, se posiciona frente ao outro (se apresenta, constrói seu lugar); dirige-se ao outro (diz do outro, projeta a imagem que tem dele e estabelece uma proposta de contato); fala do mundo (recorta e traduz não apenas aspectos, mas uma visão da realidade que o cerca). (FRANÇA, 2004, p. 7)

Como explica França, ao olhar para as construções discursivas, no nosso caso, para a narrativa jornalística do *Itatiaia Patrulha*, conseguimos perceber como os sujeitos configuram seus papéis sociais, como convocam certos discursos e estabelecem relações de poder. Buscaremos então, no programa em análise, também identificar as relações de poder que

aparecem, os discursos que são convocados e o que estes discursos revelam da nossa sociedade.

4.2 Metodologia

O objetivo deste trabalho é investigar como é feita a construção da vítima e do bandido no programa *Itatiaia Patrulha* a partir dos papéis e representações pré-existentes na sociedade. Para isso, faremos um estudo de caso, a partir do qual observaremos a interação que se dá entre repórteres e entrevistados, bem como as falas e intervenções do apresentador do programa, Laudívio Carvalho, e as relações que esse estabelece com os ouvintes e repórteres.

4.2.1 Corpus

Nosso *corpus* de análise consiste no acompanhamento de uma semana do programa *Itatiaia Patrulha*, de segunda a sexta feira. Para isso escolhemos o período de 22 a 26 de abril de 2013. Nesta semana, o programa veiculou 25 notícias, que se dividem entre reportagens, notas, coberturas e entrevistas no estúdio.

4.2.2 Instrumentos de análise

Nossa análise dos dados é dividida em duas partes: análise de conteúdo e análise do posicionamento dos sujeitos. Após a gravação do programa e audição das notícias, nosso primeiro movimento foi o mapeamento dos temas abordados pelo *Itatiaia Patrulha*. Levantamos quantos crimes foram retratados, quais os tipos de crimes (assalto, assassinato, estupro, etc), o número de entrevistados em cada reportagem, quem foram os entrevistados, traçando assim um panorama geral a partir do material coletado. A análise de conteúdo também propiciou a escolha das notícias que serão analisadas.

Com as notícias selecionadas, partimos então para a segunda parte da nossa análise, buscando identificar o posicionamento dos atores sociais envolvidos na narrativa radiofônica. Assim, em nossa análise buscamos identificar o posicionamento do repórter, dos entrevistados, do locutor e o lugar ocupado pelos ouvintes. Além disso, buscamos compreender como foi feita a caracterização dos crimes.

Para tal análise, os conceitos de enquadramento (Bateson, 2002) e *footing* (Goffman, 2002) foram importantes, na medida em que, na construção das notícias, o programa enquadra os acontecimentos e também os atores envolvidos. Como mostra Bateson (2002), assim como uma moldura, o enquadramento traz um conjunto de instruções para que o ouvinte compreenda a mensagem. Ele é responsável pela delimitação e direcionamento do olhar do observador. Já o conceito de *footing* “representa o alinhamento, a postura, a posição, a projeção do “eu” de um participante na sua relação com o outro, consigo próprio e com o discurso em construção” (GOFFMAN, 2002, p. 107-108) e nos auxilia a identificar, na relação estabelecida entre os sujeitos sociais, suas posturas, como os atores se projetam, constroem seus papéis sociais durante a interação. Neste sentido, os conceitos de interação e performance também são importantes, na medida em que eles nos ajudam a compreender o processo interacional entre os sujeitos e como se constroem os papéis sociais.

As características da linguagem radiofônica também foram observadas em nossa análise, pois são importantes componentes da narrativa radiofônica e a caracterizam. Observamos assim, não só a fala dos participantes, a construção das frases, os termos usados, como também a entonação da voz e quais palavras ganham destaque, a trilha sonora empregada, os ruídos, os efeitos sonoros e mesmo a dinâmica de entrevista, já que no rádio, diferentemente da narrativa televisiva, as perguntas do repórter são importantes para o entendimento e composição da notícia.

Outro fator que levamos em conta em nossa análise é o fato do *Itatiaia Patrulha* caracterizar-se como uma produção da cultura popular. Devido a isso buscamos também identificar os elementos e o panorama social que é descrito pelo programa, os valores e práticas que aciona, os embates e costuras entre hábitos populares e o que seriam os valores hegemônicos.

Para compreender como se dá a construção narrativa do programa, traçamos a partir dos conceitos ressaltados um roteiro que orientou nossa observação.

Tabela 1 - Roteiro de análise

Construção do crime	Como o programa caracteriza o crime? (que palavras usa?) Que papel tem o locutor nesta caracterização? E o repórter? Que fontes são convocadas e qual o papel que cada uma ocupa na narrativa? (observar quem tem mais tempo de fala, se há falas que são mais destacadas) Há uso de efeitos sonoros? E de trilha sonora?
----------------------------	---

<p>Papel do locutor</p>	<p>Como o apresentador se coloca dentro do programa? Que papel assume na narrativa dos fatos? Como ele apresenta o fato? (observar se em sua fala emergem juízos de valor, ideologias. Observar o tom da locução. Os termos empregados) Com quem ele dialoga? O que ele fala sobre as vítimas e acusados? (ele os caracteriza? Quais adjetivos ele usa nessa caracterização?) Qual a linguagem empregada?</p>
<p>Construção do bandido</p>	<p>Como se dá a interação entre repórter e acusado? Há conflitos? Qual o tom da entrevista? (observar o modo de abordagem, o tom da voz, as palavras empregadas, uso de recursos sonoros) Que tipo de perguntas são feitas? Como o repórter caracteriza o acusado? (que palavras e adjetivos ele usa) Como o acusado se caracteriza (o que diz de si, de suas ações, como relata os acontecimentos)? O que o locutor diz do acusado? Outras pessoas são convocadas para dizer do acusado? (o que dizem? Como o caracterizam? Que tipo de relação estabelecem com ele?)</p>
<p>Construção da vítima</p>	<p>Como se dá a interação entre repórter e vítima? Qual o tom da entrevista? (observar o modo de abordagem, o tom da voz, as palavras empregadas, o uso de recursos sonoros) Que tipo de perguntas são feitas? Como o repórter caracteriza a vítima? (que palavras e adjetivos ele usa) Como a vítima se caracteriza (o que diz de si, de suas ações, como relata os acontecimentos)? O que o locutor diz dela? Outras pessoas são convocadas para dizer da vítima? (o que dizem? Como a caracterizam? Que tipo de relação tem com ela?)</p>
<p>Construção da narrativa</p>	<p>Quais recursos sonoros são empregados no programa? Que elementos da linguagem radiofônica estão presentes na reportagem? Que valores, ações e atitudes são ressaltados pelo programa? (observar fala do apresentador e repórteres)</p>

5. Análise

Nosso *corpus* inicial era composto por 25 notícias, divididas entre reportagens, notas, coberturas e entrevistas no estúdio. No entanto, antes do mapeamento, excluímos do nosso *corpus* cinco coberturas ao vivo referentes ao julgamento de Marcos Aparecido dos Santos, o Bola, um dos acusados de matar Eliza Samudio. Durante toda a semana de coleta, o *Itatiaia Patrulha* veiculou informações sobre o julgamento a partir de entradas ao vivo de repórteres, porém, optamos por não trabalhar com esse caso, primeiro porque a cobertura não era do programa em si, mas da emissora como um todo, estando presente no decorrer da programação e segundo, porque as notícias focavam o julgamento e não o crime.

Diante das vinte notícias, nosso primeiro passo foi escutá-las e mapeá-las. Buscamos com esse mapeamento apontar quantos e quais crimes foram retratados, quem foram os entrevistados, quais as principais temáticas abordadas, traçando assim um panorama geral da semana a partir do material coletado.

5.1. Mapeamento do programa

Para o mapeamento, elaboramos um quadro para cada programa, no qual inserimos informações que nos dessem um panorama geral de cada radiojornal. Dividimos o quadro em seis tópicos: tipo de notícia, duração, assunto, entrevistados, entrevistador e local. No primeiro tópico classificamos a notícia e definimos se é uma reportagem, nota, cobertura ao vivo, entrevista em estúdio ou flash. Na duração determinamos o tempo¹² de cada notícia. No terceiro tópico apresentamos qual o fato retratado. No tópico entrevistados¹³ indicamos quantas e quais foram as fontes ouvidas pelo programa e no tópico entrevistador identificamos o responsável por dialogar com as fontes de informação. Por fim, no tópico local, indicamos o bairro e/ou cidade onde ocorreram os fatos retratados pelo programa.

¹² Para facilitar, trabalhamos com números arredondados

¹³ Por não termos outra fonte para consulta, a grafia do nome dos entrevistados é fruto da nossa audição do programa.

Tabela 2 – ITATIAIA, 22 de abril

ITATIAIA PATRULHA – 22 de abril de 2013					
Tipo de notícia	duração	assunto	entrevistados	entrevistador	Local
Reportagem principal	6 minutos	Prisão por tráfico de drogas	Luiz Paulo de Freitas (suspeito) Sargento Ronaldo Alves	Amanda Antunes	Bairro Imperial (Santa Luzia)
reportagem	3 minutos e 15 segundos	Manifestação dos Guardas Municipais	Pedro Bueno (representante dos guardas municipais)	Jaqueline Moura	Avenida dos Andradas e centro de Belo Horizonte
nota	1 minuto e 40 segundos	Resultado residuo gráfico nas mãos de adolescente assassinada em Ouro Preto	Sem entrevistados (informações da polícia e dos pais da vítima)	Laudívio Carvalho	Ouro Preto
reportagem	3 minutos	Soltura de Pedro Meyer (maníaco do Anchieta)	Vítima do maníaco	Renato Rios Neto	Bairro Anchieta (Belo Horizonte)

Tabela 3 – ITATIAIA, 23 de abril

ITATIAIA PATRULHA – 23 de abril de 2013					
Tipo de notícia	duração	assunto	entrevistados	entrevistador	local
Reportagem principal	13 minutos	Assalto a ônibus de viagem e assassinato	Fernando Oliveira Miguel (suspeito) Ailton Pereira (delegado de Lavras) Dr. Jeferson Botelho (superintendente da polícia civil)	Laura Rezende	Lavras (MG) e Belo Horizonte
flash	35 segundos	Manifestação dos professores da rede municipal e estadual fecha o trânsito	Informações do repórter (não cita fonte)	Jardel Gama	Avenida Olegário Maciel, bairro de Lurdes. (Belo Horizonte)
reportagem	7 minutos	Roubo de carro seguido de arrastão	Sargento Marcelino Silva Maksuel (suspeito) Tiago (suspeito) Proprietária do carro roubado (vítima)	Amanda Antunes	Bairro Santa Cruz (Contagem)

Tabela 4 - ITATIAIA, 24 de abril

ITATIAIA PATRULHA – 24 de abril de 2013					
Tipo de notícia	duração	assunto	entrevistados	entrevistador	Local
Reportagem principal	7 minutos e vinte segundos	Roubo de carro e tentativa de assalto	Everton Celso Moreira (suspeito) Carlos Ariel Ribeiro (suspeito) Fabrício Sergio da Silva (suspeito) Mateus Moreira (suspeito) Delegado Wagner Sales	Amanda Antunes	Betim
Entrevista no estúdio	7 minutos e 30 segundos	Manifestação da Guarda Municipal e suas reivindicações	Pedro Bueno (representante dos guardas municipais no estado de Minas Gerais)	Laudívio Carvalho	Estúdio da rádio
Entrevista no estúdio	5 minutos e trinta segundos	Soltura Pedro Meyer (maníaco do Anchieta)	Margareth Elizabeth - delegada da delegacia da mulher	Laudívio Carvalho	Estúdio da rádio (referência ao bairro Anchieta)
nota (prestação de serviço)	20 segundos	Roubo de carro	Informações partem do proprietário do carro Jânio José Fernandes	Laudívio Carvalho	Bairro Itapoã (Belo Horizonte)
nota	50 segundos	Suspeito de roubo de carro morre em troca de tiros com a polícia	(informações da polícia militar)	Produtor repórter Vander Andrade	Contagem

Tabela 5 - ITATIAIA, 25 de abril

ITATIAIA PATRULHA – 25 de abril de 2013					
Tipo de notícia	duração	assunto	entrevistados	entrevistador	Local
Reportagem principal	6 minutos e trinta segundos	Operação da polícia militar e civil em Betim	Delegado Wagner Sales Alessandro Petronzio (tenente coronel) Rodrigo de Souza Fernandes (suspeito) Jackson (suspeito)	Jaqueline Moura	Jardim Teresópolis e outros bairros de Betim
Cobertura ao vivo	8 minutos e 20 segundos	Impactos da manifestação da Guarda Municipal em Belo Horizonte	Sem entrevistados (informações por parte da repórter e do apresentador)	Amanda Antunes	Avenida dos Andradas e centro de Belo Horizonte
Cobertura ao vivo	1 minuto	Manifestação de expositores da Feira do Mineirinho	Sem entrevistados	Renato Rios Neto	Região da Pampulha (Belo Horizonte)
Entrevista no estúdio	6 minutos e vinte segundos	Agentes penitenciários	Adeílton de Souza Rocha (presidente do sindicato dos agentes de segurança penitenciária do estado)	Laudívio Carvalho	Estúdio da rádio
reportagem	2 minutos e vinte segundos	Prisão de suspeito de pedofilia	Delegado Leandro De Pádua Macedo Costa	Vander Andrade	Santo Antônio do Amparo (sul de Minas Gerais)

Tabela 6 - ITATIAIA, 26 de abril

ITATIAIA PATRULHA – 26 de abril de 2013					
Tipo de notícia	duração	assunto	entrevistados	entrevistador	Local
Reportagem principal	Sete minutos e vinte segundos	Prisão de dois acusados de tráfico de drogas	Delegado Tito Barrichelo Edmilson Ambrósio Alvim (suspeito) Reinaldo Gonçalves de Freitas (suspeito)	Amanda Antunes	São Joaquim de Bicas
reportagem	Cinco minutos	Apreensão de adolescentes por furto em porta de escola	Guarda municipal Douglas Henrique Alves Adolescente de 15 anos (suspeito) Adolescente de 17 anos (suspeito)	Jaqueline Moura	Região central de Betim
Entrevista no estúdio	Sete minutos e vinte segundos	estupro de uma criança de oito anos	Mãe da criança	Laudívio Carvalho	estúdio

A partir do mapeamento dos programas veiculados no *Itatiaia Patrulha* identificamos que das 20 notícias veiculadas pelo programa, dez são reportagens, quatro são entrevistas no estúdio, duas são coberturas ao vivo, três são notas e ainda tivemos um flash¹⁴. Nos cinco programas foram veiculados 61 minutos de reportagem, que duraram em média seis minutos cada. Em relação às entrevistas em estúdio, em uma semana, foram veiculados 26 minutos de entrevista, com uma média de seis minutos e cinquenta segundos para cada uma. As

¹⁴ Consideramos flash uma entrada rápida e ao vivo do repórter trazendo as “últimas” informações sobre o acontecimento

coberturas ao vivo ocuparam 09 minutos e vinte segundos, durando em média 4 minutos e meio. Já as notas duraram dois minutos e cinquenta segundos e tiveram em média 55 segundos. E o flash durou 35 segundos.

Em relação às temáticas abordadas pelo programa, percebemos que o tráfico de drogas, os assaltos, as manifestações e os casos de violência sexual foram os principais temas abordados. Das vinte notícias veiculadas, quatorze se referiram a algum tipo de crime. Em alguns casos é difícil enquadrar a reportagem como um crime específico já que ela inclui outros. Por exemplo, as drogas estão de certo modo incluídas na maioria dos casos, já que é quase padrão questionar o acusado sobre um possível envolvimento com o tráfico de drogas ou pelo menos como usuário de tais substâncias. Em alguns casos temos também o roubo de carro, seguido de outro roubo ou tentativa de cometer o ato. Chamamos a atenção também para o fato de que adotamos classificações genéricas, já que termos como assalto e assassinato são amplos e não especificam, qual o tipo de roubo ou a forma de assassinato. No entanto, para fins de obter um panorama estas classificações que abrangem os casos de modo geral nos são úteis.

Voltando as temáticas, identificamos que nas reportagens, as temáticas principais foram assalto e tráfico de drogas. Ambas apareceram em três reportagens. Casos de violência sexual foram tema de duas reportagens. Uma delas retratou a soltura de um estupro e a outra a prisão de um pedófilo. A manifestação dos Guardas Municipais foi tema de uma reportagem e o assassinato de uma adolescente foi tema de outra. As notas também tiveram como assunto principal o assalto. Das três notas veiculadas, em duas foram retratados casos de assalto, seguido do assassinato, em uma nota. O flash teve como tema as manifestações, que também foram assunto das duas coberturas ao vivo. Já as entrevistas tiveram como tema central reivindicações de representantes das forças de segurança. Uma delas trouxe o representante dos guardas municipais e a outra dos agentes penitenciários. A terceira entrevista trouxe um caso de estupro, mas também assumiu um tom reivindicatório ao pedir a prisão do estupro. Já a quarta entrevista também tratou de um estupro, o maníaco do Anchieta, e atuou como uma prestação de contas à sociedade ao abordar sua soltura. Destacamos que no *Itatiaia Patrulha* todas as entrevistas em estúdio tiveram relação com algum dos casos já retratados pelo programa.

Em relação à localidade das notícias, apesar do *Itatiaia Patrulha* ser voltado para os casos que acontecem na região metropolitana de Belo Horizonte, que é constituída por 34

municípios¹⁵, houve predomínio de notícias referentes à Belo Horizonte, Betim e Contagem. Oito notícias trataram de fatos que ocorreram em Belo Horizonte e é interessante ressaltar que todas elas relacionadas ao centro da capital ou a bairros nobres e de classe média da cidade. Quatro localidades não estão relacionadas a crimes e sim às manifestações dos professores, guardas municipais e expositores da Feira do Mineirinho. As manifestações dos expositores da Feira do Mineirinho e dos professores municipais e estaduais afetaram a região da Pampulha e o bairro de Lurdes, respectivamente, enquanto as manifestações dos guardas municipais atingiram duas vezes a mesma localidade, o hipercentro de Belo Horizonte. Além do Bairro de Lurdes, outro bairro nobre de Belo Horizonte citado por duas vezes foi o Anchieta, local de atuação de Pedro Meyer, o maníaco do Anchieta, nos anos 90. Já o bairro Itapoã (classe média) foi palco de um roubo de carro. A região da Pampulha apareceu em outra reportagem, citada como sede da delegacia para a qual o assaltante de ônibus Fernando Oliveira Miguel foi encaminhado.

A cidade de Betim foi palco de três notícias, sendo que duas delas não especificam um bairro exclusivamente. A região central da cidade foi local da apreensão de dois adolescentes e o bairro Jardim Teresópolis, o local onde foi preso um dos traficantes da região. A mesma operação que prendeu um traficante no Jardim Teresópolis atuou também em vários bairros de Betim, sem especificar quais seriam. Outra reportagem que teve Betim como localidade foi a referente ao roubo de um carro. Já em Contagem aconteceram dois crimes. A morte de um suspeito de roubo de carro que só faz referência à cidade e outro roubo de carro que teria acontecido no bairro Santa Cruz (região industrial da cidade). As outras cidades que aparecem nas notícias são Ouro Preto, São Joaquim de Bicas, Santa Luzia, Lavras e Santo Antônio do Amparo. Todas elas relacionadas a crimes. Uma adolescente foi assassinada em Ouro Preto. Traficantes foram presos em São Joaquim de Bicas e no bairro Imperial em Santa Luzia. Um assaltante de ônibus que assassinou um engenheiro foi preso em Lavras e um pedófilo foi preso na cidade de Santo Antônio do Amparo, na região oeste de Minas.

Assim, em relação aos locais dos fatos, o *Itatiaia Patrulha* retratou acontecimentos de oito cidades distintas, sendo que sete delas integram a região metropolitana de Belo Horizonte. Isso nos remete a uma das características do jornalismo popular que é a proximidade. Como apontamos no primeiro capítulo, este tipo de jornalismo prioriza

¹⁵ Baldim, Belo Horizonte, Betim, Brumadinho, Caeté, Capim Branco, Confins, Contagem, Esmeraldas, Florestal, Ibirité, Igarapé, Itaguara, Itatiaiuçu, Jaboticatubas, Juatuba, Lagoa Santa, Mário Campos, Mateus Leme, Matozinhos, Nova Lima, Nova União, Pedro Leopoldo, Raposos, Ribeirão das Neves, Rio Acima, Rio Manso, Sabará, Santa Luzia, São Joaquim de Bicas, São José da Lapa, Sarzedo, Taquaraçu de Minas e Vespasiano.

acontecimentos que sejam próximos localmente de seu público. Se não é no mesmo bairro, que seja na mesma cidade ou em cidades bem próximas a ela. No caso do *Itatiaia Patrulha*, percebemos que cidades que têm divisa direta com Belo Horizonte são as que mais aparecem e que têm os bairros identificados pelas matérias. Acreditamos que isso diz do público do programa, que se concentra nas cidades mais próximas a capital mineira. Outra explicação para essa concentração seria a facilidade de locomoção da equipe de reportagem para essas cidades.

Observando os entrevistados, percebemos que das dez reportagens, nove têm como fonte algum representante da polícia (militar ou civil) ou da guarda municipal, que chamaremos representantes das forças de segurança. Tais representantes estiveram também presentes em três, das quatro entrevistas, já que consideramos os agentes penitenciários também como representantes das forças de segurança. Em relação às notas, das três veiculadas, duas citaram a polícia como fonte de informação. Assim, em 20 notícias, quatorze têm os representantes das forças de segurança como fonte direta ou indireta de informação. A partir disso, podemos perceber como o programa valoriza este tipo de fonte, sendo que, dentro da narrativa, ela aparece sempre como fonte oficial dos fatos. Isso reflete um padrão que é brasileiro, pois segundo Ramos e Paiva (2007), “a cobertura da violência, da segurança pública e da criminalidade realizada pela imprensa brasileira sofre de dependência em alto grau das informações policiais. A polícia é a fonte principal - se não a única – na maioria esmagadora das reportagens”. (RAMOS; PAIVA, 2007, p. 37).

Uma crítica feita pelas autoras em relação a essa presença é que a dependência a essas fontes diminui a capacidade da imprensa de criticar as ações das forças de segurança. Entre jornalistas e policiais se estabelecem relações de poder e de interesse mútuo, pois como explicam Ramos e Paiva, os jornalistas precisam ser abastecidos de novidades e as autoridades de segurança, por outro lado, contam com a imprensa para ganhar visibilidade em suas investigações.

O segundo tipo de fonte que mais aparece no *Itatiaia Patrulha* são os suspeitos. Estes estão presentes em oito das dez reportagens veiculadas, as mesmas em que as forças de segurança aparecem. No entanto, diferentemente das fontes policiais, os suspeitos não aparecem como fonte oficial de informação e podemos afirmar que nem mesmo como uma fonte confiável, já que a entrevista, na maioria das vezes, tenta contradizer o que eles dizem com base nos dados fornecidos pelas outras fontes (forças de segurança ou vítima). Nas notas e entrevistas, os acusados aparecem de forma indireta, mas não são ouvidos e nem têm voz, apenas tem seu nome relacionado à prática de algum crime.

O último tipo de fonte presente nas notícias é a vítima, no entanto, ela aparece com bem menos força do que as duas outras. A vítima está presente em duas reportagens e uma entrevista, sendo fonte indireta de informação em uma nota. Vale ressaltar que apenas a vítima presente de forma indireta na nota é identificada, pois a nota trata do roubo de seu carro. As outras vítimas que aparecem na reportagem não foram identificadas e tiveram a voz distorcida. Percebemos também que apesar de algumas reportagens e notas veicularem o nome da vítima, caso dos assassinatos, a menção a ela se resume praticamente a isso.

O programa não ouviu nenhum tipo de especialista em segurança pública, nem advogados ou representantes do poder público. As informações relativas à segurança são respondidas principalmente por delegados ou por membros de cargos mais altos da polícia militar. Outra característica do programa é sempre identificar qual o batalhão ou delegacia que o entrevistado pertence. Acreditamos que além de uma forma de identificação, a caracterização dá visibilidade ao trabalho desempenhado por determinada delegacia ou batalhão.

Em relação às características gerais de suspeitos e vítimas, percebemos algo interessante. Cem por cento dos casos retratados envolvem homens e apenas um teve a participação de uma mulher, caracterizada como cúmplice. O roubo de carro foi o crime que mais contou com a participação de duas ou mais pessoas, sendo todas jovens, ou seja, com menos de 29 anos. De modo geral, os acusados que foram identificados nos casos são jovens. O suspeito mais velho tem 55 anos e o mais novo 15 anos, sendo que dos quatorze suspeitos identificados, nove têm entre 15 e 25 anos, três têm entre 32 e 34 anos, um tem 47 anos e um 55. Deixamos de fora uma nota que citou o envolvimento de seis rapazes em um roubo de carro. Não os incluímos em nossa contagem, por não terem as idades reveladas.

Se os homens são os principais responsáveis pelos crimes, mulheres e crianças aparecem como as principais vítimas. O programa identificou, sem necessariamente nomear, 17 vítimas, sendo que dessas, dez são crianças entre 03 e 07 anos vítimas de pedofilia. Houve ainda um menino de oito anos vítima de estupro e três mulheres. A primeira uma adolescente identificada como ALS de 17 anos, que foi assassinada. A segunda, uma mulher que foi identificada como a primeira vítima do maníaco do Anchieta e a terceira, a proprietária de um veículo roubado. As duas mulheres entrevistadas não tiveram os nomes, nem idade revelados e a voz foi distorcida. Apenas duas vítimas foram identificadas pelo nome. Uma delas foi um rapaz de 25 anos, o engenheiro químico João Gabriel, assassinado em um ônibus de viagem e a outra, Jânio José Fernandes que teve o carro roubado. Ressaltamos também um caso em que

o bandido também foi vítima. Um dos seis rapazes envolvidos no roubo de um carro foi morto na ação policial, no entanto, ele não foi identificado na reportagem.

5.2 Análise em profundidade

Após traçarmos esse breve panorama do *Itatiaia Patrulha*, escolhemos os casos que seriam analisados em profundidade. Decidimos analisar as reportagens de abertura de cada programa. A primeira justificativa para nossa escolha é que as reportagens mostram o momento de interação entre repórter e entrevistados. Além disso, todas as reportagens trazem a voz tanto do representante da força de segurança pública quanto do suspeito ou suspeitos. Outro motivador da nossa escolha foi o fato da reportagem de abertura contar com uma chamada diferenciada. Após o apresentador Laudívio Carvalho dizer o título da reportagem são veiculados recortes de algumas falas presentes na reportagem, que se configuram como um dos enquadramentos dados pelo programa aos fatos que serão narrados. Além das reportagens, escolhemos também as notícias referentes à manifestação dos guardas municipais como alvo da nossa análise. Assim iremos analisar uma reportagem, uma cobertura ao vivo e uma entrevista que se referem às manifestações. Escolhemos tal temática, porque a cobertura dessas manifestações sofreu mudanças significativas de enquadramento dentro do programa, sendo que os guardas municipais passaram de heróis a vilões no decorrer das notícias. Os casos escolhidos estão dispostos no quadro abaixo:

Tabela 7 - Programas selecionados

22 de abril	- prisão de homem suspeito de tráfico de drogas (reportagem) - manifestação dos guardas municipais (reportagem)
23 de abril	- Assassinato do engenheiro João Gabriel (reportagem)
24 de abril	- roubo de carro seguido de tentativa de assalto (reportagem) - entrevista com o representante dos Guardas municipais, Pedro Bueno.
25 de abril	- Operação da polícia militar e civil em Betim (reportagem) - Impactos das manifestações da Guarda Municipal e dos feirantes do Mineirinho (cobertura ao vivo)
26 de abril	- Prisão de dois acusados de tráfico de drogas (reportagem)

5.2.1 Usando o nome de Deus em vão

“Alô, alô, Minas. Alô Brasil. Um grande abraço, boa tarde! Cinco horas e oito minutos, estamos começando mais um *Itatiaia Patrulha*. Fico juntinho, juntinho com você, até as cinco e cinquenta e cinco”. É com esta saudação que Laudívio Carvalho recebe, todos os dias, os ouvintes do *Itatiaia Patrulha*. Apesar da trilha sonora de suspense, que mistura batidas de tambores e sirenes, o apresentador assume uma postura bem descontraída. No entanto, terminada a saudação de abertura, a leveza na voz de Laudívio dá lugar a uma voz mais grave e séria, pois é chegada a hora de anunciar a primeira reportagem: “Usando o nome de Deus em vão”.

A reportagem traz o caso de um homem preso por tráfico de drogas e tem como personagens Luiz Paulo de Freitas (suspeito de tráfico de drogas), o sargento Ronaldo Alves e a repórter Amanda Antunes. O apresentador Laudívio Carvalho também faz comentários sobre o caso, participando externamente da narrativa. A reportagem tem duração de sete minutos e é composta pelas entrevistas com Ronaldo e o sargento, o diálogo entre Laudívio e a repórter Amanda Antunes, além dos comentários adicionais de Carvalho no decorrer da reportagem.

O título da reportagem é o primeiro enquadramento dado aos fatos. Usar o nome de Deus em vão faz referência ao segundo Mandamento e significa um uso impróprio do nome de Deus e podemos ir um pouco mais além e dizer da fé. Após este título, o programa dá então seu segundo enquadramento dos fatos ao apresentar um recorte com algumas falas do suspeito.

Luiz Paulo: “Não, não, meu advogado é Deus. Só Deus é a salvação aí pra minha vida. Foi Deus que me tirou. Deus é a salvação pra minha vida. Ele que me tira da cadeia, aí. Ele é a benção”. “Toca no coração da juíza lá e se Deus abençoa eu saio de novo”. Não sei, que a justiça seja feita. A liberdade é a meta”

A partir desse recorte podemos inferir que, segundo a reportagem, Luiz Paulo de Freitas estaria usando o nome de Deus em vão ao dizer que Ele seria seu advogado e afirmar que Deus é que poderia tirá-lo da cadeia ao tocar no coração da juíza. Isso também é confirmado por Laudívio Carvalho, que ao chamar a repórter Amanda Antunes para falar da reportagem pergunta com ironia: “Como é que é o negócio, ele tem advogado ou o advogado dele é Deus mesmo?”.

Voltando ao início da reportagem, o recorte das falas do suspeito é seguido pela entrada de Laudívio Carvalho que introduz a reportagem dizendo que Luiz Paulo de Freitas, de 25 anos, foi preso no bairro Imperial, em Santa Luzia. O apresentador afirma que, segundo

a polícia, o rapaz estava com pedras de craque, cocaína e material para embalar a droga. Em seguida, ele chama a repórter Amanda Antunes que, segundo Carvalho, tem todas as informações sobre o caso. A repórter explica que além da suspeita de tráfico, Luiz também responde por homicídio e que já teria contratado um advogado e repassado dez mil reais a ele. O que ganha destaque na reportagem é que, quando questionado sobre seu advogado, o suspeito diz que seu advogado é Deus e pede para que Deus intervenha para que a justiça seja feita. Mais uma vez, Laudívio reafirma o enquadramento dado ao caso e chama a atenção para o fato do nome de Deus estar sendo usado em vão.

Laudívio: Ô gente, eu fico me perguntando por que a pessoa usa o nome de Deus em vão. Eu acho isso um pecado de todo tamanho. O camarada comete crime, quem está julgando ou quem vai julgar o Luiz Paulo de Freitas é a justiça, não sou eu não. Mas eu tô falando de forma genérica. O camarada rouba, estupra, trafica, faz o capeta, faz o diabo e depois usa o nome de Deus. Ah gente, o peso da mão de Deus não é brinquedo não.

Apesar da reportagem não dizer o local da entrevista, deduzimos que ela se passa na delegacia, já que o suspeito está detido. Amanda Antunes conversa com Luiz por mais de dois minutos e meio (2min40). A princípio, o suspeito diz não ter nada a declarar, que só vai falar diante do juiz, mas acaba cedendo e conversando com a repórter. Mesmo sabendo que Luiz tem ficha criminal e detalhes do caso, apurados com a polícia, a repórter aborda Luiz como se não soubesse e pergunta se ele já se envolveu em outros crimes.

- Amanda: Você já foi preso antes? Por qual motivo Luiz?
- Luiz: Por tráfico de drogas e homicídio.
- Amanda: O homicídio foi quando?
- Luiz: Saí dele foi novembro do ano passado. Tô respondendo em liberdade.
- Amanda: Foi relacionado ao tráfico de drogas, esse homicídio?
- Luiz: Não, não, não. Nada a falar mais não. (ITATIAIA PATRULHA, 22 de abril de 2013)

Amanda questiona Luiz então pelo fato dele ter comprado cinco mil pinos para fazer o embalado da cocaína, afirma que ele teria funcionários, mas ele se recusa a responder. A repórter então argumenta que sua fala é um meio para que ele se defenda, mas ele se recusa, diz que não tem nada a falar, que as informações adquiridas pela repórter não são verdadeiras: “Querem pegar eu aí entendeu. Aí conversa com meu nome. Ninguém nem me conhece. Tô de boa. Tenho nada a ver com nada de droga”.

Ao falar sobre os tipos de entrevista, Cremilda Medina (1990) as classifica em duas tendências principais: as de espetacularização e as de compreensão ou aprofundamento. Acreditamos que no *Itatiaia* Patrulha, as entrevistas com os suspeitos assumiriam uma tendência mais espetacularizada. Segundo Medina, os subgêneros da espetacularização seriam: o perfil pitoresco, perfil inusitado, perfil da condenação e o perfil da ironia

intelectualizada. O perfil pitoresco faz uma caricatura do perfil humano, ressaltando suas características inusitadas. Esse perfil, segundo Medina salienta a fofoca, o grotesco, traços sensacionalistas ou picantes. Já o perfil inusitado procura extrair o que seria exótico, excêntrico no entrevistado. O perfil de condenação seria, segundo Medina, o mais comum no setor policial do jornalismo e segundo a autora “força a entrevista para que o ‘bandido’ seja implicitamente condenado. [...] Este perfil trata o ser humano dentro da redução mocinho/bandido”. (MEDINA, 1990, p. 16) Por fim, o perfil da ironia intelectualizada seria um pouco mais sutil do que o tratamento anterior, mas também extrairia da pessoa uma forma de condenação. “A seleção de frases, as contradições ocasionais, isoladas do contexto, e a adjetivação atribuída pelo entrevistador ao entrevistado acabam por transformar em monstro o mocinho original” (MEDINA, 1990, p. 16). Neste caso especificamente não há predomínio de nenhum perfil, mas a mistura deles, como veremos durante a descrição do caso.

O perfil da condenação é forte no início da entrevista. Mesmo quando o entrevistado diz não ter mais nada a declarar, se afirma inocente, a repórter insiste na entrevista, mantém a tranquilidade e muda o tema da conversa de modo com que o entrevistado continue respondendo, que forneça mais informações que comprovem seu envolvimento. A repórter não se conforma com a representação de Luiz, que nega envolvimento com as drogas e tenta desconstruir sua fachada, buscando fazer transparecer informações que estão nos bastidores, no caso, uma confissão do suspeito que as drogas apreendidas são dele. Para isso, a conversa ganha um novo rumo e a repórter questiona o rapaz sobre família e trabalho.

- Amanda: Você mora com quem?
- Luiz: Moro sozinho com minha esposa.
- Amanda: Você tem filho?
- Luiz: Tenho sim senhor (*sic*). Uma menininha, que vai fazer quatro anos.
- Amanda: Como fica a situação da sua família, da sua filha, quando você é preso?
- Luiz: Agora é esperar, que logo, logo, eu tô saindo, tá de boa.
- Amanda: Você tem algum trabalho?
- Luiz: Não, não. No momento, eu tô pegando só uns bico mesmo.
- Amanda: Que tipo de bico você tem pegado?
- Luiz: Servente de pedreiro
- Amanda: Sua esposa trabalha?
- Luiz: Trabalha
- Amanda: Com o quê?
- Luiz: Ela cuida de menino
- Amanda: Ela é babá então. Como é que ela vê essa situação toda? Esse monte de coisa que você é suspeito, ô Luiz?
- Luiz: Mas ela não sabe de nada da minha vida, assim não, entendeu. Tô de boa.
- Amanda: Quando você foi pego, suspeito do homicídio, segundo a polícia você é réu confesso, até porque você confessou aqui mesmo que matou uma pessoa. O que ela disse na época?
- Luiz: Ela também nem sabe disso não. Tô de boa. Não preciso falar mais nada não. (ITATIAIA PATRULHA, 22 de abril de 2013)

Percebemos neste trecho da entrevista que a repórter tenta fazer com que Luiz caia em contradição e assuma que a esposa sabe de seus crimes. A princípio, quando a repórter pergunta sobre a família do suspeito poderíamos até pensar que haveria ali uma tentativa de uma entrevista de aprofundamento, de expor um perfil mais humanizado do entrevistado, ou seja, “que mergulha no outro para compreender seus conceitos, valores, comportamentos e histórias de vida” (MEDINA, 1990, p. 18). No entanto, o objetivo é fazer com que o entrevistado se contradiga, assumindo assim a entrevista o perfil da ironia intelectualizada. Amanda Antunes questiona Luiz, não se conforma com as explicações que ele dá, reformula as questões, ou usa informações repassadas pela polícia para contrapor as declarações do entrevistado. A representação de Luiz, de seu papel de inocente, não convence.

Como explica Goffman, devemos estar capacitados para compreender que a impressão de realidade criada por uma representação é algo delicado, frágil, que pode ser quebrado por minúsculos contratemplos. E a repórter está atenta a estes contratemplos, a qualquer palavra que possa contradizer o entrevistado, revelando uma falsa fachada, uma representação falsa, que segundo Goffman, “pode surgir pela palavra ou pela ação, por uma declaração ambígua ou distorção da verdade literal, não revelação ou impedimento da descoberta” (GOFFMAN, 1975, p.64). Tentando revelar essa representação, a repórter posiciona o entrevistado tentando enquadrá-lo como responsável pelo crime, e ele se reposiciona, fugindo das perguntas ou negando a veracidade das informações.

Vendo a recusa de Luiz sobre o fato de sua esposa saber de seus crimes, Amanda retoma ao caso investigado, questionando Luiz sobre o fato de ele ter contratado um advogado e de como consegue dinheiro para isso.

- Amanda: Agora é verdade que você teria repassado ontem dez mil reais pro seu advogado?

- Luiz: Não, não, isso aí é boato.

- Amanda: O tráfico de drogas, Luiz, seria mais pra você sustentar, até mesmo a questão, assim, do advogado pra te livrar dessas coisas? Porque se você não trabalha, faz bico, tem um monte de suspeita por vários crimes, paga advogado, de onde que tira o dinheiro? (ITATIAIA PATRULHA, 22 de abril de 2013)

Percebemos várias investidas da repórter de modo a desmascarar o acusado. As perguntas da repórter também ajudam a orientar o ouvinte, dirigir seu olhar sobre os fatos, pois são conduzidas, de modo que mesmo que o repórter e o apresentador digam que o entrevistado é suspeito, que o crime não foi comprovado, as perguntas são todas relacionadas ao crime, exigem detalhes que só o verdadeiro criminoso saberia responder. Além disso, o fato da repórter continuar insistindo nas perguntas relacionadas ao crime, mesmo com o

entrevistado alegando inocência, revelam que o acusado é posicionado como criminoso, mesmo que nas entrelinhas.

Em resposta a pergunta de Antunes sobre seu advogado, Luiz apela à religiosidade.

- Luiz: Não, não, meu advogado é Deus. Só Deus é a salvação pra minha vida. Foi Deus que me tirou. Deus é a salvação pra minha vida. Ele que me tira da cadeia, aí. Ele é a benção.
- Amanda: Ele que vai no tribunal lá e te defende?
- Luiz: Ele toca no coração da juíza e, se Deus abençoa eu saio de novo.
- Amanda: Você acha que vai acontecer isso de novo?
- Luiz: Não sei, que a justiça seja feita.
- Amanda: ô Luiz, segundo informações da polícia, tinha né, os pinos cheios, estavam enterrados em algum local da sua casa. Quem que você acha que ligou pra polícia. Como é que isso chegou?
- Luiz: Não sei. É melhor não falar mais nada não. Não tenho nada a declarar. Tô de boa. (ITATIAIA PATRULHA, 22 de abril de 2013)

Quando Luiz diz que seu advogado é Deus, a entrevista assume um caráter irônico por parte da repórter. Há uma busca tanto por expor o inusitado, ou seja, um bandido que é religioso, quanto o pitoresco, porque a repórter chega a perguntar até se o próprio Deus iria ao tribunal para defendê-lo.

Como vimos, por mais que a repórter tenha tentado conseguir uma confissão, em nenhum momento da entrevista Luiz se declara culpado por tráfico de drogas, nem como proprietário das drogas e do material apreendido. O único crime que ele assume ter cometido é o assassinato, no entanto, estaria respondendo em liberdade por ele. O entrevistado primeiro se recusa a falar, diz não ter nada a declarar e quando fala se defende, nega as acusações. Para se defender, ele recorre a valores como trabalho, família, religiosidade, justiça, arrependimento. Mas todos são questionados pela reportagem.

O trabalho de servente de pedreiro é tratado com descrédito, afinal ele não daria condições a Luiz para manter um advogado. Em relação à família, primeiro a repórter pergunta a Luiz como fica a situação de sua família quando ele é preso, mas o entrevistado não se mostra preocupado e ainda alega que a esposa não sabe de seu envolvimento com crimes, mesmo ele tendo ficado preso por um tempo. A religiosidade do entrevistado é tratada com ironia pela repórter e pelo programa, a começar pelo título da reportagem: “Usando o nome de Deus em vão”, que podemos relacionar a uma invocação do nome de Deus sem merecimento, um uso banalizado e mesmo mentiroso. As atitudes de Luiz não se encaixam no papel de alguém religioso e Laudívio Carvalho ressalta isso, demonstra sua insatisfação e descrédito por tudo o que foi dito pelo entrevistado.

- Laudívio: Meus amigos vocês perceberam? Minha amiga dona de casa, você ouviu direitinho? Ele invoca o nome de Deus o tempo inteiro. E diz que Deus vai tocar no coração da juíza. Olha, se as pedras de craque, a cocaína e o material para embalar a droga são realmente do Luiz Paulo de Freitas, a juíza vai trabalhar com a

letra fria da lei, ela não vai trabalhar com a religiosidade dele, não. Deus é Pai, Deus não é padrao não. Mas quem tem que julgar o crime dos homens aqui em baixo são os homens. Por isso que eu cobro revisão na lei de execuções penais, revisão no código penal. O traficante tem que ficar é guardado, tem que ficar é guardado. (ITATIAIA PATRULHA, 22 de abril de 2013)

Após o breve discurso de Laudívio, a repórter Amanda dá continuidade à reportagem e traz a entrevista com o Sargento Ronaldo Alves, do tático móvel do 35º Batalhão. Diferentemente das declarações de Luiz, a declaração do sargento não é questionada pela reportagem e o policial aparece como uma fonte oficial, confiável. As perguntas da repórter são apagadas pela edição de modo que as falas do sargento apareçam como se fosse um discurso. O sargento conta que a polícia recebeu uma denúncia relatando que Luiz estava guardando drogas no quintal da casa e estaria comandando o tráfico na região.

- Sargento Ronaldo: É um indivíduo bem conhecido do meio policial e só de condenação de tráfico de drogas, que ele responde por tráfico, são três e mais um homicídio, que inclusive ele é réu confesso. Então de acordo com as informações que foram passadas, a gente se deslocou até o local, deparou com o mesmo e ele mesmo indicou o local onde tava enterrada a droga, uma vez que a própria denúncia falava que ele tava enterrando droga lá no fundo da casa. Ele fez uma compra de cinco mil pinos para serem cheios, porque o movimento dele é grande, segundo ele, ele tem cerca de vinte funcionários lá na região. Pega essa droga pesada e monta cargas em torno de mil reais, cada carga, pra depois ser redistribuída entre os funcionários dele. Segundo ele, essa droga ele comprou por vinte mil reais, parte dela, em torno de doze mil teriam sido vendidas tanto de craque quanto de cocaína. (ITATIAIA PATRULHA, 22 de abril de 2013)

A fala do sargento posiciona Luiz como culpado, o coloca no papel de comandante do tráfico na região em que vive e como assassino confesso. Luiz aparece como conhecido da polícia, detentor de ficha criminal e traficante bem sucedido, até mesmo pelo número de “funcionários”, sendo que todas as informações relatadas pelo sargento são atribuídas como advindas do próprio Luiz. Importante ressaltar que nem Laudívio nem Amanda chamam Luiz de criminoso, mas as perguntas da repórter e as falas de Laudívio e do sargento contribuem para que ele apareça como tal.

Na reportagem, percebemos que a fala do sargento tem muito mais peso do que a do acusado. A polícia aparece como detentora da verdade, já que suas informações partem de investigações. O fato de o sargento aparecer no final da reportagem dá mais importância à sua fala, pois ele contradiz tudo o que Luiz disse. É como se sua fala viesse para esclarecer os acontecimentos. As frases de Laudívio Carvalho ao final da reportagem revelam o peso que a declaração do sargento tem.

- Laudívio: Meus amigos, o camarada já tem tráfico de drogas, tem homicídio e tá pedindo a Deus pra livrá-lo da cadeia. Se tudo isso for verdade e a polícia conseguir provar no inquérito e a justiça se manifestar, tomara é que tome muita cadeia.
 - Amanda: E ele quer que a justiça seja feita, né.
 - Laudívio: Pois é, que seja feita então a justiça

Por fim, em relação aos recursos usados na construção da narrativa radiofônica, percebemos que a reportagem usa ao fundo uma trilha sonora de suspense, que confere tensão a reportagem. Como efeitos sonoros são empregados o barulho de sirenes, que são usados ao fundo junto à trilha sonora e também algumas vezes como efeitos sonoros mais evidentes, ou seja, ocupam lugar na narrativa principalmente para destacar certa fala, para causar impacto. As sirenes também vão marcar passagens de uma fala para outra, quando há mudança de assunto, do mesmo modo que a marcação da hora certa também atua desta forma, fazendo conexão entre mudanças de fala.

Mas o que mais marca a narrativa do *Itatiaia Patrulha* é a ênfase dada a certas palavras, principalmente por Carvalho. Algumas palavras são marcadas por pausas ou pronunciadas destacando certas sílabas e vogais, de modo a destacar o que está sendo dito. O locutor usa estes recursos várias vezes dentro da narrativa e os destacaremos em uma de suas falas.

Carvalho: Meus amigos, vocês perceberam? **Minha amiga dona de casa** [pronúncia mais lenta] você ouviu direitinho? Ele invoca o nome de Deus o tempo **inteiro**. [pronúncia mais lenta e destacando as vogais ‘ei’] E diz que Deus vai tocar no coração da juíza. Olha [pausa], **se** [pausa] as pedras de craque, a cocaína e o material para embalar a droga são realmente do Luiz Paulo de Freitas, a juíza vai trabalhar com a letra fria da lei, ela não vai trabalhar com a religiosidade dele, não. Deus é Pai [pausa], Deus não é padrasto não [pausa]. Mas quem tem que julgar o crime dos homens aqui em baixo são os homens. Por isso que eu cobro **revisão** [pronúncia mais lenta seguida de pausa] na lei de execuções penais, **revisão** [pausa] no código penal. O traficante tem que ficar é **guardado** [pronúncia mais lenta, destacando cada sílaba e seguida de pausa], tem que ficar é **guardado** [pronúncia mais lenta].

Além da pronúncia, vale destacar também a escolha de certas palavras. Laudívio trata o ouvinte como amigo, como amiga. Usa uma linguagem mais coloquial, eufemismos e expressões populares: “letra fria da lei”, “julgar o crime dos homens aqui em baixo”, “ficar guardado”, “Tocar no coração da juíza”. Há também traços do linguajar mineiro, quando no início de sua fala ele usa uma palavra no diminutivo: “Minha amiga dona de casa você ouviu direitinho?”. Percebemos que também a repórter faz uso principalmente de palavras e expressões próprias do linguajar popular e usadas pelos próprios entrevistados. Amanda Antunes primeiro pergunta se o entrevistado trabalha, quando Luiz responde que tem pegado bico, ela então pergunta “Que tipo de bico você tem pegado?”. Percebemos que há por parte da repórter uma adequação à linguagem de seu entrevistado, sendo tal adequação um artifício para se aproximar da fonte. O interessante é que o rádio deixa transparecer tudo isso, pois as falas são expostas na linguagem usada pelo jornalista e entrevistado.

5.2.2. Acredite se quiser

O *Itatiaia Patrulha* do dia 23 de abril tem como reportagem principal a prisão de Fernando Oliveira Miguel, suspeito de matar o engenheiro químico João Gabriel Camargos em um assalto a um ônibus de viagem. Após a abertura do programa e a tradicional saudação de Laudívio Carvalho, o apresentador chama a primeira reportagem: “Acredite se quiser”. Percebemos aí uma mudança de *footing*, da postura do apresentador. Carvalho recebe sempre os ouvintes com proximidade, com leveza, a fim de que eles se sintam “bem vindos”, mas o anúncio da reportagem exige que o locutor imprima na voz tensão, suspense, crie expectativa pelo que será anunciado. Anunciada a reportagem, entram então recortes das falas do suspeito do crime.

Fernando: “Realmente cometi esses delitos, entendeu? Tô aqui agora perante a justiça pra pagar pelos meus delitos, pelos meus crimes, cometido (*sic*) dentro do estado de Minas e dentro do Brasil”. “Quero pedir perdão para a população nacional e especial pra família do João Gabriel de Camargo”. “Mas aconteceu e eu tô aqui perante a lei pra pagar”. “Mas eu tenho certeza que o grande ‘Eu sou’, o Deus dos exércitos de Israel, vai me dar uma oportunidade de sair e ser um cidadão de bem como todos vocês hoje são, entendeu!” “O errado é persistir no erro”. “Porque a casa caiu mesmo e não adianta eu tentar tapar o sol com a peneira”. (ITATIAIA PATRULHA, 23 de abril de 2013)

Complementando o título, os recortes situam o ouvinte, ao oferecerem quadros de sentido para a reportagem. As falas de Fernando, interpretadas a partir do título “Acredite se quiser”, ganham o tom da dúvida, da desconfiança. Será que é possível acreditar no arrependimento deste bandido? Em seu pedido de perdão? Em sua fé? Que ele assume seu erro e o propósito de não errar? Ao dizer acredite se quiser, o programa posiciona o ouvinte diante da reportagem, convidando-o a fazer o seu julgamento, a partir das informações que serão oferecidas pela reportagem.

Dando sequência à reportagem, Laudívio Carvalho mantém o tom sério e até indignado e faz referência à reportagem anterior ao perguntar por que os “caras”, ou seja, os bandidos, têm falado o nome de Deus em vão. Ao dizer isso, ele se posiciona acerca do que foi falado e dá a entender que não acredita nas palavras de Fernando, já que também ele estaria falando o nome de Deus em vão. Carvalho então introduz a reportagem, dando mais informações sobre o caso. Ele lembra o ouvinte sob o caso de Fernando Oliveira que matou o engenheiro químico João Gabriel. A fala do apresentador indica que o assassinato já tinha sido tratado pelo programa anteriormente.

Laudívio: Fernando Oliveira Miguel de 33 anos, aquele rapaz, aquele camarada que matou o engenheiro químico João Gabriel Camargos de 25, dentro de um ônibus.

Vocês se lembram? Deu um tiro na cabeça. Atirou, matou, fugiu e está na cana, guardado. Agora fica lá, diante da imprensa, dos delegados e dos colegas de cela invocando o nome de Deus. “Deus é maior, Deus vai me tirar deste aperto todo, Deus vai me tirar deste sufoco. Eu quero virar um cidadão de bem”. Vai virar nunca! Sabe por quê? Porque no primeiro crime não virou, não tomou vergonha. Fez o segundo, fez o terceiro, o quinto, o oitavo, o décimo e tá matando e mata, porque sabe que não vai acontecer nada, porque a cana é pequenininha. Sabe, é cana pra fazer cachaça, é cana leve. (ITATIAIA PATRULHA, 23 de abril de 2013)

A postura e a fala do apresentador demonstram que ele não acredita no arrependimento de Fernando e nem que ele possa se redimir, tornar-se um cidadão de bem. Com sua atitude, Laudívio não só desmente Fernando, como assume o papel de juiz e o condena, o sentencia, já que segundo o apresentador, ele continuará matando, ele não vai mudar de atitude. Percebemos que sua performance, imprimida principalmente na voz, mais alta e com um tom sério e forte, demonstra indignação e visa convencer o ouvinte de que Fernando não irá mudar, é um “caso perdido”. A escolha das palavras e sua pronúncia cheia de pausas servem para chamar a atenção do público para as informações que estão sendo faladas. A fala de Laudívio somada à sua performance vocal oferecem a moldura, o enquadre, que irá instruir o observador, ou no nosso caso, o ouvinte. Laudívio dá motivos, instruções para que não acreditemos em Fernando e no seu desejo de tornar-se um cidadão de bem: “no primeiro crime não virou, não tomou vergonha. Fez o segundo, fez o terceiro, o quinto, o oitavo, o décimo e tá matando e mata, porque sabe que não vai acontecer nada [...]”.

Percebemos também que a fala do apresentador alimenta, fortalece representações acerca do papel do bandido. A partir da fala de Laudívio podemos inferir que o bandido é aquele que dificilmente vai sair da vida criminosa; que não tem e nem pode ter crenças religiosas; que não tem vergonha de seus atos, além disso, não tem recebido uma punição adequada para seus crimes, ou seja, tem ficado impune.

Dando continuidade à sua fala, o apresentador aponta o que, para ele, seria a solução para que os bandidos tivessem “conserto”: o endurecimento das penas criminais.

Laudívio: Eu queria ver se tomasse uma cana arrumada, de 30 anos pro nariz a dentro, pra ver se consertava ou não consertava. Gente, tem que parar com esse negócio, tem que parar com esse negócio. O cara toma cadeia, vai pra rua, toma cadeia, foge. Toma cadeia, muda de nome, toma cadeia. Sabe. (ITATIAIA PATRULHA, 23 de abril de 2013)

Percebemos que as falhas do sistema penal são assunto recorrente no programa. Há uma insistência por parte do apresentador em explicar a criminalidade exclusivamente pelo viés constitucional, como se a mudança das leis, do código penal, fosse a única solução para a redução da criminalidade. O programa não problematiza, por exemplo, questões como o

acesso à educação, a má distribuição de renda, a melhora do sistema penitenciário. Além disso, a fala de Laudívio também alimenta a ideia de impunidade ao destacar as idas e vindas de um bandido na cadeia. Isso nos remete ao pensamento de Maria Stela Porto (2009), de que as representações de impunidade presentes na mídia, bem como sua presença concreta e testemunhada no cotidiano das pessoas, ajudam a promover o descrédito nas instituições, ao colocarem sob suspeição sua legitimidade e eficácia.

Após este breve desabafo, Carvalho chama então a repórter Laura Rezende, responsável pela reportagem. A repórter conta que Fernando Oliveira Miguel chegou a Belo Horizonte e foi apresentado pela polícia civil na região da Pampulha. A repórter caracteriza o suspeito, usando a fala da polícia, como o maior assaltante de ônibus de viagem do país. Laudívio então chama a atenção para a informação da repórter e dialoga com o ouvinte a respeito da insegurança.

Laudívio: Meus amigos, o maior assaltante de ônibus de viagem de todo o Brasil. Minha amiga dona de casa, como é que a senhora fica, quando a sua filha entra em um ônibus, o seu filho dizendo: “olha mamãe, eu tô indo pro Rio de Janeiro, tô indo pra São Paulo, encontrar com minha namorada no sul do país”, se a gente não sabe quem está embarcando no mesmo coletivo, se é um assaltante, um assassino frio que vai dar um tiro na cabeça do seu filho. (ITATIAIA PATRULHA, 23 de abril de 2013)

Nesta fala vale destacar primeiro o tratamento dado pelo apresentador aos ouvintes. Sempre que fala aos ouvintes, Carvalho os chama de amigos. Essa é uma característica muito comum no rádio e que indica proximidade, uma quase intimidade com o público. Como aponta Milton Jung, o âncora é a figura que “diariamente, divide emoções e faz companhia” (JUNG, 2004, p. 39) e no caso de Laudívio, divide também as preocupações. O apresentador se solidariza com as mães que têm que deixar o filho viajar, sem saber o que o espera. É claro que por trás da fala do apresentador há um discurso de insegurança, de que a violência está em todo lugar. Esta fala também nos oferece nova representação acerca do papel do bandido, quando ele se refere ao assassino como alguém frio.

A reportagem continua e a repórter Laura Rezende dá mais informações sobre o suspeito. Ela conta que de dezembro a março de 2013, Fernando já teria cometido 16 assaltos a ônibus em várias cidades do país, que sua ficha criminal é extensa e que ele teria matado uma pessoa em São Paulo, mas estaria em regime de progressão. Laudívio então dialoga com o ouvinte e chama a atenção para as informações da repórter, de que mesmo tendo matado uma pessoa, Fernando ainda recebeu um benefício. A fala da repórter reforça o discurso anterior de Laudívio sobre as falhas das leis e ele mais uma vez chama a atenção do ouvinte para isso. Tal benefício, segundo o apresentador, não seria porque a justiça é boa, mas sim

“porque as nossas leis são frouxas e aí o cara deita e rola, entra e sai da cadeia, mata e volta e foge de novo”. Laura então complementa as informações e diz que Fernando tem passagens pelos estados do Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Brasília, Paraná, Mato Grosso e vários outros. Laudívio diz então à repórter que casos como esse o deixam desanimado.

Laudívio: ô Laura, dá um desânimo na gente, não dá? Olhar um camarada daquele lá, forte, bom de trabalhar, num é? Laura, se o Brasil tivesse um regime penitenciário sério, um cara com aquele porte físico ia quebrar pedra na cadeia pra se sustentar, ao invés de ficar recebendo salário reclusão pra filhos que estão aqui do lado de fora. E ainda tirou a vida de filho de muita gente. (ITATIAIA PATRULHA, 23 de abril de 2013)

Mais uma vez Laudívio tece críticas às formas de punição dos crimes e diz que o sistema penitenciário brasileiro não é sério. No entanto, como solução ele não propõe medidas sócio-educativas ou formas de trabalho que profissionalizem os presos, mas sim um regime de trabalho braçal, no qual se pague pelo que fez pela força física. Ele também critica o programa do governo que auxilia a família dos presos. Para além dessa crítica, sua fala não promove aprofundamento destas questões. O apresentador expressa suas opiniões, expressa seus julgamentos e isto basta ao programa.

Continuando com a reportagem, Laura informa que além dos assaltos e assassinatos, Fernando tem passagem por falsidade ideológica e que teria inclusive, usado o nome do próprio cunhado. A reportagem traz então a fala do delegado adjunto de Lavras, Ailton Pereira, que explica como foi feita a prisão de Fernando no Paraná a partir da divulgação do retrato falado e também da ajuda de um fuzileiro naval que foi vítima de Fernando em outro assalto a ônibus.

Segundo o delegado, o fuzileiro, ao saber do assassinato do engenheiro, enviou a ele um email com várias informações sobre Fernando e inclusive uma foto do assaltante. O delegado então encaminhou o email para a delegada, doutora Iara, que era parente da vítima. Em meio a outras fotos, ela mostrou a foto do suspeito para a namorada de João Gabriel, que reconheceu Fernando.

Após a fala do delegado, Laura conta que Fernando não agia sozinho em Minas Gerais. Segundo a repórter, ele contava com a ajuda de uma amante que também foi presa. A repórter então introduz a fala do delegado Jeferson Botelho, que explica a participação de Samanta de Castro, de 26 anos, nos crimes.

Dr. Jeferson Botelho (superintendente da polícia civil): Aqui em Minas Gerais, ele tinha a Samanta, como amante, ele investia nela, comprava tudo pra ela. Em quatro casos ela participou. Dois deles, ela participou, inclusive, ativamente, dentro do próprio ônibus. Na maior parte, ela ia seguindo o ônibus de carro, tudo traçado,

combinado. E nesse caso do João Guilherme, ela sabia do fato, sabia que ele tinha praticado na sexta feira o crime em Pouso Alegre, [...] e ela também participou desse caso. (ITATIAIA PATRULHA, 23 de abril de 2013)

Como levantamos a partir do mapeamento do programa, Samanta é a única mulher envolvida em um crime. No entanto, ela não é caracterizada pela palavra assaltante e sim como amante de Fernando, sendo seu envolvimento nos crimes consequência dessa relação. O delegado explica que Fernando é o provedor de Samanta, que “investia nela, comprava tudo pra ela”. Percebemos que o papel da mulher no crime fica em segundo plano em função da relação amorosa que ela tem com ele. Ela participa de dois casos, ela tem ciência do que o amante faz, mas seu papel é resumido ao de cúmplice, já que o mentor é o homem.

Além de explicar o papel de Samanta nos crimes, na mesma fala, o delegado explica o modo de atuação de Fernando e suas características. Segundo o delegado, o assaltante algumas vezes abordava a vítima usando a palavra de Deus.

Delegado Botelho: [...] quando ele entrava no ônibus, ele abordava o passageiro, às vezes, usando a palavra de Deus. A abordagem era a palavra de Deus e num dado momento anunciava o assalto. Então é um cidadão frio, calculista, pernicioso, perigoso para a sociedade. Quando em liberdade, constitui um fator de risco, daí a polícia civil representar mais uma vez pela prisão preventiva para que ele continue respondendo o processo preso. (ITATIAIA PATRULHA, 23 de abril de 2013)

A informação de que Fernando usava a palavra de Deus para abordar suas vítimas, reforça a fala de Laudívio e o enquadramento dado à reportagem de que Fernando não seria um homem de fé, como ele tenta transparecer em sua fala. Além disso, o delegado reforça a imagem de Fernando como um criminoso perigoso, frio, calculista, que põe a sociedade em risco, o que condiz com outra fala de Laudívio em que ele diz que o suspeito não iria mudar, não se tornaria um cidadão de bem. A partir da escuta do programa, percebemos que as falas de Laudívio são fundamentadas no que será dito pela reportagem. Acreditamos que ele tem acesso à reportagem antes de sua veiculação e ele atua na narrativa reforçando os enquadramentos propostos pela reportagem e convocando o ouvinte a aderir à narrativa.

Seguida da fala do delegado, Laura então conta que Fernando falou com a imprensa. A repórter chama a atenção para o fato de que o suspeito elogiou o trabalho da polícia em sua declaração.

Fernando: A polícia civil do estado de Minas Gerais fez um ótimo trabalho, sim, porque todos esses crimes fui eu que cometi sim, entendeu? Eu tenho a dizer que todos esses crimes que a polícia tá informando, eu realmente cometi esses delitos, entendeu? Tô aqui agora perante a justiça pra pagar pelos meus delitos, pelos meus crimes, cometido dentro do estado de Minas e dentro do Brasil. Quero dizer que eu tô arrependido de ter cometido o crime. Quero pedir perdão aí pra população nacional, quero pedir perdão para a população mineira e especial pra família do João Gabriel de Camargo. Deixando claro que foi um acidente, jamais eu tive a intenção de fazer o que aconteceu, mas aconteceu e eu tô aqui perante a lei pra pagar. Eu

também quero pedir perdão pra minha mãe, que é uma pessoa honesta e quero deixar claro pra todos que eu vou pagar o que eu devo pra justiça. (ITATIAIA PATRULHA, 23 de abril de 2013)

Fernando ter confessado o crime explica o enquadramento da reportagem focar não no crime em si, mas sim, em sua capacidade de arrependimento, de regeneração. A reportagem desde o início não o trata como suspeito e sim como o responsável pelo assassinato do engenheiro e pelos assaltos a ônibus. Não há dúvida que Fernando cometeu os crimes, já que ele assumiu isso. O que é colocado em questão é o papel que ele tenta assumir de bandido arrependido. O programa questiona se de fato ele é capaz de se arrepender, se devemos acreditar em seus pedidos de desculpas. Afinal, um homem que cometeu tantos crimes pode se regenerar? Está mesmo disposto a pagar por seus erros? A declaração continua e ele então mostra ter fé e confiança na providência divina; além disso, Fernando tenta se afastar das suspeitas que teria envolvimento com alguma facção criminosa.

Fernando: Mas eu tenho certeza que o grande “Eu sou”, o Deus dos exércitos de Israel, vai me dar uma oportunidade de sair e ser um cidadão de bem como todos vocês hoje são, entendeu? Porque errar é humano. O errado é persistir no erro. Eu errei, vou pagar. Tô com a cabeça erguida sim. Sei, tenho consciência dos meus atos, tô disposto a colaborar com a justiça no que for preciso, entendeu? Porque a casa caiu mesmo e não adianta eu tentar tapar o sol com a peneira. Tô falando aí, a mídia, que eu faço parte de uma facção criminosa. Não faço parte de facção criminosa alguma. Os atos que eu fiz foi sozinho e sou responsável pelos meus atos. Não sou o monstro que muitas vezes parece ser por eu fazer parte de uma facção, eu não faço, graças a Deus isso eu não faço. (ITATIAIA PATRULHA, 23 de abril de 2013)

Essa fala de Fernando é a que aparece no início do programa a partir dos recortes feitos pela edição do *Itatiaia*. Fernando não só afirma que se tornará um cidadão de bem, por intermédio de Deus, como também que quer pagar por seus atos, quer sua remissão. Fernando tenta assumir o papel do bandido arrependido, do “bom ladrão” bíblico que se arrepende de seus erros na cruz, quando está ao lado de Jesus Cristo, ou seja, do próprio Deus. É interessante ressaltar também a preocupação do assaltante de não ser vinculado a nenhuma facção, pois fazer parte de uma facção seria mais um agravante e como ele mesmo diz, significaria ser “um monstro”. Após essa extensa fala de Fernando, que dura quase dois minutos (1min50), são veiculados alguns trechos da coletiva de imprensa.

- Repórter homem: Fernando, você falou que foi acidental o que aconteceu com o rapaz do ônibus lá. Por que você atirou?
- Fernando: Foi acidente. Eu tropecei no pé de alguém e a arma tava engatilhada e eu não sei se o cano do revólver bateu e saiu um tiro em direção à cabeça da pessoa. Eu não sei o que aconteceu. Eu sei que eu tropecei e a arma tava engatilhada e eu tentando segurar em algum canto e a arma disparou e aconteceu.
- Laura: Você disse pro motorista não parar? Parar só aqui em Belo Horizonte, na chegada?

- Fernando: sim, falei. Queria que desse tempo deu me evadir, na verdade eu não sabia nem onde tinha pegado o tiro, então eu pensei que daria tempo dele ser socorrido sim. (ITATIAIA PATRULHA, 23 de abril de 2013)

A partir da escuta do programa parece que Fernando primeiro deu uma declaração e depois como descrito acima, responde às perguntas dos repórteres. Fernando permanece calmo durante toda a entrevista, não eleva a voz e se declara arrependido do que fez. A primeira pergunta o questiona sobre o assassinato, que teria sido acidental. Fernando então diz não saber o que aconteceu, mas que a arma disparou sem querer. A repórter Laura Rezende o questiona em um ponto chave, que o foi o fato dele não ter deixado o rapaz ser socorrido. Laura sabe que Fernando pediu para o motorista não parar, no entanto, ela expõe isso na reportagem como pergunta, de modo, que a informação não assuma um tom acusador, caso de uma afirmação. Repórter e entrevistado estão ali em interação e o posicionamento de quem entrevista influi muito na resposta. Se ela se aproxima com agressividade, em tom acusatório, o entrevistado pode não querer falar, pode ficar em silêncio. Outro fator que deve ser levado em conta aqui, é que ao assumir o crime, Fernando se posiciona, assume o papel de autor dos crimes e isso reduz o peso investigativo da reportagem. Ele é um criminoso declarado, cabe à reportagem agora descobrir o porquê de suas ações.

Em resposta a Laura, o rapaz assume que não deixou o ônibus parar, mas tenta se passar por inocente e diz que pensou que daria tempo, que nem sabia onde o tiro tinha pegado. Fernando sabe que não há como negar o que ele fez, no entanto, ele tenta suavizar o ato, pois assumir que deixou o rapaz morrer, que tinha consciência que ele não se salvaria, seria depor contra a impressão que ele quer passar de que não é uma pessoa ruim, não é nenhum monstro. Então em sua performance ele tenta deixar nos bastidores os detalhes do caso, como o fato do tiro, que ele disse acidental, ter atingido a cabeça do rapaz ou o motivo do socorro ter sido negado. E para convencer, a postura assumida por Fernando é de tranquilidade, polidez.

A partir daí a reportagem muda então o caminho. Não há insistência na história do tiro ter sido acidental, nem de ele ter negado socorro. Os repórteres não continuam o questionamento, pois o que Fernando diz somado a tudo o que foi dito pelas outras fontes, por Laudívio e a repórter já depõem contra ele. Laura muda então o foco, e questiona Fernando sobre sua família.

- Laura: Você tem quatro filhos em São Paulo. Como que tá a situação, eles estão sabendo da sua prisão?

- Fernando: Creio eu que sim

- Laura: Como você acha que eles devem tá?

- Fernando: Com certeza devem tá triste né, muito triste

- Laura: Como era sua relação com eles enquanto você morava lá?

- Fernando: De muito afeto.

- Laura: E sua mãe, lá no sul de Minas, ela soube da sua prisão através da polícia? Como foi?
- Fernando: Não sei, porque a última vez que eu falei com a minha mãe foi no dia 12 de dezembro. Um dia depois que eu havia sido solto da cidade de Barbacena. (ITATIAIA PATRULHA, 23 de abril de 2013)

Percebemos que a intenção da repórter com essas perguntas é ressaltar o drama familiar, vitimizar também quem está próximo ao acusado. As perguntas buscam mostrar que os crimes de Fernando prejudicam os filhos, deixam uma família abandonada, deixam uma mãe desesperada. Há um caráter melodramático aqui, de expor também o sofrimento da família, talvez também de ver em Fernando alguma vergonha pelo que fez, algum arrependimento, de testar seu afeto por alguém.

Encerrada a reportagem, Laudívio dialoga com Laura e faz seus últimos comentários sobre o caso.

- Laudívio: O camarada é preso, é solto, mata, assalta, apronta, faz o capeta, faz o diabo e depois diz que não é nenhum monstro. Olha, um camarada desse deveria receber uma medalha de condecoração, né não? Deveria receber um diploma de honra ao mérito. Vai tomar banho viu! São cinco horas e dezenove minutos. Ô Laura, meu estômago dói, viu, por Deus que meu estômago vai doendo.
- Laura: dói mesmo, Laudívio.
- Laudívio: Tirou a vida de um rapaz de vinte cinco anos do nada, meus amigos, e diz que não é um monstro. É o quê? É o quê? Eu não tô aqui pra julgar ninguém, mas eu me coloco no lugar do pai e da mãe desse rapaz que morreu, de outros tantos que morreram nas mãos desse sujeito aí. Se alguém acha que ele tem recuperação, que me aponte, que recuperação que pode ter um camarada assim? São cinco horas e dezenove minutos, meu amigo Edmilson lá do bairro Juliana tá ligando pra cá, falando: “Laudívio, eu concordo com você, ninguém dá conta disso”. Laura, bom trabalho, parabéns, bonita matéria. (ITATIAIA PATRULHA, 23 de abril de 2013)

Em sua fala final, Carvalho mantém sua postura indignada e em alguns momentos irônica a respeito do caso, e defende mais uma vez a impossibilidade de recuperação de Fernando. Percebemos que ele convoca também o ouvinte a se indignar e a não acreditar em Fernando ao chamar sua atenção para os crimes cometidos, ao caracterizá-lo como um monstro. Ele ainda desafia se existe alguém que discorda dele: “se alguém acha que ele tem recuperação, que me aponte, que recuperação que pode ter um camarada assim?” Interessante que a resposta vem imediatamente na participação do ouvinte Edmilson, que concorda com Carvalho. Edmilson representa na narrativa do programa os ouvintes, como se todos dessem razão ao apresentador.

Pensado no papel da vítima nessa reportagem, percebemos que a vítima não é apenas João Gabriel, mas os pais e mães que perderam os filhos devido aos crimes cometidos por Fernando e por tantos outros. Há uma generalização de modo que o papel da vítima possa ser assumido pelos ouvintes do programa. Pouco se fala de João Gabriel, sabemos apenas sua

idade e profissão. Podemos pensar também na família de Fernando como sua vítima, já que a reportagem mostra que seus atos são motivo de sofrimento para sua mãe e filhos.

Em relação aos valores que aparecem na reportagem, a família, a religião, o trabalho, o arrependimento, o perdão e a justiça são valores bem presentes. Percebemos que o programa não vai contra os valores socialmente hegemônicos. O que os populariza é o modo de falar deles, as palavras empregadas, o contexto em que aparecem. Por exemplo, a família não aparece como lugar do afeto, do amor, a família no programa ganha destaque por ter sido desfeita, pela perda. A família de João Gabriel foi desmembrada com sua morte, assim como tantas famílias vítimas da criminalidade. Também a família de Fernando sofre danos, pois por mais que ele argumente que a relação com os filhos é de afeto, ele está distante deles e também de sua mãe com quem não tem contato desde dezembro.

A religião está presente tanto na fala do assaltante quanto do apresentador Laudívio Carvalho. Ela aparece representada pelo cristianismo, predominante na cultura ocidental. O programa oferece a visão de que Fernando faz um uso indevido da religiosidade, pois seus atos não condizem com os atos de alguém religioso. O que Fernando fez é associado ao “diabo, ao capeta” imagens do mal nas religiões cristãs. Mas quando a religiosidade está na fala de Laudívio, que invoca Deus em algumas falas, essas são tratadas com total naturalidade, como se o apresentador tivesse mais direito a isso.

O arrependimento e o perdão também estão presentes na fala de Fernando. O rapaz se diz arrependido e pede perdão pelos erros, no entanto, estes são outros dois valores que parecem não condizer com o papel do bandido; o fato de ter cometido vários crimes parece não condizer com a postura arrependida. Carvalho demonstra isso quando diz que se depois do primeiro crime não tomou vergonha, não tomaria agora, não se arrependeria depois de tantos crimes cometidos. É feito o julgamento e Fernando não recebe perdão por parte do programa.

Por fim, a justiça é um valor muito presente no programa de modo geral. Ela é sempre reivindicada. Quem errou tem que pagar pelo que fez, a justiça tem que ser feita. O programa também problematiza a justiça e diz o que não é justo. Penas pequenas, passagens rápidas pela prisão não são justas. Segundo a lógica do programa, a vítima merece justiça e a punição do bandido é o que a torna concreta.

5.2.3. Um tapa na cara da sociedade

A reportagem principal do dia 24 de abril traz o caso de quatro jovens presos por estarem em um carro roubado e é intitulada “Um tapa na cara da sociedade”. A reportagem tem como foco principal mostrar que os suspeitos não parecem estar preocupados com a prisão, o que começa a ser demonstrado por meio da edição das falas dos entrevistados.

voz 1: Ele é meu amigo, eu tenho confiança nele. Pode me levar pra qualquer lugar.
voz 2: Ele chegou lá em casa e falou que tava com o carro que ele comprou e me chamou pra dar um rolê. Eu saí pra dar um rolê com ele. Só isso que eu tenho a declarar. Piloto demais mesmo “fii”, toco é muito (risadas) (som de um gato miando assustado) voz 3: é boa e linda, viu (risadas). (ITATIAIA PATRULHA, 24 de abril de 2013)

A caracterização do suposto crime é feita por Laudívio tendo ao fundo o som de sirenes. Percebemos que em todas as reportagens o apresentador é quem contextualiza o ouvinte, o situa sobre a reportagem. Ele apresenta os suspeitos, fala o nome e idade, quando estes são maiores de idade, indica o delito cometido, o local onde o fato aconteceu.

Laudívio: Meus amigos, o delegado Wagner Sales e seus subordinados e seus companheiros prenderam quatro homens: Everton Celso Moreira de 21 anos, Carlos Ariel Ribeiro de 19, Fabrício Sergio da Silva de 23 e Mateus Moreira de 19 anos. A cana aconteceu em Betim, segundo informações da polícia civil, eles estavam em um carro fox tomado de assalto no bairro Padre Eustáquio. (ITATIAIA PATRULHA, 24 de abril de 2013)

O apresentador também faz questão de ressaltar, em sua fala inicial, o trabalho realizado pela polícia de Betim.

Eu vou dizer a vocês, quando o delegado Wagner Sales assumiu a delegacia de homicídios em Betim, eu avisei pra turma da “bandi”, pra turma da bandidagem: “vocês podem colocar as barbas de molho que o Wagner Sales vai chegar e vai dar cana”. Ele é hoje o delegado regional de Betim, aquela área toda ali é comandada pelo Wagner Sales, tem o Rogerinho que é agente, tem uma equipe inteira ali trabalhando vinte e quatro horas pensando no bem estar da sociedade. E foi pensando nesse bem estar que esses quatro camaradas foram presos. (ITATIAIA PATRULHA, 24 de abril de 2013)

Essa fala de Laudívio é um exemplo de como o programa valoriza o trabalho policial. Laudívio critica as leis, o sistema penal, judiciário, mas não a atuação das forças de segurança. Em nenhum dos programas veiculados, na semana da coleta, escutamos críticas ao trabalho da polícia. Esse é sempre ressaltado por seu bom desempenho, sendo que Laudívio costuma parabenizar os policiais responsáveis pelas prisões. Nesse caso específico, Carvalho faz questão de dizer o nome do delegado Wagner Sales e ressaltar que conhece seu trabalho. Na reportagem, Sales aparece como exemplo de um bom delegado, ele interpreta bem seu

papel, porque, segundo Laudívio, “dá cana”, prende os bandidos, pensa no bem estar da sociedade. O delegado e sua equipe trabalham vinte quatro horas, ou seja, sem cessar, para defender a sociedade. Assim o papel do delegado se aproxima do herói melodramático, do justiceiro que defende a vítima, no caso, os cidadãos de Betim.

Outro ponto interessante desta fala são as expressões usadas por Laudívio: “turma da bandi”, “turma da bandidagem”, “dar cana”, “colocar as barbas de molho”, “camaradas”. O apresentador usa vários termos populares e se afasta da linguagem coloquial típica usada em radiojornais. Acreditamos que essa é uma estratégia que cria proximidade com o ouvinte, que de certo modo, coloca Laudívio e o público em um mesmo patamar. Laudívio não propõe um discurso, mas um diálogo, uma conversa direta com o “amigo”, com a “amiga dona de casa”. A relação entre amigos dispensa formalidades e o uso do linguajar cotidiano, presente nas ruas, nas periferias e que também é corrente no linguajar dos entrevistados ajuda a criar essa relação de proximidade. Com isso, o apresentador mostra que compartilha a mesma linguagem do ouvinte e, conseqüentemente, uma cultura que lhes é própria.

Responsável pela reportagem, Amanda Antunes começa sua fala explicando que os quatro homens foram apresentados há pouco pelos policiais civis da 2ª DP em Betim e que são suspeitos de vários crimes na capital e região metropolitana. A repórter os caracteriza como suspeitos, já que os jovens não assumiram envolvimento em nenhum crime. O primeiro entrevistado é Fabrício, que segundo a polícia, seria o mentor das ações criminosas.

Questionado pela repórter sobre o que teria a dizer em sua defesa, Fabrício diz não ter envolvimento com o fato e que o carro e a réplica da arma nem seriam dele, mas de Mateus. Amanda então pergunta, quase afirmando, que Fabrício sabia que o carro não poderia ser de Mateus, já que era de uma mulher, assaltada no bairro Padre Eustáquio. Novamente, o rapaz nega ter ciência daquilo. A conversa continua e Amanda pergunta o que eles estavam fazendo em Betim e Fabrício diz que nem conhece tais lugares. A repórter não se conforma com a resposta e continua a questioná-lo.

- Amanda: Você foi preso aonde então Fabrício?

- Fabrício: Mas eu não sabia o lugar que eu estava não, ué. (ITATIAIA PATRULHA, 24 de abril de 2013)

Fabrício se mostra desconfortável com as perguntas, no entanto se mantém calmo, não exalta a voz. Percebemos que apesar de Fabrício tentar convencer a repórter sobre seu desconhecimento do fato, ela continua a questioná-lo a respeito. Sabemos, que antes de conversar com os entrevistados, há por parte da repórter um conhecimento prévio do caso, dos dados investigados pela polícia. É com base nisso, nos dados “oficiais” que a repórter se

aproxima dos suspeitos e tenta, no decorrer da reportagem, comprovar as informações obtidas. Não acreditamos que a entrevista com os acusados vá em busca do que aconteceu, afinal, isso a reportagem acredita obter da polícia. A fala dos acusados aparece na narrativa tentando confirmar o que a fonte policial afirmou. Há uma busca para desmascarar os suspeitos, para comprovar sua culpa diante dos microfones.

A entrevista continua e Amanda pergunta para onde Fabrício estava indo e ele afirma que era pra casa. No entanto, antes da resposta de Fabrício, um dos rapazes responde a mesma coisa e a repórter então o questiona sobre isso.

- Amanda: Agora, sabe o que me surpreende? De acordo com a polícia você é o mentor disso tudo, você é o líder. Agora, você não sabe responder. Eles é que ficam ditando o que você deve responder?
- Fabrício: Jamais, eles sabem o que eles falam. Tenho mais nada a declarar não.
- Amanda: Eles é que ficam mandando se você fala ou não, Fabrício?
- Fabrício: Não tenho mais nada pra declarar não. (ITATIAIA PATRULHA, 24 de abril de 2013)

Percebemos que a repórter tenta confirmar as informações da polícia de que Fabrício é o líder. No entanto, o comportamento do rapaz contradiz o de um líder, do mentor, já ele tenta passar a impressão de que não sabe nada, ao se mostrar acuado diante dos outros, como se os obedecesse.

- Amanda: Segundo a polícia, vocês são aí, reconhecidos também. Vocês estariam indo fazer arrombamentos em casa e também roubar lá no cartódromo.
- Fabrício: Não tenho ciência nem onde eu estava não.
- Amanda: Você costuma entrar no carro e te levam pra onde querem?
- Fabrício: Ele é meu amigo e eu tenho confiança nele. Eles podem me levar pra qualquer lugar. (ITATIAIA PATRULHA, 24 de abril de 2013)

Por mais que a repórter insista, Fabrício tenta sustentar seu papel de vítima, de que entrou no carro sem saber para onde ia, simplesmente porque confiou nos amigos. O próximo entrevistado é Mateus Moreira de 19 anos, apontado por Fabrício como dono do carro.

- Amanda: Ô Mateus, você comprou o carro aonde?
- Mateus: Comprei o carro na mão do menino lá perto de casa.
- Amanda: Que menino que é?
- Mateus: Ele tava vendendo. Eu comprei na mão dele.
- Amanda: Por quanto?
- Mateus: Paguei seis mil e vou dar mais dois. Comprei como se fosse do [não conseguimos compreender a palavra]. Se eu soubesse não tinha dado nada no carro não. Se fosse roubar, eu roubava lá em Belo Horizonte mesmo, lá tem muito lugar melhor que aqui.
- Amanda: Tipo onde?
- Mateus: Não sei não
- Amanda: Já foi preso? Por quê?
- Mateus: É boa e linda, viu (risos). (ITATIAIA PATRULHA, 24 de abril de 2013)

Mateus sustenta a versão de que o carro é dele. Um ponto controverso em sua fala é quando ele diz que se fosse roubar, não atuaria em Betim, local onde foi preso e sim em Belo

Horizonte. Parece que há aqui uma falha na representação do rapaz, já que suas falas anteriores visavam desvinculá-lo das acusações. Quando ele diz que Belo Horizonte é um lugar melhor para roubar, ele se compromete, causa dúvida sobre seu caráter. No entanto, quando a repórter o questiona sobre os locais que seriam bons para o roubo, ele diz que não sabe e para não responder se já foi preso ele, em meio a risos, faz elogios à repórter.

O modo como o jovem se refere à repórter sai totalmente do *footing* da entrevista. A repórter questiona o entrevistado de modo sério e espera dele uma resposta, no entanto o que ela recebe é uma “cantada”, o que foge totalmente da relação profissional que ela tenta estabelecer. Esse caso se aproxima muito do caso apresentado por Goffman (2002), no início do seu artigo *Footing*, no qual o presidente Nixon, durante uma cerimônia oficial, diz à uma repórter que usava calças cumpridas, que preferiria vê-la usando um vestido. Goffman chama a atenção para o fato de que naquele momento a repórter passa de sua condição profissional para sua condição de mulher em um momento onde ela buscava, e podemos dizer também esperava ser reconhecida como profissional. A fala de Nixon implica uma mudança de enquadramento, assim como também a fala de Mateus. O entrevistado tira o foco da entrevistadora como profissional e chama a atenção para Amanda como mulher. No entanto, diferentemente do caso de Nixon, considerado um gracejo, a fala de Mateus não assume este caráter. A entrevista é cortada aí e não sabemos como a repórter reagiu a isso. Percebemos que ao não mostrar o depois, a reportagem não aceita o novo enquadre proposto por Mateus. Acreditamos que tal fala é interpretada como desrespeitosa, cínica, a partir do momento em que ela é evidenciada no início do programa ilustrando o título “Um tapa na cara da sociedade”.

O terceiro jovem entrevistado é Carlos Ribeiro, que estava dirigindo o carro no momento da prisão. Carlos sustenta a versão de que desconhecia o fato do carro ser roubado e se orgulha pelo fato de ser o motorista do grupo.

- Carlos: Ele chegou lá em casa e falou que tava com o carro que ele comprou e chamou pra dar um rolé. Eu saí pra dar um rolé com ele, porque eu piloto pra caramba. Então eu saí pra andar com ele. Só isso que eu tenho a declarar.
- Amanda: Você que tava dirigindo o veículo?
- Carlos: Sim, senhora
- Amanda: Os meninos tão te elogiando aí, falando que você é piloto de fuga.
- Carlos: Piloto demais mesmo “fi”, toco é muito (risadas).
- Amanda: Mas nós não estamos falando de motocicleta, nós tamo (*sic*) falando de carro, né?
- Carlos: Carro mesmo. Piloto é muito carro. Aí ele confiou em mim e pediu pra eu levar ele pra dar um rolé no carro novo que ele comprou. (risos) Um ajuda o outro.
- Fabrício: Nós não considera um como amigo do outro, nós considera como irmão, uma família. (ITATIAIA PATRULHA, 24 de abril de 2013)

A entrevista começa em um tom sério. Carlos se refere à repórter como senhora, mostrando uma relação de respeito. No entanto, Amanda influencia a mudança do tom da entrevista ao usar um tom menos formal quando afirma que Carlos teria recebido elogios dos rapazes pelo seu modo de dirigir. O “elogio” ao seu modo de dirigir faz com que Carlos fique mais à vontade. O rapaz se solta e começa a se exaltar pelo fato de dirigir bem. Ele não responde se é piloto de fuga, no entanto, sua resposta dá margem para essa interpretação. Além disso, a repórter afirma que foram os outros rapazes que disseram isso. A partir daí, o rapaz sempre ri em suas respostas, ele se descontraí e parece não levar mais a sério a entrevista. Há também a interrupção de um dos rapazes, (acreditamos que, pela voz, é Fabrício), que explica que a relação deles é de uma família. A fala do rapaz indica uma cumplicidade entre eles e explica o fato de nenhum deles querer comprometer o outro. Percebemos que a amizade aparece na fala dos entrevistados como um valor importante, que justifica a confiança que eles têm um no outro. Amanda continua a entrevista, agora com a participação de Carlos e Fabrício.

- Amanda: Vocês se conheceram aonde?
- Fabrício: Deixa eu falar, Soraia eu te amo
- Carlos: Nós mora no mesmo bairro, todo mundo há muito tempo. Aí a gente é amigo um do outro, parceiro uai.
- Amanda: Vocês chegaram a ser presos juntos? Porque a informação é que todo mundo aqui é ex-presidiário.
- Carlos: Não, é a primeira vez que prende todo mundo junto.
- Fabrício: Soraia, eu, Fabrício, te amo viu meu bem (risos)
- Amanda: Agora me conta sobre o assalto no cartódromo que vocês estavam planejando.
- Carlos: Nós num tava planejando não. O menino aqui que tava marcando lá.
- Amanda: O Everton. Por que ele tá com essa cara fechada assim?
- Carlos: Por que ele é muito ruim (risos)
- Everton: É porque o comentário é que eu estava escoltando o cartódromo. Mas eu num tava escoltando o cartódromo
- Fabrício: Jamais (ao fundo)
- Amanda: de onde a polícia ia tirar isso? Vamos falar sério agora
- Fabrício: nós não temos ciência, como ele falou que estava no cartório, marcando.
- Amanda: não é cartório não é cartódromo.
- Fabrício: (fala rindo) cartódromo, eu nem sei, eu não tenho nem ciência, num sei nem falar isso.
- Amanda: diz que você é o mentor de tudo né, Fabrício?
- Fabrício: jamais. Não tenho ciência de nada, pelo contrário, eu estava na casa da minha namorada e eles me pegou pra sair, foi onde aconteceu o fato. Soraia eu te amo, novamente.
- Everton: ele num sabia também, se ele soubesse não ia botar nenhum de nós numa furada dessa não. (ITATIAIA PATRULHA, 24 de abril de 2013)

Vemos que Fabrício sai totalmente do *footing* da entrevista e usa a visibilidade do programa para fazer declarações de amor para a namorada Soraia. Amanda, porém, mantém o enquadre e tenta com suas perguntas envolver os suspeitos com o crime. Diferentemente de Fabrício, Carlos continua respondendo às perguntas da repórter. Ele aponta Everton, o quarto

suspeito, como o interessado no cartódromo. Há até uma brincadeira por parte do rapaz dizendo que a cara fechada de Everton se dá porque ele é uma pessoa ruim. Everton então se defende e nega estar escoltando o cartódromo. Amanda então pergunta aos rapazes de onde a polícia ia tirar isso e pede para que eles “falem sério”. Percebemos nesta fala da repórter que ela não só não acredita em nada que foi dito pelos rapazes como também que tenta re-enquadrá-los dentro da entrevista, ao cobrar uma postura mais séria. Fabrício então toma a palavra e continua afirmando que nenhum deles sabe de nada. Interessante que por mais que tenha ouvido a palavra cartódromo, várias vezes, ele pronuncia errado e diz cartório. Acreditamos que este erro faz parte da fachada que Fabrício tenta construir, de modo a confirmar seu desconhecimento e inocência.

A fala final de Everton que defende Mateus também vale ser ressaltada. Ele diz que Mateus não sabia de nada e se soubesse não iria envolvê-los. Quando ele diz isso, ele depõe contra o parceiro, na medida em que deixa implícito que Mateus poderia se envolver com o crime.

Finalizando a entrevista, Amanda introduz a fala do delegado responsável pelo caso, Wagner Sales. Ele conta que os policiais viram o veículo com os quatro rapazes e fizeram a abordagem. Com o grupo, eles encontraram vários equipamentos como celulares, uma ferramenta pé de cabra, além de uma réplica de arma de fogo. O delegado também acusa os rapazes de terem roubado o carro no bairro Padre Eustáquio e destaca o bom desempenho dos policiais na rua.

- delegado: esses quatro indivíduos haviam roubado esse carro, tomado esse carro de assalto de uma vítima no dia anterior no bairro Padre Eustáquio, em Belo Horizonte. Então, realmente foi um trabalho assim de perspicácia dos policiais e que tem que ser alvo de elogio porque a polícia na rua tem que estar atenta. (ITATIAIA PATRULHA, 24 de abril de 2013)

A fala do delegado não deixa dúvida de que os quatro jovens são culpados do assalto do carro. Ela entra ao final da reportagem e contradiz tudo o que foi afirmado pelos jovens, depõe contra a fachada que os jovens tentaram sustentar. Ressaltamos que a fala do delegado não é questionada pelo programa e ganha, assim, o peso de verdade. A versão da polícia é a oficial, aquela que é adotada pelo programa e conduz a entrevista.

Laudívio Carvalho então parabeniza o doutor Wagner Sales e sua equipe e enfatiza que lugar de bandido é na cadeia. Segundo Carvalho, “bandido não tem que estar passeando nas ruas, tomando carro de assalto e dando voltinha não. Lugar de bandido é na cadeia, é o que eu falo todos os dias”. Mais uma vez, o apresentador destaca a importância de mudanças nas execuções penais, pois segundo ele “enquanto não mexermos na lei de execuções penais,

enquanto não mexermos nas nossas leis em Brasília, vai continuar assim”. O apresentador defende que o código penal seja modificado.

Laudívio: Se não no aumento das penas, mas no endurecimento do cumprimento das penas. Se um crime, se um homicídio qualificado dá de doze a trinta e o camarada é condenado a vinte anos, ele não pode cumprir só sete, meus amigos, porque no final das contas, descontando os dias trabalhados, as saídas temporárias, ele vai ficar três anos, toma vinte de cadeia e fica três. Aí é muito fácil ser bandido nesse país. É fácil demais. E é isso que não pode acontecer. (ITATIAIA PATRULHA, 24 de abril de 2013)

Refletindo sobre o título da reportagem e sobre o enquadramento oferecido pelo programa, acreditamos que “Um tapa na cara da sociedade” diz principalmente da inconsequência e cinismo dos jovens que se envolvem com crimes. A matéria faz questão de expor seus risos, suas brincadeiras, a fim de mostrar que aqueles jovens não se importam com o fato de estarem presos, que a prisão não os abala. Na reportagem, a trilha sonora de suspense é mantida ao fundo, mas o elemento sonoro que mais se destaca são os risos dos rapazes, que demonstram que nenhum deles parece muito preocupado com o fato de estar preso. Além disso, acreditamos que, na narrativa, os risos aparecem como uma ofensa dos jovens à própria sociedade, como se eles zombassem de nós, rissem diante da impunidade. E por que disso? Porque segundo Laudívio, a pena não é rígida o suficiente, o código penal precisa mudar, e o caso desses jovens é mais um exemplo disso.

A reportagem enquadra mais uma vez o bandido como aquele que tem que ser detido, que não tem o direito de estar nas ruas; em contrapartida, a polícia, mais uma vez, é a heroína da história, a promotora de justiça. Se os policiais não estivessem atentos, não fossem perspicazes, como indicou o delegado, os bandidos não seriam presos. O papel do policial mais uma vez se reafirma como o de defensor da sociedade, o que é destacado no início da reportagem, com a fala de Laudívio. Se os bandidos não estão presos, a culpa não é da polícia, mas sim das leis. Já o bandido é visto como aquele que tem uma “vida fácil”. É fácil ser bandido em um país que tem problemas com suas leis. No entanto, seu lugar não são as ruas, onde provocam o “mal estar” da sociedade, e Laudívio deixa isso claro todos os dias, em sua fala de encerramento do programa, que lugar de bandido é na cadeia.

Em relação à vítima, percebemos que por mais que o programa faça referência à proprietária do carro, a maior vítima da reportagem é a sociedade. É ela que todos os dias “leva o tapa na cara” quando os bandidos são presos e depois são soltos rapidamente, quando eles cometem os crimes sem temer a cadeia, quando as leis não são suficientes para detê-los.

5.2.4. Polícia faz sapeca-ia-ia e derruba Terê

No dia 25 de abril, a reportagem principal do programa foi sobre uma operação da polícia militar e civil em Betim. Foram 24 presos e entre eles estaria o traficante Rodrigo, conhecido como Terê, por atuar no bairro Jardim Teresópolis. Ao som de sirenes, Laudívio faz a chamada da reportagem “Polícia faz sapeca-ia-ia e derruba Terê”. A postura de Laudívio é de quem tem algo grave para revelar. Ele imprime um tom sério à sua fala que ajuda a posicionar o ouvinte diante do fato.

Já no título da reportagem é possível perceber que o *Itatiaia Patrulha* foge dos padrões do jornalismo tradicional e se enquadra como um radiojornal popular. Ao empregar termos como “sapeca ia-ia” e “derruba” no lugar das palavras “operação” e “prende” percebemos que o radiojornal valoriza expressões populares e estabelece mais proximidade com o público, ao adotar termos usados no cotidiano dessas pessoas e que dizem também de sua cultura. Pesquisando sobre o termo “sapeca ia-ia”, encontramos uma música de Bezerra da Silva em que a expressão assume o significado de interrogatório, acareação. Os versos da música dizem “Na hora do sapeca-ia-ia o safado gritou: Não precisa me bater, que eu dou de bandeja tudo pro senhor”.

Após a chamada de Laudívio, são veiculados trechos da fala de Terê, nos quais ele nega ter motivos para ser preso.

Terê: “Não tem nada disso, não tenho nada a ver com isso. Não pegou eu com nenhum arma dessa daí, não tem nada disso. Uai, se eu tenho, cadê a droga? Cadê a arma? Cadê alguma coisa que é minha aqui? Não tem nada meu. Olha no B.O., não tem nada meu aqui não”. “Não tô falando que o delegado mentiu não. Tô falando que eu tô aqui de novo pra responder mais uma vez por uma coisa que eu num fiz, do passado. É o mesmo crime. Eu num matei ninguém! Eu num fiz nada!”. (ITATIAIA PATRULHA, 25 de abril de 2013)

Já no início da reportagem, o programa revela ao ouvinte quem é o criminoso em questão, e que ele não assume seu envolvimento com os crimes, se afirma inocente. No entanto, como veremos, a reportagem tenta desconstruir esta fala e mostrar que Terê tem, sim, motivos para estar na cadeia, para ser “derrubado”.

Laudívio inicia seus comentários chamando a atenção do ouvinte para o trabalho da polícia. Como na reportagem analisada anteriormente, o trabalho do delegado regional de Betim, Wagner Sales, é exaltado por Carvalho. Ele é a personificação do bom delegado, que cumpre seu papel, e o apresentador usa expressões populares para dizer isso: “atenção turma da bandi”, “botar ordem na casa”, “dar cana adoidado”, “botar banca”, “botar pra dentro”.

Laudívio: [...] Eu avisei aqui: “atenção, turma da ‘bandi’, atenção bandidagem de Betim, o delegado Wagner Sales chegou com sua equipe e ele vai botar ordem na casa”. Deu cana adoidado, prendeu homicida até dizer chega. E agora é o delegado regional de Betim e já chegou botando banca, botou pra dentro um camarada conhecido como Terê, que seria um dos homens mais procurados da região de Betim. (ITATIAIA PATRULHA, 25 de abril de 2013)

A responsável pela reportagem é Jaqueline Moura. A repórter conta que a operação “Impacto” realizada pela polícia civil em parceria com a polícia militar, teve como saldo 24 prisões. Segundo a repórter, o objetivo da operação era reduzir o índice de crimes violentos como homicídios e roubos em Betim. Jaqueline conta também que a operação prendeu “o homem apontado como o responsável pelo *Funk do Terê*, que tocava o terror no bairro Jardim Teresópolis”. Em seguida, a repórter introduz a fala do delegado regional de Betim, Wagner Sales.

O delegado afirma que o balanço da operação é altamente positivo e que teve impacto total em Betim. Segundo Wagner Sales, durante a operação, a polícia apreendeu várias armas de fogo, drogas, balança de precisão e produtos utilizados na prática de crimes contra o patrimônio. O delegado também explicou que a operação ocorreu em toda a cidade e que foi resultado da parceria entre a polícia militar e civil “[...] Conseguimos a prisão de elementos envolvidos em homicídios, em tentativa de homicídios, tráfico de drogas, crime de roubo. Na verdade, nós conseguimos dar um baque muito forte na criminalidade aqui em Betim”, explicou. Finalizada a primeira fala do delegado, percebemos que o delegado está em uma coletiva de imprensa, já que outro repórter se dirige a ele.

-Repórter: o Rodrigão, já foi preso, apresentado pelo senhor em outras oportunidades. Agora, ele saiu da prisão por excesso de prazo. Agora ele volta a ser preso por tráfico de drogas, mais uma vez.

- Delegado: Na verdade, a atuação da polícia é combater o crime. Se ele saiu por alguma decisão judicial, na verdade, o tribunal de justiça revogou essa decisão e expediu um novo mandado de prisão e a polícia civil e a polícia militar atentas a esse mandado foram ao encalço deste indivíduo e mais uma vez efetuou a prisão. (ITATIAIA PATRULHA, 25 de abril de 2013)

Vemos que a fala do repórter é uma crítica, uma provocação em relação às idas e vindas de Rodrigão, o Terê, à cadeia. Wagner Sales então defende a atuação da polícia e explica que o papel da polícia é prender, mas quem mantém preso é o judiciário. Apesar da observação ser feita por outro repórter, o programa faz questão de veiculá-la, pois tanto a pergunta quanto a resposta reforçam dois argumentos constantes do *Itatiaia Patrulha*. O primeiro sobre as rápidas entradas e saídas dos bandidos da cadeia, e o segundo referente à necessidade de mudança nas leis. Quando Wagner Sales diz que a polícia tem o papel de

prender e que o judiciário é que solta, ele reforça o argumento de Laudívio, que a explicação para os bandidos estarem nas ruas é das leis penais e não da polícia.

A reportagem também traz a fala do comandante do trigésimo terceiro batalhão da Polícia Militar, tenente coronel Alessandro Petronzio. O tenente coronel explicou que a operação envolveu 73 policiais militares, 20 viaturas da polícia militar e mais o efetivo da polícia civil (60 policiais e 20 viaturas). Segundo Petronzio “depois de uma operação Impacto, dessa natureza, envolvendo o efetivo que foi, com certeza nós teremos um final de semana mais tranquilo”. Percebemos que também a fala do tenente coronel ressalta o bom desempenho policial e reforça seu papel de proteger a população.

Jaqueline Moura então explica que a reportagem conversou com alguns suspeitos e que o primeiro é Rodrigo de Souza Fernandes, o Rodrigão, responsável pelo *Funk do Terê*. Rodrigo se mostra insatisfeito e irritado com a prisão. Ele faz questão de ressaltar que não fez nada.

- Rodrigo: No mesmo processo que eu saí, vocês vieram aqui e me pegaram. Eu não tinha nada, me pegou de novo sem nada, sem nada. Não tem nada disso, não tenho nada a ver com isso. Não pegou eu com nenhum arma dessa daí, não tem nada disso. [alguém diz algo sobre a polícia ao fundo] Uai, se eu tenho, cadê a droga? Cadê a arma, cadê alguma coisa que é minha aqui? Não tem nada meu. Olha no B.O, não tem nada meu aqui não. (ITATIAIA PATRULHA, 25 de abril de 2013)

Percebemos que Rodrigo tenta convencer de que é inocente e para isso ele usa a falta de evidências a seu favor. O repórter então pergunta se a polícia mentiu. Vemos aqui o peso que a fala policial assume na entrevista. Negar as acusações significa desmentir a polícia. No entanto, por mais que Terê alegue inocência, percebemos que todas as falas que aparecem na reportagem, com exceção da sua, estão ali para incriminá-lo. O nome de Terê já aparece no título da reportagem dizendo que ele foi derrubado. A fala inicial de Laudívio diz que a polícia prendeu um camarada que seria um dos homens mais procurados de Betim. A repórter diz que a operação, “prende mais uma vez, o homem apontado como o responsável pelo *Funk do Terê*, que tocava o terror no bairro Jardim Teresópolis”. Apesar de não dizer diretamente, e usar as palavras “seria” e “apontado como” para tirar da reportagem o peso da afirmação, alguns termos contribuem para incriminar Terê: “um dos mais procurados de Betim”, “responsável pelo *Funk do Terê*”, “tocava o terror no bairro Jardim Teresópolis”. Além disso, focando especificamente na entrevista com Rodrigão, quando ele se afirma inocente, Jaqueline questiona então o porquê dele estar preso. Analisando esta fala da repórter, estar preso já é em si um atestado de culpa, prova suficiente de que há algo errado. E na narrativa, tudo isso depõe contra o rapaz, contradiz o papel de inocente.

Acreditamos que a reportagem em si, ao tratar de Terê, assume um caráter incriminatório. Há um trabalho de seleção das falas, de adjetivação, de construção da notícia que depõe contra Terê. A reportagem pode até usar a palavra suspeito, no entanto, as falas da polícia deixam claro que ele tem culpa e o programa não questiona isso, tenta comprovar.

A reportagem conversa então com um homem, identificado apenas como Jackson, que teria sido preso por encontrarem droga no telhado de sua casa.

- repórter homem: E quem colocou lá?
- Jackson: Eu não sei. Isso aí eu não sei não. Tava deitado, lá em casa dormindo. Levantei, fui lá pra esquentar no sol lá e achei lá. Num tava dentro da minha casa não. Tava em cima do meu telhado. E lá perto de casa é beco, uê. Sei lá quem jogou lá.
- repórter homem: Já foi preso antes?
- Jackson: Já
- repórter homem: Por conta de quê?
- Jackson: Por causa de arma. [fala editada pela reportagem]. Não num é coincidência não. Isso aí é que alguém fez pra mim, é só bandido mau mesmo, isso não é coincidência não.
- Jaqueline: E da outra vez a arma era sua, ou tinham colocado lá também?
- Jackson: A minha eles pegou dentro de casa e essa eles pegou em cima do telhado ué
- Repórter: É da polícia?
- Jackson: Não, eu não sei a origem dela não. Só sei que eles achou em cima de casa. Agora eu não vou explicar como né, é pagar. (ITATIAIA PATRULHA, 25 de abril de 2013)

Assim como Rodrigo, também Jackson afirma ter sido preso injustamente. Ele fala calmamente, tentando se explicar para os repórteres, no entanto parece não convencer muito. Segundo ele, as drogas, apesar de estarem no telhado de sua casa, não lhe pertencem. Ele usa dois argumentos para alegar sua inocência. O primeiro é de que a droga não estava dentro de sua casa e por isso não poderia ser dele, e o segundo de que como mora perto de um beco qualquer um poderia ter escondido a droga lá. Como o entrevistado não assume seu envolvimento, a entrevista assume um perfil de condenação. Os dois repórteres buscam com suas perguntas envolver Jackson se não com esse crime, com crimes anteriores. O repórter, ao perguntar se Jackson já foi preso, busca envolvê-lo em algum crime, mostrar que ele já tem um histórico criminoso. Jaqueline imprime em sua pergunta também certa ironia, ao perguntar se a arma apreendida com Jackson também teria sido colocada lá. A repórter também questiona se as drogas seriam então da polícia e o homem responde que não sabe de quem é, mas que teriam armado contra ele, coisa de “bandido mau”.

Um fato que chama a atenção é que nas duas entrevistas os repórteres perguntam se a polícia está mentindo, e no caso de Jackson, se as drogas foram colocadas pela polícia. São questionamentos graves, mas acreditamos que ao perguntar isso os repórteres não estão colocando o trabalho da polícia em dúvida, e, sim, reforçando a ideia que a polícia não mente.

Ao ser questionado sobre a polícia o entrevistado é constrangido a negar, talvez por medo de retaliações, e tem que encontrar um modo de continuar afirmando inocência sem comprometer a polícia. A pergunta é assim uma estratégia para desmascarar o entrevistado, para ressaltar falhas em sua performance ao enfraquecer seus argumentos.

Encerrada a reportagem, Laudívio chama a atenção dos ouvintes para o fato dos dois homens serem responsáveis por lançar uma música na internet, intitulada *Funk do Terê*. Segundo Carvalho, “na letra, eles fazem gato e sapato da polícia, da população, das pessoas. Olha um negócio assim horroroso. Eu não tenho nem coragem de trazer aqui uma frase sequer do *Funk do Terê*. Eu não tenho coragem”. A fala de Laudívio, mais uma vez, reafirma que tanto Rodrigão quanto Jackson têm motivos para estar presos, só pelo fato de serem responsáveis pela música. Laudívio se posiciona desfavorável à música e, somada a sua performance, oferece argumentos, cria um clima de revolta para que também o ouvinte se coloque contra o funk, se indigne com a letra sem ao menos conhecê-lo. Laudívio afirma que lhe falta coragem para mostrar a música, o que reforça a ideia de que a letra é desrespeitosa, ofensiva, além do fato de não merecer visibilidade por parte do programa.

Pesquisamos sobre o *Funk do Terê* citado pela reportagem, encontramos no *Youtube* o vídeo *Proibição do Terê*. A música têm 4min37 e reforça a rivalidade entre bandido e polícia, intimida os X9, ou seja, as pessoas que denunciariam os crimes, e ainda saúda traficantes da região metropolitana de Belo Horizonte. O vídeo traz várias imagens de armas, de criminosos e outras imagens de violência e traz, como efeitos sonoros principalmente tiros e gritos. Entre os versos, destacamos:

X9 desceu na Duque, nós vamos esquartejar. Basta um toque da Bahia para Betim todo parar. O bagulho aqui é foda, e os menor até imita. Na favela do terê é bandido contra polícia./ Ih gente, lá vem os PM, a chapa tá quente, a bala vai cantar. Somos guerreiro, andamos ligeiro, deu mole na boca, nós manda matar, tá ligado mano? Vocês verão no jornal e também verão na TV, os cachorro¹⁶ botou a cara, nós botou eles pra correr./Bota a cara que você vai ver. A favela cabulosa é a favela do Terê.¹⁷

Encerrando sua fala, Laudívio parabeniza a polícia militar e civil por sua ação. Segundo Carvalho, precisamos de uma “polícia forte para combater o crime. É pena que as nossas leis são fracas, sejam fracas, sejam ultrapassadas, porque temos a melhor polícia do Brasil. A polícia que combate o crime”.

Mais uma vez o programa traz elogios ao trabalho da polícia, destacando a polícia de Minas como a melhor do Brasil. Apesar da reportagem não identificar nenhuma vítima, percebemos que o papel da vítima está presente. Primeiro porque os dois acusados tentam

¹⁶ Denominação para os policiais.

¹⁷ Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=n2r767sn9Ew>. Acesso em 03 de dezembro de 2013.

assumir este papel durante a entrevista e a reportagem então desconstrói o papel que os entrevistados tentam performar. Os acusados não podem ser vítimas porque uma vítima não poderia ter envolvimento criminal, não poderia ser presa pela polícia, nem mesmo como suspeita. Mas há também uma vítima implícita na reportagem, que são os cidadãos de Betim, já que eles estariam à mercê dos criminosos que foram presos. Prova disso é a fala do tenente coronel, que diz que após as prisões o final de semana seria mais tranquilo. Além disso, Terê foi caracterizado como aquele que tocava o terror no Jardim Teresópolis, então podemos concluir que seus atos estavam prejudicando, causando medo, na população local. Assim, identificamos nesta reportagem, a tríade melodramática composta pelo traidor, vítima e justiceiro. Os traidores, os agressores são Rodrigo e Jackson, que personificam o mal dentro da reportagem. Suas ações são ruins e causam danos aos moradores de Betim, que são as vítimas que requerem proteção. O justiceiro, o protetor é a polícia que propicia um final de semana mais tranquilo a população com a prisão dos 24 acusados, sendo a cadeia o castigo do traidor, seu final justo.

Em relação aos elementos da linguagem radiofônica empregados na reportagem, percebemos que a reportagem mantém um padrão semelhante ao das outras. A trilha sonora empregada é a mesma. O suspense, a apreensão são criados pelas batidas de tambores e pelo som de sirenes, sendo as sirenes predominantes na fala inicial de Laudívio e os tambores nas entrevistas. No entanto, o volume é muito baixo e mais perceptível nas mudanças de turno de fala.

Acreditamos que o principal elemento da linguagem radiofônica empregado na narrativa do *Itatiaia Patrulha* é a escolha das palavras e as ênfases dadas a determinadas expressões. A performance vocal de Carvalho traz a narrativa movimento, diferenças de tons e nuances, além de ser responsável pelo envolvimento do público. Zumthor (2000) chama a atenção para o fato que a performance vocal envolve o ouvinte, faz com que ele também performe ao ser envolvido pelo que é falado; percebemos que no *Itatiaia Patrulha* há um investimento do apresentador e da edição para que haja este envolvimento, para que o ouvinte se sinta incluído na narrativa. Diante do que é falado, somado à trilha sonora e aos efeitos, o ouvinte é convidado a se compadecer, a se indignar, a se emocionar, a estar atento. No *Itatiaia Patrulha* não percebemos momentos em que a narrativa explora o silêncio em si, mas ele aparece por meio das pausas feitas pelo locutor de modo a ressaltar o que é dito. Ao invés de explorar o silêncio, por exemplo, nas trocas de turno de fala, a edição privilegia o aumento do volume da trilha sonora, o que destaca ou o som das sirenes ou o dos tambores. A fala final de

Laudívio Carvalho exemplifica como a escolha das palavras e as repetições empregadas são as principais responsáveis por despertar a atenção do ouvinte e posicioná-lo diante do fato.

[batida forte de tambor antes da fala] Laudívio: Meus amigos, esse pessoal foi responsável por lançar uma música na internet, chamada Funk do Terê, música chamada, intitulada Funk do Terê. Na letra, eles fazem **gato e sapato** [fala pausada, enfatizando cada sílaba] da polícia, da população, das pessoas. Olha um negócio assim **horroroso** [fala pausada, e que estende a sílaba “RO”]. Eu não tenho nem coragem de trazer aqui uma frase sequer do funk do Terê [aumento da trilha na pronúncia dessa frase – tambores]. Eu não tenho coragem. Parabéns doutor Wagner Sales, parabéns polícia militar de Betim, é isso que nós precisamos, polícia **forte** [ênfase na pronúncia] para combater o crime. É pena que as nossas leis são fracas [pausa], sejam **fracas** [ênfase na pronúncia], sejam **ultrapassadas** [ênfase na pronúncia], porque temos a melhor polícia do Brasil. A polícia que combate o crime. Parabéns, que legal, que bom trabalho. É isso aí, **lugar de bandido é na cadeia** [ênfase na pronúncia]. (ITATIAIA PATRULHA, 25 de abril de 2013)

Laudívio conversa com o ouvinte, estabelece uma relação de proximidade. Ele fala com tranquilidade, conversa com “seus amigos”. Vemos que a repetição de palavras é comum por parte do apresentador e é um modo de chamar a atenção, reforçar a informação e fazer com que o ouvinte grave o que é dito. Só na primeira frase as palavras música e *Funk do Terê* aparecem duas vezes. A frase “eu não tenho coragem”, também aparece em sequência. Percebemos que quando o locutor não enfatiza a palavra em sua fala, dizendo-a mais lentamente ou ressaltando suas sílabas, ele emprega a repetição para enfatizá-la. As palavras que ganharam ênfase em sua pronúncia foram as que ajudavam na caracterização de algo. “Gato e sapato” e “horroroso” caracterizaram a música. A palavra “forte” define a polícia e “fracas” e “ultrapassadas” as leis. No fim, Laudívio diz lentamente e destacando algumas sílabas parte de seu bordão: “Lugar de bandido é na cadeia”.

5.2.5. Polícia aperta o cerco e manda recado para a turma da bandidagem

A reportagem principal do dia 26 de abril traz o caso de dois homens presos em São Joaquim de Bicas por tráfico de drogas. Em meio à trilha sonora que mistura batidas de tambores e sirenes, Laudívio anuncia enfaticamente o título da reportagem: “Polícia aperta o cerco e manda recado para a turma da bandidagem”. O apresentador assume uma postura séria e pronúncia a frase lentamente, destacando todas as sílabas da palavra bandidagem. Em seguida, ouvimos algumas falas dos entrevistados.

Reinaldo: “Nós fica lá, trabalhando lá”. “Plantação que tem milho, quiabo, mostarda”. “Eu não falei que eu tinha advogado”. Delegado: “Eu quero mandar um recado pra todos os criminosos que atuam na região: saiam de Betim! Porque agora tem dez novos delegados só investigando. Se você atua, criminoso, aqui em Betim, vá embora, porque ou você vai ser morto, infelizmente, não queremos tirar a vida de ninguém”, “ou você vai ser preso. E aqui a polícia não tem medo. A polícia tem

nome, tem cara e tem MASP". [aumento do volume da trilha sonora]. (ITATIAIA PATRULHA, 26 de abril de 2013)

O título da reportagem se refere principalmente à atuação da polícia em Betim e à postura corajosa do delegado que desafia os criminosos da cidade. A fala do delegado Barrichello é pausada e imperativa e assegura à população que a polícia não tem medo dos bandidos, que vai enfrentá-los. Ao dar aos criminosos três opções - ir embora, cadeia ou a morte - o delegado reforça a posição de poder da polícia. Poder inclusive de matar. Importante também ressaltar como o *Itatiaia Patrulha*, nesta semana, privilegia nas reportagens principais a atuação da polícia de Betim, pois das cinco reportagens analisadas, três dizem da atuação destes policiais.

Laudívio então traz mais informações e apresenta o caso. Segundo Carvalho, um homem de 34 anos e outro de 47 foram presos em São Joaquim de Bicas por suspeita de envolvimento com o tráfico de drogas em Betim. O fato inusitado da reportagem é a apreensão de uma lista com mais de duzentos nomes de usuários de drogas. “Entenderam bem? Mais de duzentos nomes de usuários de drogas”, enfatiza Carvalho. O apresentador então conversa com Amanda Antunes, responsável pela reportagem.

Segundo Amanda, os homens foram apresentados pela polícia civil em Betim após terem sido detidos em um sítio em São Joaquim de Bicas. A repórter informa que além da lista, a polícia também apreendeu cerca de meio quilo de cocaína pura. Em seguida é transmitida a fala do delegado Tito Barrichello, responsável pelas investigações. A fala do delegado parece um discurso. Ele fala enfaticamente e com muita firmeza. Sua fala, apesar de recortada, é longa e dura 1min40.

O delegado primeiro diz que o problema do tráfico de drogas é grave e afeta toda a sociedade. Ele então dá detalhes da operação policial. Segundo o delegado, a casa estava sendo monitorada e os policiais visualizaram a chegada da droga no local. Ele destaca também o fato da droga vir da cidade de Bicas para Betim, do mesmo modo que viria “de Belo Horizonte pra cá, como vem de Contagem pra cá”. A fala de Barrichello não deixa dúvidas do envolvimento dos homens presos com o tráfico de drogas. E ele ainda resalta que os homens presos podem ser considerados grandes traficantes, pela quantidade de droga apreendida.

Foi apreendido quase um quilo de cocaína pura que é possível, com base nisso, transformar, sem dúvida alguma, em dez, quinze quilos de droga pra ser vendido ao consumidor, porque essa droga quando é vendida ao consumidor é misturada com pó de mármore, com talco e com outros produtos. Então conseguimos essa quantidade. Agora uma coisa que temos que estar cientes é que o traficante, hoje, ele é mais organizado, ele não faz um grande estoque. A quantidade é anormal até. Em

geral não se guarda um quilo de cocaína ou de droga pesada, sob pena de haver essa consequência, de uma atuação enérgica da polícia como ocorreu. (ITATIAIA PATRULHA, 26 de abril de 2013)

Encerrando a fala, a reportagem transmite um recado do delegado aos criminosos de Betim. Barrichello desafia os bandidos, e revela que a polícia está preparada para combater o crime. Sua fala tem um tom de ameaça.

Barrichello: Eu quero mandar um recado pra todos os criminosos que atuam na região: saiam de Betim! Porque agora tem dez novos delegados só investigando. Se você atua, criminoso, aqui em Betim, vá embora, porque ou você vai ser morto, infelizmente, não queremos tirar a vida de ninguém, né, porque meu policial age em legítima defesa né ou você vai ser preso. E aqui a polícia não tem medo. A polícia tem nome, tem cara e tem MASP. Para aquele que quiser enfrentar a polícia né, porque nós vamos chegar a você. Se você criminoso, quiser chegar até nós, aqui é Campo do Ourique, 1309 e é o delegado Barichello que tá falando. Então é o recado pra você, ou vai embora ou você vai perder a vida ou a liberdade. (ITATIAIA PATRULHA, 26 de abril de 2013)

A reportagem continua e Amanda conversa então com Edmilson Ambrósio Alvim, de 34 anos. A repórter pergunta o que ele tem a dizer em sua defesa e ele diz não ter nada. Amanda então continua a entrevistá-lo, mas a princípio, o entrevistado não parece muito interessado em conversar com a repórter. Suas respostas são baixas e monossilábicas.

- Amanda: Como é que é a situação? Segundo a polícia Edmilson, vocês teriam alugado um sítio em São Joaquim de Bicas e neste sítio é onde rolava lá todo o refino da droga pra depois vocês repassarem pra outros traficantes. Isto é verdade? [Edmilson não diz nada, mas parece negar]
- Amanda: Por que então estas suspeitas? O que você tem a dizer sobre isso? Você é usuário, como é que é?
- Edmilson: Sou usuário.
- Amanda: Você é usuário é? Você usa droga há quanto tempo, ô Edmilson?
- Edmilson: Uns quinze anos.
- Amanda: Você é de onde, qual cidade?
- Edmilson: Natural daqui mesmo.
- Amanda: O que você fazia neste sítio na hora? É o local que vocês vão pra usar drogas?
- Edmilson: Não.
- Amanda: Me explica então, o que você fazia no sítio. É seu? Vocês alugaram? Como é que é?
- Edmilson: (silêncio)
- Amanda: Ô Edmilson, agora você fala pra mim que é usuário, mas um usuário ter este monte de droga, Edmilson? É estranho né?
- Edmilson: Não é minha não.
- Amanda: De quem que é a droga?
- Edmilson: Num sei.
- Amanda: É do seu colega ali? Do Reinaldo?
- Edmilson: Silêncio. (ITATIAIA PATRULHA, 26 de abril de 2013)

Vemos que Amanda questiona o homem diretamente e expõe em sua fala as informações que obteve da polícia. Essas afirmações já contribuem para envolver Edmilson no caso, mesmo que ele negue seu envolvimento. Amanda diz que Edmilson estava no sítio,

afirma que ele estava com um monte de droga, tudo isso serve para incriminá-lo. Além disso, ao invés de se defender, percebemos que em vários momentos Edmilson prefere não responder, ficando em silêncio. No entanto, o silêncio de Edmilson não intimida a repórter que continua com as perguntas. Quando o entrevistado se nega a responder, a repórter rapidamente faz outra questão, de modo a tentar envolvê-lo na entrevista, a fazê-lo falar.

- Amanda: Você trabalha? Faz alguma coisa da vida?
- Edmilson: Trabalho de pedreiro.
- Amanda: Tá fichado agora? Como é que é? Tá com alguma obra?
- Edmilson: Sim, senhora.
- Amanda: Onde, assim?
- Edmilson: Lá em Bicas.
- Amanda: É o local que você tava, que você foi preso?
- Edmilson: Não.
- Amanda: O que você fazia na hora que você foi preso?
- Edmilson: Tava passando na rua.
- Amanda: Você estava indo pra onde na hora?
- Edmilson: Pra minha casa.
- Amanda: Você mora lá em Bicas mesmo?[parece que ele afirma gestualmente] (ITATIAIA PATRULHA, 26 de abril de 2013)

Mesmo mudando o posicionamento e tentando passar a impressão de que está interessada na vida profissional de Edmilson, notamos que a repórter sempre retoma o fato da prisão, tenta inserir Edmilson na cena do crime. Ele porém, ao afirmar que estava passando na rua, que estava indo pra casa, tenta se desvincular do sítio e convencer que é inocente, que não tem motivos para ser preso.

- Amanda: e essa droga foi apreendida aonde? O dinheiro também?
- Edmilson: Eu não vi não. Tava deitado.
- Amanda: Agora Edmilson, o que chamou a atenção é aquela lista, né. Praticamente são o quê? Duzentos nomes, segundo a polícia, com endereço de possíveis compradores de droga.
- Edmilson: Num sei dizer não. Eu num moro lá no sítio, num sei de nada. Tava de passagem.
- Amanda: De quem é o sítio então?
- Edmilson: Num sei, eu tô falando (se irrita)
- Amanda: Mas você não tava passando pelo sítio? Você ia encontrar com alguém no sítio então, não?
- Edmilson: Eu ia comprar verdura.
- Amanda: Nesse sítio?
- Edmilson: Na horta. Só isso.
- Amanda: Então você ia comprar verdura na mão de quem?
- Edmilson: Do moço que mora lá uai.
- Amanda: Quem é que mora lá?
- Edmilson: Esse menino aqui ué.
- Amanda: É o Reinaldo então? Ele que vende a horta pra você?
- Edmilson: silêncio
- Amanda: Você num falou que ia comprar verdura?
- Edmilson: silêncio
- Amanda: Ou você já esqueceu Edmilson?
- Edmilson: silêncio
- Amanda: Ô Edmilson, você sabe que o telefone de vocês não pára de tocar? São pessoas querendo droga. A polícia chegou até a alguns usuários também, que eles pensaram que iam receber a droga? Sabia disso não?

- Edmilson: silêncio (ITATIAIA PATRULHA, 26 de abril de 2013)

Esse trecho da entrevista assume um caráter claramente interrogatório. Amanda se refere à droga, ao dinheiro e a lista como pertencentes a Edmilson, por mais que ele tenha dito anteriormente que estava indo para a casa. Como não consegue sustentar a versão de que não estava indo ao sítio, ele diz então que ia ao sítio para comprar verdura. A repórter então permite que ele sustente tal história, como estratégia para que Edmilson caia em contradição e revele seu envolvimento. Na fala da repórter, podemos inferir que a palavra verdura, horta é sinônimo de droga e Edmilson revela que o dono da “verdura” é Reinaldo. Por fim, a última fala de Amanda é uma acusação direta, ela mostra ter certeza do envolvimento de Edmilson e expõe isso ao dizer que os usuários de droga não param de ligar para o telefone dele. Percebemos que por mais que Edmilson fale pouco, Amanda consegue que ele se contradiga na entrevista, o que coloca o homem sob suspeita diante dos ouvintes.

A interação entre repórter e entrevistado é um jogo, onde ambos têm que aceitar “jogar”, interagir. Ambos têm papéis pré-estabelecidos e expectativas em relação ao outro. A situação está definida, é uma entrevista. Edmilson sabe que está diante da repórter e que ela tentará posicioná-lo no papel do bandido. No entanto, ele não assume culpa, se diz inocente e tenta desempenhar este papel de inocente ao investir em sua fachada. Para isso, o entrevistado usa um tom de voz baixo e respeitoso com a repórter e usa argumentos que sustentem seu papel. Ele afirma que é apenas usuário de drogas e que é um homem trabalhador. Além disso, Edmilson tenta se afastar do sítio e nega a princípio que estaria indo lá. Em contrapartida, Amanda Antunes busca detalhes que o incriminem, que o coloquem na cena do crime. Ela busca o que está na região de fundo, revelar que Edmilson é traficante, que estava no sítio. Para isso, ela faz várias perguntas que o inserem no sítio e provam seu envolvimento, como o fato do seu telefone receber várias ligações de usuários, ou de Edmilson assumir que estava no sítio, mesmo que para comprar verduras.

A entrevista segue com Reinaldo Gonçalves de Freitas de 47 anos. Amanda afirma que segundo Edmilson, Reinaldo seria o dono do sítio e pergunta o que ele tem a dizer sobre isso. Reinaldo diz que só alugou o sítio e a repórter busca então mais detalhes.

- Amanda: Você mora com quem lá? Você mora? Como é que é? Ou só vai fim de semana?
- Reinaldo: Moro lá. Nós fica lá trabalhando.
- Amanda: Como assim? Você alugou pra ficar trabalhando no sítio? Eu não entendi.
- Reinaldo: Foi. Plantação tem milho, tem quiabo, mostarda, tem tudo plantado lá.
- Amanda: Então dá um dinheirinho bom, né? Pra ter que pagar o aluguel de um sítio. Assim, por mês, mais ou menos?
- Reinaldo: só esses dia mesmo eu vendi uma roça de 1600 reais

Percebemos que as perguntas de Amanda e suas afirmações põem sob suspeita o que Reinaldo fala. A repórter tenta desconstruir a versão do entrevistado, quando questiona sobre a lucratividade do negócio, afinal como uma horta poderia dar tanto dinheiro?

A entrevista continua e Amanda Antunes é mais direta ao questionar o entrevistado sobre a cocaína e a lista.

- Amanda: E como é que você explica a cocaína apreendida, né, e também aquela lista ali?
- Reinaldo: Tenho nada pra falar não
- Amanda: É alguém que deixou lá, ô Reinaldo?
- Reinaldo: Não sei
- Amanda: Como você não sabe Reinaldo? Se foi apreendida droga e uma lista no local onde você alugou?
- Reinaldo: silêncio
- Amanda: e com relação às pessoas que ficam ligando, querendo droga? O que você tem a dizer? Pro telefone de vocês.
- Reinaldo: Sei lá
- Amanda: O fato de vocês estarem assim, tipo, não sabem nem o que tão dizendo, é porque não tem muito o que defender, assim?
- Reinaldo: Tenho nada pra falar não

Neste trecho, a entrevista se assemelha a um interrogatório. No entanto, Reinaldo não dá uma versão para o acontecido, ele não tenta explicar nada, apenas diz não saber ou se cala. Mas, para a repórter, o fato dele ser o dono do sítio depõe contra o papel que ele tenta desempenhar, de alguém que desconhece os fatos. Para Amanda, ser dono do sítio implica saber de algo, estar envolvido. Mas como Reinaldo se nega a falar, Amanda muda o foco da entrevista.

- Amanda: Você tem família, ô Reinaldo?
- Reinaldo: Tenho.
- Amanda: É casado? Têm filhos?
- Reinaldo: Tenho
- Amanda: O que eles disseram em relação a isso? Já sabiam? Eu vi até foto no celular ali de algumas crianças.
- Reinaldo: Meus menino
- Amanda: Como é que fica a situação deles agora com você preso?
- Reinaldo: silêncio
- Amanda: Você tem advogado?
- Reinaldo: Tenho
- Amanda: Você foi preso ontem né?
- Reinaldo: Parece responder por gestos que sim
- Amanda: E você já tinha advogado antes disso?
- Reinaldo: silêncio
- Amanda: Não é querendo desmerecer não, mas por que uma pessoa que planta horta já tem um advogado?
- Reinaldo: eu não falei que eu tinha advogado

Mais uma vez vemos que a família do entrevistado é trazida à cena e situada como vítima das ações do pai. As perguntas de Amanda tentam mostrar que os filhos de Reinaldo ficaram desamparados. Tenta revelar o sentimento da família diante da prisão do pai. Como

Reinaldo não entra no jogo, não expõe a família, a repórter então questiona sobre o fato dele ter um advogado. Amanda diz que uma pessoa que tem horta não poderia ter advogado. Interpretamos o estranhamento da repórter como uma estratégia para desmascarar Reinaldo, pois acreditamos que Amanda não estranha o fato de Reinaldo ter advogado pelo fato dele dizer que é pobre, mas porque uma pessoa honesta não precisaria ter um advogado previamente. No entanto, percebendo a intenção da repórter, Reinaldo primeiro silencia e depois nega ter advogado. A reportagem consegue assim que Reinaldo se contradiga, que falhe em sua representação.

Nesta reportagem vemos que a família, o trabalho, a ordem e a justiça aparecem como valores principais. Mais uma vez, temos a família desmembrada, prejudicada pelos atos de um dos entes queridos. A família de Reinaldo é a vítima da reportagem e padece pelas ações dele. O trabalho aparece nas falas de Edmilson e Reinaldo como uma prova de inocência, de honestidade. Eles afirmam que é do trabalho que vem seu sustento e não da venda de drogas. Já a ordem e a justiça são invocadas na fala do delegado Barrichello. O delegado expulsa os bandidos de Betim, afirma que a polícia vai chegar até eles. Combater o crime, prender os criminosos instaura a ordem na sociedade, faz com que a justiça seja feita ao punir quem prejudica a sociedade e a fala final de Laudívio, dessa vez bem curta, também expressa isso. “Olha meus amigos, a polícia de Betim está de parabéns. É isso aí, é cana. Não tem conversa. É cana”.

5.2.6. Do justiceiro ao traidor: as manifestações dos guardas municipais

As manifestações dos Guardas Municipais foram uma das temáticas que ganharam destaque no *Itatiaia Patrulha*, aparecendo em três dos cinco programas coletados. No dia 22 de abril, segunda feira, o programa veiculou uma reportagem sobre as manifestações. Na quarta feira, dia 24 de abril, a manifestação volta a ser tema do *Itatiaia Patrulha* com a presença do representante dos Guardas Municipais, Pedro Bueno, no estúdio do programa e no dia 25, a repórter Amanda Antunes foi responsável pela cobertura das manifestações. O que nos chamou a atenção neste caso específico é sua visibilidade no programa e também o tratamento que os guardas municipais receberam no decorrer dos programas, pois suas ações e comportamentos fizeram com que eles passassem de heróis a “vilões” no decorrer da semana e é essa mudança de papéis que buscaremos analisar.

A reportagem do dia 22 de abril traz informações sobre a manifestação dos guardas municipais na Avenida dos Andradas. O enquadramento principal dado ao caso é que os

guardas, apesar de atuarem de modo semelhante à polícia militar e civil, não teriam o direito de portar armas, ficando assim vulneráveis à criminalidade. A responsável pela reportagem é Jaqueline Moura.

Segundo a repórter, na manifestação, os guardas reivindicaram melhorias para a categoria, como “um aumento salarial de 25% e o direito de usarem arma de fogo em serviço, já que somente neste mês de abril, sete armas já foram apreendidas”. A única fonte que aparece na reportagem é o presidente do sindicato dos guardas municipais, Pedro Bueno. Durante a entrevista é possível perceber que conversa aconteceu na rua, provavelmente no local da manifestação, pois conseguimos identificar ao fundo ruídos do trânsito e de pessoas conversando. Percebemos que os ruídos são valorizados pela edição do programa, que não inseriu nenhuma trilha sonora de modo a destacar o ambiente da entrevista e o fato da repórter estar no local da manifestação.

Em sua primeira fala, o entrevistado explica que os guardas pedem o cumprimento da lei 10.826, que trata do porte de armas, e justifica essa necessidade em virtude de uma série de apreensões de armas de fogo pelos guardas municipais no mês de abril.

Até o dado momento consta (*sic*) sete apreensões de armas de fogo, além de veículos recuperados, vítimas de sequestro relâmpago, bens materiais recuperados e os guardas municipais exercendo essa atividade de risco, sem nenhuma estrutura, uma condição para exercer com segurança essa atividade. (ITATIAIA PATRULHA, 22 de abril de 2013)

A repórter então pergunta se Bueno acha que, por exercer a função dos próprios policiais, os guardas municipais teriam que fazer o uso de arma de fogo para sua própria segurança. Percebemos com essa pergunta que a reportagem enquadra e atribui aos guardas municipais as mesmas funções da polícia. Além disso, a pergunta também tem um caráter vitimizador, já que ao assumir as funções dos policiais sem os devidos equipamentos, os guardas estariam colocando em risco sua própria segurança.

Pedro Bueno: Hoje já é uma realidade em todas as grandes capitais do Brasil, as Guardas Municipais devidamente armadas, com viaturas blindadas, sistema de inteligência e a guarda municipal de Belo Horizonte, assim como a região metropolitana do estado de Minas, a gente vê o sucateamento. O que a gente percebe é que a polícia militar tem tido as Guardas Municipais como a reserva de mercado e quando eles aposentam na Polícia Militar eles cometem ingerência e estagnam o desenvolvimento das Guardas Municipais. (ITATIAIA PATRULHA, 22 de abril de 2013)

Vemos que o entrevistado mantém o enquadramento proposto pela repórter de vitimização quando enfatiza que os guardas tem que lidar com o sucateamento. No entanto, ele vai além e faz uma crítica à Polícia Militar, que estaria contribuindo para o mau desenvolvimento da Guarda. Porém, o programa não problematiza isso, não dá mais espaço

para esta crítica, nem explica quais seriam as ingerências cometidas, pois o espaço de fala de Bueno termina aí.

Finalizando a reportagem, Laudívio Carvalho faz então seu comentário sobre a manifestação. Ele age cautelosamente e podemos dizer politicamente, ao dizer que em relação aos salários, os guardas municipais têm que conversar com a prefeitura para discutir. “Eu acho que os guardas municipais têm que sentar com a chefia, têm que sentar com a prefeitura e discutir isso. Tem que ser bom para a prefeitura, bom para os guardas municipais, bom para a comunidade”. Agora em relação ao uso de armas de fogo em serviço, Laudívio se posiciona diretamente, dando seu apoio total a causa. Segundo Carvalho,

Laudívio: Aquele guarda que é concursado, aquele guarda que trabalha em área de risco, ele não pode, no meu entendimento, na minha concepção, trabalhar desarmado, porque como é que ele vai dar segurança à população se ele não consegue dar segurança a ele mesmo, a si próprio, aos seus familiares. (ITATIAIA PATRULHA, 22 de abril de 2013)

Percebemos que Carvalho mantém o mesmo enquadramento proposto por Jaqueline Moura durante a reportagem, de que o guarda municipal precisa portar armas e de que, sem a arma, ele estaria colocando a vida em risco. O guarda, na fala de Laudívio, é tanto herói ou justiceiro quanto vítima. Herói porque também ele defende a segurança da população, atua em áreas de risco, e vítima porque faz isso sem nenhuma arma que possa garantir a defesa da população, de sua família e dele próprio. Assim, ao se arriscar, ele é herói e corre, ao mesmo tempo, o risco de ser vítima.

A fala de Carvalho continua e ele compara os guardas municipais aos agentes penitenciários, pois ambos teriam em comum, segundo ele, a necessidade do porte de armas.

Laudívio: Eu defendo que a Guarda Municipal trabalhe armada. Eu defendo que os agentes penitenciários tenham o direito ao porte de arma. Eu defendo isso, sabe por que meus amigos? Porque o agente penitenciário, assim como o guarda municipal, eles trabalham, eles são sequência da área de segurança. O guarda municipal tromba com o bandido, em qualquer esquina, a todo momento, a todo instante. Já o agente penitenciário trabalha com quem está preso, com quem está condenado ou quem está aguardando uma condenação, uma manifestação da justiça. Ele toma conta do preso e ninguém toma conta do agente penitenciário. É preciso, no meu entendimento, que as duas tenham o direito de portar armas durante o serviço. (ITATIAIA PATRULHA, 22 de abril de 2013)

Mais uma vez a fala de Laudívio tenta mostrar os riscos que guardas e agentes correm ao lidar com os criminosos, sendo o porte de armas a solução para sua defesa. Além disso, o apresentador destaca que também eles fazem parte da área de segurança, reforçando assim, o papel dos guardas municipais na manutenção da segurança pública.

Na quarta feira, dia 24, as reivindicações dos guardas voltam a ser tratadas pelo *Itatiaia Patrulha* e, novamente, o representante dos guardas, Pedro Bueno, ganha voz no

programa, por meio de uma entrevista no estúdio. Laudívio faz uma longa fala para justificar a relevância da entrevista.

Laudívio: Meus amigos, todos sabem que eu sou um defensor da Guarda Municipal de Belo Horizonte. Por quê? Eu vejo como uma das melhores de todo o país. Eu vejo a Guarda Municipal como integrante do corpo de segurança do estado. Vejo o carinho que a população tem com a Guarda Municipal. Vejo o respeito que essa população tem. Eu sou um defensor de que a Guarda Municipal possa armar os seus homens em determinadas situações. Aqueles que são concursados, aqueles que trabalham em área de risco. Vejo, por exemplo, que não há necessidade de, durante o dia, haver um guarda municipal armado na porta de uma escola no centro de Belo Horizonte. Mas há em um abrigo onde entram e saem pessoas das mais diferentes classes sociais e onde muitas vezes um traficante manda ficar alguém lá dentro ou na porta para executar um usuário de drogas, por exemplo. E aí o guarda municipal que trabalha desarmado, ele não vai conseguir levar para a população a segurança necessária, se ele não tem a segurança para o próprio corpo, para o próprio físico. Se ele não consegue dar segurança pra família dele. A Guarda Municipal está em um movimento grevista e por essa razão eu trouxe o Bueno, que representa essa categoria. (ITATIAIA PATRULHA, 24 de abril de 2013)

Percebemos que Laudívio mantém o mesmo posicionamento do programa anterior e defende a necessidade do porte de armas. No entanto, o apresentador coloca condições para esse porte, sinalizando que a arma seria para combater criminosos, e em algumas situações, como na porta de uma escola, não seria necessária. Mais uma vez, o apresentador também reforça o papel do guarda como agente de segurança, como parte do corpo de segurança do estado, e que tem por isso o direito de portar arma. Essa fala de Laudívio realça o papel do estado como detentor do direito de usar armas, de combater o que fere a segurança da população e do próprio Estado.

A primeira pergunta do apresentador é sobre as reivindicações dos guardas municipais. Bueno então explica que ele representa os guardas municipais de todo o estado e que a campanha grevista não está acontecendo só na capital. Assim como Laudívio, o representante também reforça a necessidade do uso de armas por parte dos guardas municipais, já que os guardas lidam diretamente com situações de risco.

Bueno: Em Belo Horizonte, nós estamos iniciando uma campanha grevista. Infelizmente, por falta de diálogo por parte da prefeitura, reiteramos os protocolos na tentativa de iniciar uma negociação e, em Belo Horizonte, nós reivindicamos uma recomposição salarial, haja visto que há quatro anos os guardas municipais de Belo Horizonte não recebem qualquer reajuste. Temos um vale lanche de um real e cinquenta centavos, há dez anos que não recebemos um reajuste e temos enfrentado inúmeras ocorrências. Somente nesse mês, nós apreendemos pelo menos sete armas de fogo, tiramos homicidas, traficantes, libertamos pessoas do sequestro relâmpago. Tiramos pessoas reincidentes, pessoas de altíssima periculosidade das ruas e nós exigimos da prefeitura o cumprimento da lei 10. 826 que trata do porte de armas dos guardas municipais. É um direito e nós estamos pleiteando ele também na nossa pauta de reivindicação. (ITATIAIA PATRULHA, 24 de abril de 2013)

O programa traz então o posicionamento da prefeitura de Belo Horizonte em relação à greve. Segundo Laudívio, em nota, a prefeitura teria informado que os guardas municipais,

entre 2007 e 2012, tiveram sim um reajuste salarial de 83,75%. No entanto, Bueno contradiz a informação e explica que o último reajuste salarial teria ocorrido em 2009. Visando convencer sobre a necessidade do aumento, o representante não só traz dados estatísticos para comprovar sua fala, como também tenta sensibilizar o ouvinte ao apelar para os danos pessoais provocados pelos baixos salários: “Então essas perdas, né, têm causado assim, uma insegurança, pra esses guardas, pra confortar sua família, pra trazer dignidade e pra conseguir trabalhar e prestar um serviço a contento pra população”.

Laudívio não comenta a fala de Bueno, nem se posiciona a respeito do aumento salarial. Acreditamos que isso se dá porque o representante dos guardas critica diretamente a prefeitura e a contradiz, e o apresentador prefere então não assumir apoio a qualquer um dos lados. A entrevista então continua, com o apresentador expondo as informações da nota.

- Laudívio: E a nota diz mais ainda, que a recomposição salarial que vai beneficiar 2300 guardas foi encaminhada por meio de projeto de lei de autoria do executivo à Câmara Municipal e que está em tramitação lá na Câmara, no legislativo.

- Bueno: Essa é outra inverdade. Não se trata de recomposição. Na verdade é uma reparação de uma discriminação feita com a Guarda Municipal. Nós tivemos em 2011, um aumento, uma recomposição de todos os funcionários da Prefeitura Municipal e somente os guardas municipais não receberam este 13,92% e ainda assim eles estão computando este valor de forma retroativa até essa data com o valor antigo da nossa remuneração. Então, nós precisamos que esse valor seja reajustado e que nós possamos deduzir ele pra chegar ao patamar de 25,6%.

- Laudívio: Você tava me dizendo que têm uma outra reivindicação a fazer em relação ao plano de carreira dentro da Guarda Municipal. Como é que funciona isso hoje? (ITATIAIA PATRULHA, 24 de abril de 2013)

Mais uma vez o representante contradiz as informações da prefeitura, tenta desmascará-la, contextualizando que os dados que a nota expõe como benefícios para os guardas municipais, na verdade não seriam mais do que uma obrigação atrasada. No entanto, percebemos que mais uma vez, diante da crítica à prefeitura, Laudívio não se posiciona, não busca mais detalhes e inclusive tira o foco da prefeitura ao perguntar sobre o funcionamento do plano de carreira. O entrevistado então explica que os guardas municipais têm um plano de carreira, obtido após uma invasão à Câmara Municipal, o que Bueno definiu como uma situação desagradável, resultado do desespero dos guardas em busca da consolidação da carreira. Com esta fala, o entrevistado tenta amenizar a ação dos guardas e justificá-la, de modo que não dê margem para uma interpretação negativa do ato.

A fala sobre o plano de carreira continua e ele explica que, apesar dos avanços conquistados, o plano ainda precisaria de regulamentação “e essa regulamentação tem que partir do executivo. E até hoje os guardas não gozam dos benefícios deste plano de carreira”. Laudívio faz mais uma pergunta relacionada a detalhes do plano de carreira que são explicados por Bueno e, em seguida, sobre o relacionamento dos guardas municipais com o

novo comando da Guarda. Bueno então elogia o antigo comando e diz que espera que o novo comando abra as portas para a negociação, pois segundo ele, o motivo principal da greve seria esse, a falta de negociação.

Bueno: Essa greve se dá por falta de negociação, reiteramos o pedido na secretaria de governo e até o momento não fomos respondidos. Nós só queremos abrir um canal de negociação. Inclusive eu aproveito o espaço, Laudívio, para convocar todos os guardas municipais pra uma assembleia que ocorrerá amanhã às sete horas na porta da sede da Guarda Municipal de Belo Horizonte e lembramos que é um direito constitucional e que foi ratificado pelo judiciário [...] Então esse direito é inerente aos servidores públicos municipais e nós conclamamos a categoria para que compareça amanhã às sete horas da manhã. (ITATIAIA PATRULHA, 24 de abril de 2013)

Terminada a fala, Laudívio abre então espaço para que tanto o coronel Bicalho, antigo secretário da Guarda Municipal, quanto o antigo comandante da Guarda - que não teve o nome revelado - , citados por Bueno, tenham espaço de fala, caso queiram se manifestar. O apresentador reforça que o programa tem respeito por eles, por seu trabalho e história. Bueno então diz que, no antigo comando, os guardas passaram por um martírio político e que os sindicalistas querem agora apenas representar com dignidade a categoria. Laudívio agradece Bueno e encerra a entrevista, expressando seu apoio e solidariedade aos guardas. “Meus amigos da guarda, sou solidário ao pedido de aumento salarial, a reivindicação em relação ao porte de arma para vocês que trabalham, que colocam a vida em risco. Sou solidário a vocês. O espaço tá aberto aqui”.

Também nesta entrevista, o enquadramento principal que o programa tenta oferecer está relacionado à necessidade do porte de armas. A fala inicial de Laudívio direciona a entrevista para isso. No entanto, Bueno oferece outros quadros de sentido e expõe criticamente a falta de diálogo com a prefeitura e com o comando da Guarda Municipal, além de contradizer os dados fornecidos pela prefeitura da capital. Diante desses novos enquadramentos, desse posicionamento crítico de Bueno, Laudívio tenta reenquadrar o entrevistado de modo a desfocar a crítica e ressaltar as outras reivindicações dos guardas, que se referem ao plano de carreira. Acreditamos que tal posicionamento de Laudívio se explica pela política do *Itatiaia Patrulha* que não é crítica à política local da cidade ou às chefias das forças de segurança, de modo geral. O programa permite que a crítica seja feita, mas não se envolve com ela, não se posiciona a respeito. Percebemos que o apresentador é cauteloso, foge até de seu posicionamento enérgico e reivindicatório para manter-se distante da discussão.

No programa seguinte, *O Itatiaia Patrulha* trouxe a cobertura ao vivo da manifestação em frente à sede da Guarda Municipal. No entanto, diferentemente dos outros dois dias, o tom

da reportagem não foi favorável à manifestação, mas contrário a ela. Os guardas que, a princípio, apareceram como possíveis vítimas do próprio trabalho, como heróis sem as armas corretas para garantir a segurança, agora aparecem no papel oposto, como os causadores da insegurança, como aqueles cujas ações precisam ser combatidas.

Laudívio: Os senhores estão acompanhando a movimentação dos guardas municipais de Belo Horizonte. Movimentação na área central da capital. Belo Horizonte está vivendo um verdadeiro caos nas últimas horas, por causa dessa paralisação, dessa manifestação. (ITATIAIA PATRULHA, 25 de abril de 2013)

Laudívio então chama a repórter Amanda Antunes, que fala por telefone diretamente da sede da Guarda Municipal, na Avenida dos Andradas. A repórter conta que a sede da Guarda foi invadida e ocupada por alguns guardas, estando marcada para as seis horas da tarde uma reunião com a administração. A repórter também afirma que, apesar dos ânimos estarem mais calmos, naquele momento, mais cedo, houve *stress* entre os manifestantes e os militares do batalhão de trânsito.

Amanda: A polícia pedia que os guardas municipais liberassem pelo menos uma faixa para que o trânsito pudesse fluir e não ficasse como mais cedo, como foi na Avenida Afonso Pena, que ficou totalmente parada. Mesmo que devagar, é o que a polícia pedia. Porém, alguns manifestantes deitaram no chão, Laudívio. Colocaram motocicletas, impedindo totalmente o trânsito. Conversei com vários motoristas que passavam aqui e a revolta é geral. As pessoas descendo do ônibus, porque é melhor ir a pé do que aguentar esse trânsito. Eu conversei também, Laudívio, com os manifestantes, e questionei se eles tinham noção da revolta que a população está por causa desse protesto que começou pela manhã e o que me responderam é o seguinte: “Amanda nossa atitude foi a gota d’água”, segundo os guardas municipais, eles já tentaram de tudo pra que a situação não chegasse a esse ponto, mas segundo os manifestantes é o ponto que tinha que chegar, já que não houve acordo até então, Laudívio. (ITATIAIA PATRULHA, 25 de abril de 2013)

A repórter enfatiza em sua fala os danos que a manifestação estava provocando em Belo Horizonte. Não só os ânimos dos manifestantes estariam exaltados, como também o da população diante do fechamento do trânsito que impediu que as pessoas chegassem ao trabalho. Percebemos, nesta fala, que agora a vítima é a população belo-horizontina, que tem que seguir a pé para o trabalho devido aos impactos da manifestação no trânsito. Além disso, a repórter deixa claro que os guardas têm consciência que estão prejudicando a população e nem isso os faz recuar.

Laudívio então retoma sua fala e se mostra insatisfeito com a situação. Ele conta que no programa anterior recebeu o presidente do sindicato que representa a categoria, e que inclusive há muito defende o porte de arma para os guardas municipais. No entanto, após os impactos da manifestação, Laudívio coloca seu apoio em dúvida em uma fala extensa com mais de cinco minutos de duração.

Laudívio: mas agora, nesse momento assim, depois que a Amanda trouxe a informação que a sede da guarda foi invadida e que quebraram algumas coisas lá dentro e que a polícia militar pediu que os manifestantes liberassem uma das pistas e eles colocaram ali motocicletas, eu já começo a repensar se o porte de arma para o guarda municipal é bom. Se é bom para a sociedade. (ITATIAIA PATRULHA, 25 de abril de 2013)

No início de sua fala, o apresentador apresenta os dois comportamentos que fizeram com que ele repensasse seu apoio ao porte de armas, ou seja, comportamentos que para Laudívio vão contra a expectativa social por trás do papel do guarda municipal. O primeiro é a invasão da sede e o segundo o fechamento da pista. Pensando sobre estas atitudes, percebemos que ambas afetam figuras valoradas pelo programa. A invasão da sede e a quebra de algumas coisas lá dentro não só vão contra a alta chefia da Guarda, como também representam crime contra o patrimônio público, havendo assim consequências institucionais que o programa não pode ignorar. Já o fechamento da avenida afeta diretamente a população, o público do programa, que é o principal alvo de defesa do *Itatiaia Patrulha*.

Laudívio então manda um recado diretamente aos guardas municipais. Ele se posiciona como um conselheiro, como um amigo que orienta, que sabe o caminho certo a seguir. Ao mesmo tempo, sua fala também assume um tom autoritário e imperativo ao indicar o que deve ser feito.

Laudívio: Meus amigos, vocês, guardas municipais, ouçam-me com cuidado, ouçam-me com atenção! Eu não sou contra qualquer movimento de reivindicação. Ontem os professores, nos proximidades do Mineirão, fizeram uma manifestação e segundo moradores, comerciantes, torcedores, diante do povo, a manifestação bagunçou ainda mais a vida de quem queria chegar na região da Pampulha. Vocês da Guarda Municipal têm todo o meu respeito e têm o respeito da população de Belo Horizonte. Eu vi a Guarda Municipal nascendo. Eu aplaudi quando a Guarda Municipal recebeu o direito legal de fazer multas, porque a Guarda Municipal é parte integrante, parte efetiva e importante do sistema de segurança em Belo Horizonte, como é em todo o estado de Minas Gerais, naquelas cidades que possuem a Guarda Municipal. Vocês são de suma importância. Mas não se deixem levar pela emoção e pela condução. Cuidado, meus amigos. Vocês ganham de presente a antipatia do povo de Belo Horizonte, por causa desse tipo de atitude. Vocês são representantes da lei e da ordem, vocês não podem provocar desordem na cidade. (ITATIAIA PATRULHA, 25 de abril de 2013)

A partir desta fala podemos identificar o papel da Guarda Municipal e as expectativas por trás deste papel. Laudívio diz que a Guarda é parte integrante do sistema de segurança de Belo Horizonte, representante da lei e da ordem e podemos concluir com isso seu defensor. Tudo isso faz com que ela detenha o respeito da população, o apoio. No entanto, as atitudes dos guardas na manifestação não atendem às expectativas deste papel social por provocarem desordem na cidade. Laudívio expõe assim as falhas na representação dos guardas municipais

e aponta as consequências disso, que é o risco de ganhar a antipatia da população, ou de não merecem o direito de portar armas.

Laudívio: Ontem, eu me coloquei totalmente favorável às reivindicações da categoria, hoje eu já repenso a questão do porte de arma para a Guarda Municipal e repenso a condução do que vocês estão fazendo. Será que vocês estão fazendo o correto? O melhor? Será que a população concorda com isso? Será que vocês terão amanhã pela manhã, na sexta feira, o respeito do povo de Belo Horizonte, como tinham até ontem, até antes de ontem? A admiração? Meus amigos da Guarda Municipal pensem, pisem no chão e olhem para frente. Caminhem em linha reta. Não se distanciem do objetivo principal de vocês que é a segurança pública, que é manter a ordem. Belo Horizonte já vive numa desordem social, como qualquer cidade pequena do ponto mais longínquo desse país. Belo Horizonte não é diferente e vocês são muito importantes. Não invadam a sede da guarda. Não quebrem, não depedrem o patrimônio público que vocês são responsáveis. Vocês foram criados para tomar conta do patrimônio público e vocês destruíram parte dele agora, invadindo a guarda, a sede da sua corporação. Não façam isso meus amigos. Não façam isso meus amigos. (ITATIAIA PATRULHA, 25 de abril de 2013)

Como os guardas municipais não atendem as expectativas por trás de seu papel, Carvalho então se posiciona desfavorável ao uso de armas. Percebemos que o que legitima o porte é uma conduta de acordo com o papel social pré-estabelecido, ou seja, do guarda municipal que mantém a ordem, que protege o patrimônio público, que tem o apoio da população. A partir do momento que Laudívio tem ciência de que os guardas estão indo contra este papel e de que a população também está desfavorável ao comportamento assumido, ele segue o mesmo caminho e se posiciona contrariamente às atitudes dos guardas. Percebemos que no caso da greve, o ouvinte posiciona o locutor, faz com que ele volte atrás em seu apoio aos guardas, e isso fica claro na fala de Laudívio quando ele diz: “Será que a população concorda com isso? Será que vocês terão amanhã pela manhã, na sexta feira, o respeito do povo de Belo Horizonte, como tinham até ontem, até antes de ontem? A admiração?” A opinião da população, ou a que o programa acredita ser, impacta no enquadramento dado ao fato.

Laudívio: Eu vou repetir pra vocês, eu já repenso se devo ou não defender neste microfone o porte de arma. Porque se vocês estivessem armados hoje, eu não sei o que poderia ter acontecido. Eu sei da seriedade 99% dos guardas municipais, mas o 1%, de repente, no momento de tensão, de revolta, de nervosismo, de stress, alguém pode sacar uma arma da cintura, fazer um disparo e aí colocar tudo a perder. Ouçam com atenção o que eu estou dizendo, meus amigos. Eu quero o melhor para vocês. Eu quero o melhor para a população de Belo Horizonte. Eu também faço parte dessa cidade, eu sou cidadão honorário de Belo Horizonte. Eu sou filho da capital mineira. Eu quero o melhor pra todos nós, e eu quero o melhor pra vocês da guarda municipal. (ITATIAIA PATRULHA, 25 de abril de 2013)

Essa frase inicial de Laudívio é muito interessante, pois diz da visibilidade que o programa dá a determinados fatos e também do papel do apresentador no radiojornal. Quando Laudívio diz que não sabe se deve defender no seu microfone o porte de arma, ele diz do

papel da mídia enquanto formadora de opinião, de sua credibilidade e também como um meio que confere visibilidade aos fatos. Mas isso diz também do papel de Laudívio enquanto âncora e o peso que seu apoio confere a determinada causa. Como aponta Yvana Fechine (2008), o apresentador dos telejornais (e aqui também podemos considerar dos radiojornais) passa por um lado a ser percebido pelo público como alguém próximo e familiar, mas ao mesmo tempo, pode “ser visto pelo telespectador como alguém capaz de defender seus interesses e manifestar suas posições, apto a expressar às autoridades, aos políticos ou a representantes da sociedade civil aquilo que ele próprio gostaria de falar”. (FECHINE, 2008, p. 70). Assim, ao negar seu apoio aos manifestantes, Laudívio não só está cumprindo seu papel de defensor da população, como também de porta voz, ao expressar a insatisfação das pessoas diante das consequências da manifestação. Além disso, ao se definir como parte da cidade, como cidadão belo-horizontino, Laudívio se posiciona como um dos afetados, o que cria proximidade com o ouvinte e garante legitimidade à sua reivindicação.

Em relação ao argumento contra o porte de armas, a fala de Laudívio é alarmante, podendo despertar inclusive o medo e a desconfiança da população em relação à Guarda. Apesar de dizer da seriedade de 99%, as consequências que o 1% poderiam provocar revelam guardas inconsequentes e despreparados para sua função, pois o que Laudívio descreve como clima da manifestação (tensão, stress, nervosismo) são sensações que os guardas também se deparam ao enfrentar a criminalidade.

Laudívio: Quando vocês tomam este tipo de atitude, vocês complicam inclusive a vida da Polícia Militar que é a parceira primeira que vocês têm, que é aquela que sede a academia para transmitir os ensinamentos que a Milícia de Tiradentes aprendeu ao longo de duzentos anos. Vocês não podem fazer isso com a população de Belo Horizonte. O diálogo é o caminho dos homens de bem. Sentem com o prefeito, conversem. Sentem com o comando da guarda, conversem, falem, mostrem as suas reivindicações, mas façam de forma democrática. Façam de forma legal, de forma responsável. Não façam isso que vocês fizeram hoje. Eu não estou contra a Guarda Municipal. Eu estou a favor da corporação, estou a favor da Guarda, mas estou também a favor da população de Belo Horizonte que não pode pagar o preço pelo desentendimento dos representantes da Guarda Municipal com os representantes do município. A população não pode pagar. É preciso muito diálogo, cabeça fria, pé no chão e responsabilidade. (ITATIAIA PATRULHA, 25 de abril de 2013)

Vemos que na fala acima, a Polícia Militar é ao mesmo tempo vítima do movimento como também assume certa face heroica. Dizemos que ela é vítima porque segundo Carvalho a atitude dos guardas estaria prejudicando, complicando a vida da polícia, sua principal parceira. Ao indicar a parceria, podemos pensar que há aqui uma espécie de traição, em que a polícia estaria sendo traída pelos guardas. Ao mesmo tempo, a polícia tem uma face heroica

na medida em que aparece na fala do apresentador como uma benfeitora da guarda, aquela que cedeu espaço e seus ensinamentos a eles.

Dando continuidade à fala, Carvalho aponta o que seria a solução para o movimento grevista: o diálogo. Este seria, segundo o apresentador, o caminho dos homens de bem. O apresentador ressalta mais uma vez a importância de estar de acordo com a lei, ressalta a importância da responsabilidade. Ele determina o que condiz ou não com o papel dos guardas municipais e, mais do que isso, aponta praticamente um caminho de remissão para eles, alcançado por meio de “muito diálogo, cabeça fria, pé no chão e responsabilidade”. Percebemos nessa fala, que mais uma vez Laudívio tenta assumir o papel de conselheiro, capaz de conduzir os guardas para a direção certa, para o caminho da racionalidade. Terminada a fala, Laudívio chama mais uma vez a repórter Amanda Antunes.

- Amanda: Oi, Laudívio. A situação é pior ainda, porque se não bastasse, não só o protesto, a cidade inteira, os motoristas revoltados. É um motorista brigando com o outro, querendo passar por cima do outro. É motorista de ônibus passando em cima de passeio. Hoje eu vi inclusive, pensei que o ônibus ia bater no outro, querendo passar em cima do passeio, levou um retrovisor. É uma situação caótica, infelizmente que os belo-horizontinos estão vivendo durante todo o dia.

- Laudívio: [...] Quero pedir a Guarda Municipal, nós belo-horizontinos temos respeito por vocês, não nos façam perder a admiração e o respeito, por favor. Vocês são muito importantes. Não nos façam perder o respeito. (ITATIAIA PATRULHA, 25 de abril de 2013)

Nesta fala de Amanda Antunes, percebemos que a repórter reforça os danos provocados pela manifestação nos ânimos da própria população. É como se a revolta dos guardas refletisse também no humor da própria cidade, instaurando o caos generalizado. Na cobertura percebemos claramente a contraposição entre a vítima e o traidor. A vítima principal é a população de Belo Horizonte, exposta ao caos, a desordem, tendo que enfrentar os problemas do trânsito provocados pela greve. Os guardas não são bandidos, mas podemos considerá-los quase como os traidores, na medida em que não cumprem seu papel como guardas municipais de garantir a ordem e a segurança à população. Os guardas são acusados não só de deixarem de proteger o patrimônio público, como também de destruí-lo. Além disso, a manifestação criou impactos no trânsito da capital que prejudicou a população. Em relação ao justiceiro, percebemos que ele aparece de duas formas. A primeira no papel da polícia militar e dos outros policiais que atuaram tentando manter a ordem durante a manifestação e a segunda encarnado em Laudívio Carvalho. O apresentador também tenta restabelecer a ordem ao colocar-se no papel de mediador entre os guardas e a prefeitura. Laudívio tenta apaziguar os ânimos, fazer com que os guardas “voltem a si”. Além disso, o

apresentador é acima de tudo aquele se coloca a serviço da população, denunciando seu sofrimento e saindo em sua defesa.

Na volta do testemunhal, Laudívio Carvalho chama Renato Rios Neto, que também está ao telefone e traz informações sobre uma manifestação na Feira do Mineirinho. A manifestação dos feirantes é enquadrada como um bom exemplo a ser seguido, pois os manifestantes estariam fazendo uma manifestação pacífica e sem impactos no trânsito da cidade.

- Renato: Nós falamos aqui da Avenida Abrahão Caram, em frente ao Mineirinho, onde neste momento cerca de cinquenta, sessenta feirantes da Feira do Mineirinho fazem uma manifestação pacífica contra o fim da feira que teve sua última edição realizada neste último domingo. Vale ressaltar que como eu disse a manifestação é pacífica, então o protesto está sendo feito no passeio, ou seja, o movimento não interfere no trânsito. Eles já falaram pra Itatiaia que não vão fechar o trânsito e vão expor produtos que vendiam na feira, no passeio, na calçada para demonstrar a manifestação, a indignação contra o fim da feira.

- Laudívio: Parabéns ao pessoal da Feira do Mineirinho. Esta é a manifestação inteligente, é aquela que ganha o apoio da população e não aquela que tem a população contra si. Parabéns a vocês aí, feirantes do Mineirinho. Parabéns. (ITATIAIA PATRULHA, 25 de abril de 2013)

Percebemos que a entrada de Renato Rios Neto é uma crítica do programa à manifestação dos guardas e também ilustra que é possível, sim, fazer uma manifestação que não afete a população e que obtenha seu apoio. Os feirantes do Mineirinho são o bom exemplo que o programa cobrou dos guardas municipais, o movimento que merece respeito e adesão, porque mantém a ordem e a segurança tão valorizadas pelo programa.

Em relação aos elementos da linguagem radiofônica destacamos os ruídos que aparecem em todas as matérias sobre a manifestação. Os sons de carros, motos, buzinas, de pessoas conversando ao fundo, ambientam o ouvinte e asseguram às matérias um efeito de realidade. Os ruídos dão à matéria um tom testemunhal, pois de fato percebe-se que o repórter está realizando a entrevista no local onde o fato acontece. Além disso, os ruídos garantem movimento a narrativa.

Outro fator que novamente destacamos é a importância que as pausas de Laudívio assumem na narrativa. O locutor não só escolhe as palavras, como também as valoriza por meio de pausas e ênfases em determinadas sílabas ou vogais. Destacaremos um pequeno trecho em que a performance vocal de Laudívio é marcada por pausas que ajudam o locutor a posicionar-se como conselheiro dos guardas, como alguém que tem algo a ensiná-los.

Laudívio: Meus amigos da Guarda Municipal [pausa] pensem [pausa], pisem [pausa] no chão e olhem para frente [pausa]. Caminhem em linha reta [pausa]. Não se distanciem [pausa] do objetivo [pausa] principal [pausa] de vocês que é a segurança pública [pausa], que é [pausa] manter a ordem. Belo Horizonte já vive numa desordem social [pausa], como qualquer cidade pequena [pausa] do ponto mais longínquo desse país. Belo Horizonte não é diferente e vocês são muito

importantes. Não invadam a sede da guarda [pausa]. Não quebrem, não depedrem [pausa] o patrimônio público que vocês são responsáveis. Vocês foram criados [pausa] para tomar conta do patrimônio público e vocês destruíram parte dele agora, invadindo a guarda, [pausa] a sede da sua [pausa] corporação [pausa]. Não façam isso meus amigos. Não façam isso. (ITATIAIA PATRULHA, 25 de abril de 2013)

Carvalho usa as pausas para destacar as ações que os guardas devem tomar: “pensem”, “pisem”, “caminhem”, “não se distanciem”, “não invadam”. Todos os verbos estão no modo imperativo, ou seja, indicam o que deve ser feito, funcionam também como palavras de ordem, de comando. Outra função das pausas é enfatizar as funções dos guardas: “objetivo [pausa] principal [pausa] de vocês que é a segurança pública [pausa], que é [pausa] manter a ordem”.

5.3. Narrativa, representações e valores no *Itatiaia Patrulha*

A narrativa jornalística do *Itatiaia Patrulha* traz vários traços do universo popular, a começar pela forte influência melodramática em seu modo de narrar. Nossa análise demonstra a forte presença da tríade melodramática, composta por traidor, vítima e justiceiro. Percebemos que o radiojornal faz oposição entre o bem e o mal, entre medo e sofrimento, sendo a vítima a representante do que é bom, e o bandido, do que é mal. Na narrativa jornalística do programa, a vítima é aquela que sofre, que tem medo, estando também associada ao cidadão honesto e trabalhador. Ela também é aquela que precisa ser protegida, precisa que sua segurança seja assegurada. Já o acusado é aquele que, com seus atos, afeta diretamente a vítima, provocando sofrimento, caos, medo. Ele é aquele que tem que ser temido e ao mesmo tempo combatido, que precisa ser tirado do convívio da sociedade, sendo este um dos papéis do justiceiro, assumido principalmente pelas forças de segurança. A elas cabe a responsabilidade de defender o cidadão e combater o crime, sendo que, em alguns casos, também o *Itatiaia Patrulha* assume este papel ao denunciar os crimes, cobrando por justiça e saindo em defesa dos direitos de seus ouvintes.

Outra característica melodramática muito presente no programa é a exarcebação das emoções. Assim como no melodrama, o *Itatiaia Patrulha* apresenta uma estrutura narrativa que mistura elementos verbais e sonoros, de modo que o ouvinte se sinta envolvido por aquilo que está sendo narrado. Por mais que o programa mantenha a mesma trilha sonora, que mistura batidas de tambores e sirenes, ainda assim ela garante à narrativa tensão e suspense. Outro recurso muito importante para envolver o ouvinte é a escolha das palavras e a ênfase dada a elas durante a narrativa. Como mostramos em nossa análise, a performance vocal de

Laudívio Carvalho é importantíssima, pois não só enfatiza as informações dadas, como também deixa claro as emoções que o locutor evoca. A cada fala, Laudívio posiciona os ouvintes na narrativa, tenta despertar suas sensações, convocando-os a se emocionar, a se indignar, a cobrar por justiça, a temer por sua segurança.

Em relação a Laudívio Carvalho, percebemos que o apresentador assume diferentes funções na narrativa. Ele não só posiciona os ouvintes mediante os fatos, como reforça e oferece novos quadros de sentido à reportagem. Carvalho é a principal voz do *Itatiaia Patrulha* e fala pelo programa ao se posicionar diante dos fatos, ao oferecer soluções para o que está sendo retratado, ao cobrar por mudanças. Além disso, o apresentador estabelece relação direta com o ouvinte. Suas falas demonstram proximidade, característica não só do jornalismo popular, como também do próprio rádio, que trata o ouvinte de forma intimista, falando para muitos, como se falasse para um só. Assim, para Laudívio Carvalho, o público do programa não é um ouvinte, mas sim “seu amigo”, “sua amiga” e o apresentador adota uma linguagem cotidiana para conversar com eles. Nessa conversa, o apresentador questiona o ouvinte, exige respostas, pede que ele se coloque na situação que está sendo retratada, que ele se coloque muitas vezes no papel da vítima.

Acreditamos que a linguagem adotada pelo *Itatiaia Patrulha* é um dos principais elementos que promovem proximidade e a identificação do ouvinte com o programa. Pois ao usar palavras e expressões populares, o radiojornal revela o domínio de um repertório comum com o seu ouvinte, o que insere o programa dentro de gostos, valores e comportamentos que integram o cotidiano e o universo cultural popular. Assim, o *Itatiaia Patrulha* não cobra a prisão do criminoso, mas exige “cana”, pede que o bandido seja “guardado”, seja “colocado pra dentro”. Outras expressões utilizadas são “ir tomar banho”, “colocar as barbas de molho”, “botar banca”, “fazer gato e sapato” todas comuns no linguajar cotidiano popular.

Ainda em relação à construção narrativa, destacamos a edição das entrevistas. Diferentemente de muitos radiojornais, o *Itatiaia Patrulha* não só apresenta reportagens longas, sendo que as principais podem ultrapassar sete minutos, como também entrevistas com vários turnos de fala. Percebemos que na maioria dos casos, as entrevistas são veiculadas integralmente, sem cortes, e mais do que expor apenas os fatos, adentram também a vida pessoal do entrevistado, buscando informações sobre trabalho e família, o que aproxima a reportagem dos *fait divers*.

No caso das entrevistas com os acusados, estas, muitas vezes, se assemelham a um verdadeiro interrogatório. Por mais que o programa evite a palavra “bandido” e use termos como suspeito, acusado, ou trate o entrevistado pelo nome, ainda sim, dentro da narrativa, ele

ocupa o papel de bandido, de criminoso e é enquadrado como tal, na medida em que a reportagem busca revelar ações e provas que o incriminem, que o insiram na cena do crime. Há um investimento por parte do repórter de forma a revelar as contradições da fala de seu entrevistado e a desmascará-lo. Assim, as entrevistas com os acusados assumem, no *Itatiaia Patrulha*, dois perfis principais: o de condenação, quando as perguntas explicitam o envolvimento do entrevistado com o crime, e a ironia, quando a reportagem busca revelar contradições na fala do acusado, de modo que sua própria fala o incrimine.

Embora nossa análise aprofundada não conte com nenhuma entrevista em que a vítima¹⁸ ganhou voz, em nosso *corpus* tivemos alguns casos em que a vítima foi entrevistada e o que percebemos é que estas entrevistas têm uma tendência mais humanizadora, em que o repórter busca traçar um perfil da vítima, expor suas emoções, seu drama, revelar um pouco de sua trajetória de vida.

Em relação às entrevistas com as forças de segurança, percebemos que estas assumem um importante papel na narrativa jornalística do *Itatiaia Patrulha*. Apesar do tempo de fala da polícia ser menor do que o dos acusados, sua fala é mais consistente, pois traz detalhes sobre a prisão do acusado, sendo considerada pelo programa como uma fala oficial. Percebemos que a fala das forças de segurança, apesar de terem sido obtidas por meio de uma entrevista, quase sempre aparecem no programa de forma direta, sem as perguntas do repórter, como se fosse uma fala só. Acreditamos que a ausência do repórter dá peso e legitimidade à fala, na medida em que ela não é contestada, como se não precisasse de intervenções.

Por fim, é importante destacar o modo como a narrativa do programa enquadra os fatos e produz quadros de sentido no decorrer da narrativa. Percebemos que em relação às reportagens principais, a caracterização do crime e a definição dos papéis começam a ser feitas no início do programa, quando Carvalho nomeia a matéria. O título oferece o primeiro quadro de sentido ao ouvinte e direciona seu olhar para aquilo que será narrado, chamando a atenção para determinados fatos. Na primeira reportagem que analisamos, “Usando o nome de Deus em vão”, a referência era ao uso indevido do nome de Deus. A reportagem mostrava um acusado de tráfico de drogas que afirmava que Deus iria tirá-lo da cadeia. No entanto, quando o título diz que o nome de Deus está sendo usado em vão, ele enquadra toda a fala de Luiz Paulo como uma fala mentirosa, indevida, de má fé. Outro elemento importante para a produção de quadros são os recortes que seguem o título, pois atuam na narrativa como um segundo produtor de quadros de sentidos, estando, na maioria das vezes, relacionados

¹⁸ Não consideramos as duas entrevistas com Pedro Bueno como uma entrevista com uma vítima, por mais, que os guardas tenham sido enquadrados assim no decorrer da entrevista.

diretamente ao título da reportagem. Outras formas de enquadrar os fatos dentro da narrativa e posicionar os atores sociais são as intervenções de Laudívio, nas quais o apresentador não só situa o ouvinte sobre os fatos, como também emite opiniões que reforçam os enquadramentos da entrevista além das perguntas dos repórteres, que fornecem informações sobre os casos e posicionam os entrevistados nos papéis de bandido, vítima ou herói.

5.3.1 Valores

Os valores são referências socialmente reconhecidas, que orientam as relações sociais, na medida em que especificam regras de conduta e expectativas morais. Como aponta Dewey (2009), o comportamento humano envolve a valoração, “sendo influenciado, se não controlado, por considerações como as que se expressam nas palavras ‘bom/mau’, ‘certo/errado’, ‘admirável/horrível’, etc.” (DEWEY, 2009, p. 53). Nosso estudo do *Itatiaia Patrulha* mostra que tais considerações estão presentes na narrativa do programa e conferem parâmetros para seus julgamentos, críticas, elogios. A valoração enquadra os fatos, de modo que as ações e comportamentos considerados errados, ruins, sejam desaprovados, combatidos e condenados, enquanto os bons exemplos sejam ressaltados.

Percebemos que a narrativa do *Itatiaia Patrulha* reforça valores socialmente estabelecidos como amizade, arrependimento, família, justiça, ordem, religiosidade e trabalho. Tais valores estão presentes não só no discurso do programa como também na fala de seus entrevistados. Entre os valores citados, os mais recorrentes foram a justiça e a ordem, que aparecem em todos os casos analisados, explícita ou implicitamente. Percebemos que ambos são reconhecidos pelo *Itatiaia Patrulha* como importantes motores sociais, na medida em que garantem o bom funcionamento da sociedade, estando também relacionados aos direitos e deveres do cidadão. No entanto, tais valores só são evidenciados pelo programa na medida em que certas atitudes e ações os colocam em risco. Tomando como exemplo o caso dos guardas municipais, percebemos que a partir do momento que os manifestantes fecham as ruas da cidade, eles instauram o caos no trânsito da capital e a desordem. O programa então critica a ação, se opõe a ela, defendendo a restituição da ordem, ao pedir que os guardas retornem a sua função de manutenção da ordem e da segurança da cidade. Percebemos que neste sentido a valoração é usada para restituir, de modo a “suprir alguma coisa em uma existência falha, ou conservar a existência de algo que é ameaçado por condições exteriores” (DEWEY, 2009, p. 66). Ou seja, o programa se empenha discursivamente para recuperar o que é ameaçado, para restituir o que foi perdido. O mesmo acontece com a justiça. Em vários momentos, o

programa cobra pela justiça, na medida em que esta não estaria sendo concretizada, quando os criminosos permanecem soltos, não pagam por seus crimes. Assim, o programa destaca o que é injusto de modo a valorizar o que considera justo, de restituí-lo.

De modo geral, esse será o movimento do *Itatiaia Patrulha*. O programa vai convocar valores na medida em que identifica a falha, a ameaça. Assim, a família ganha destaque não por seu papel social e afetivo, mas pela perda, pelo desmembramento. Quando o *Itatiaia Patrulha* se refere à família do engenheiro João Gabriel, assassinado em um assalto a ônibus, ele diz da perda, remetendo a vários pais e mães que também perderam seu filhos assassinados. Para o programa, o assassinato, o crime é uma conduta ruim, na medida em que prejudica a família, afeta sua constituição, não permite a reconfiguração familiar. Do mesmo modo, ao questionar os acusados sobre sua família, o que ganha destaque é o sofrimento da mesma com sua prisão, o distanciamento dos filhos, o desgosto dos pais. O único caso em que a família não é vitimizada e aparece prioritariamente como lugar de laços afetivos é na fala dos jovens acusados do roubo de um carro, na reportagem “Um tapa na cara da sociedade”. Ali os jovens evidenciam sua relação de amizade e a extrapolam ao se caracterizarem como irmãos, parceiros, uma família. A família é valorizada pelos jovens como lugar da confiança, do afeto, de relações que vão além dos laços sanguíneos.

Em relação à religiosidade, percebemos que a narrativa investe na oposição entre certo e errado, pois nas duas reportagens em que ela é evidenciada, o que aparece é a contradição entre as expectativas sociais e condutas que poderiam ser interpretadas como religiosas. Dewey explica que toda forma recorrente de atividade, sejam nas artes ou nas profissões, têm regras em relação à melhor forma de consumir os fins pretendidos, sendo tais regras “usadas como critérios ou ‘normas’ para julgar o valor das modalidades de comportamento propostas”. (DEWEY, 2009, p. 71-72). Acreditamos que o programa faz isso ao lidar com a religiosidade, pois quando dois acusados invocam o nome de Deus, partindo de sua conduta, o programa considerada a expressão da religiosidade indevida, imprópria, vã. A partir de expectativas e parâmetros sociais relacionados à religiosidade, o *Itatiaia Patrulha* julga que as ações dos entrevistados não condizem com as atitudes relacionadas a alguém religioso, indo contra as normas e regras que envolvem a religiosidade, já que se opõe ao que é certo, ao que é bom, ao que é admirável. O mesmo acontece em relação ao arrependimento. Por mais que ele seja valorizado pelo programa, ao ser citado pelos acusados, ele é colocado sob desconfiança, questionado se de fato está cercado de boas intenções ou se é apenas falado da “boca para fora”. Como Laudívio explica em um dos casos, se o bandido matou uma vez e não se arrependeu, depois de matar várias vezes, dificilmente se arrependeria. Vemos que a

descrença do apresentador se baseia na repetição da má conduta e na quebra das normas repetidamente.

No que diz respeito ao trabalho, identificamos que o programa valoriza certas atitudes e ações que julga condizentes com as regras da atividade laboral. Quando o trabalho está relacionado às forças de segurança, percebemos que o programa valoriza o bom desempenho, o trabalho enquanto forma de obter bens materiais, de dar conforto à família, como segurança, como algo duradouro. No entanto, ao questionar sobre o trabalho dos acusados, o radiojornal visa expor sua falta e com isso colocar os acusados sob suspeita. O trabalho ganha então outras denominações, vira “bico”, “fazer algo da vida”, pois tais expressões demonstram instabilidade.

Ainda em relação aos valores, cabe destacar que por mais que o programa não se afaste de valores consolidados culturalmente como dominantes, o modo como o programa se apropria deles os populariza. Acreditamos que a apropriação dos valores pelo *Itatiaia Patrulha* ilustra o terreno de embate entre a cultura dominante e a cultura popular, terreno no qual o popular oferece formas de resistência através da linguagem. Assim, quando o programa cobra por justiça e pela ordem, ele faz referência à “letra fria da lei”, pede a “cana”, pede para que se “coloque ordem na casa”, que “bote pra dentro” os criminosos, os bandidos, a “turma da bandi”. Ao fazer referência ao trabalho, este ganha então outras denominações, vira “bico”, “estar fichado”, “fazer algo da vida”, expressões comuns no linguajar popular e que expressam formas provisórias ou instáveis da atividade laboral. Já em relação à família, o que a populariza é a abordagem melodramática pautada no sofrimento, na perda. Em relação à religiosidade, acreditamos que o programa faz referência à cultura dominante quando invoca o segundo mandamento no título de uma reportagem “Usar o nome de Deus em vão”, quando faz referência ao pecado, mas diz também do popular, quando, na mesma matéria, faz referência a várias figuras que povoam o imaginário religioso popular como o capeta, o diabo, representações do mal que são associadas às ações dos acusados. O programa recorre ainda ao “peso da mão de Deus”, diz de um “Deus que é pai e não padraço” e que “estamos aqui em baixo”, fazendo assim, referência a expressões religiosas muito comuns no linguajar popular.

5.3.2 Bandidos, vítimas e heróis: quem é quem nessa história?

Nosso estudo do *Itatiaia Patrulha* mostra que o programa atua como um importante fomentador de representações, pois convoca em sua narrativa discursos e ideias sobre a

violência, muito presentes no senso comum, contribuindo assim para reforçar o imaginário do ouvinte acerca da violência e dos papéis sociais relacionados a ela.

Ao falar sobre a violência, o *Itatiaia Patrulha* a associa diretamente à criminalidade, aos danos à integridade física do indivíduo e alimenta a ideia de que os bandidos não temem o sistema penal, não temem a cadeia e por isso continuam cometendo crimes. A ideia da impunidade é muito forte no programa e serve como argumento para justificar a alta da criminalidade. A explicação para ela, porém, não tem nada a ver com a atuação policial e sim com as leis brasileiras. Principalmente na fala de Laudívio, percebemos que a criminalidade é explicada por um único fator, que são as falhas do legislativo, sendo esse um problema político nacional que só pode ser resolvido a partir da revisão do Código Penal Brasileiro. Assim, para o *Itatiaia Patrulha*, a principal causa da criminalidade são leis fracas e ultrapassadas, que facilitariam ser bandido no país. E a solução para isso seria a revisão nas leis de execução penal, no Código Penal Brasileiro, o endurecimento do cumprimento das penas, além de um regime penitenciário “sério”, onde o bandido pague pelo seu sustento com o trabalho.

Ao atribuir às leis a responsabilidade sobre a criminalidade, o programa desloca o problema e o coloca numa instância abstrata e externa, não indagando sobre as causas e isentando as forças de segurança. A criminalidade não é um problema local e centralizado, mas um problema nacional, que afeta a todos. Acreditamos que com isso, o *Itatiaia Patrulha* mantém uma política de boa vizinhança com as forças de segurança, sendo que a explicação para isso seria a relação de interdependência entre eles, na medida em que os jornalistas precisam de um bom relacionamento com a polícia para ter acesso às informações do boletim de ocorrências e também aos próprios acusados; da mesma forma, a polícia precisa da mídia para dar visibilidade ao seu trabalho e também fazer sua prestação de contas à sociedade. Há assim um jogo de interesses em que ambos saem ganhando. O programa porque conta com a disponibilidade dos policiais para falar sobre o caso, e as forças de segurança porque aparecem como fonte de informação oficial e legítima.

A partir do momento que o programa aborda a violência, pautada pela criminalidade, três papéis sociais aparecem fortemente na narrativa: o acusado, a vítima e as forças de segurança. Como apontamos anteriormente, a tríade melodramática é muito presente no programa e nos ajuda a entender como o programa alimenta o imaginário social acerca destes papéis.

Em relação ao papel do bandido, em todos os casos analisados, o bandido aparece no *Itatiaia Patrulha* de forma individualizada, personificado em um ou mais indivíduos.

Percebemos que o termo bandido só foi empregado quando dizia do criminoso de forma generalizada, sem personificá-lo em uma ou mais pessoas. Carvalho também usou os termos “turma da bandi” e “bandidagem” ambos de forma genérica. Para fazer referência a alguém específico além do nome, o programa usa os termos suspeito e acusado, sendo que Laudívio Carvalho também usa os termos “cara” e “camarada”, ambos, porém, com uma conotação negativa, que, dentro do contexto, assumem o mesmo significado de bandido, criminoso.

Além dos substantivos empregados, identificamos que a narrativa caracteriza o bandido usando adjetivos depreciativos. O programa denomina explicitamente o bandido como frio, calculista, pernicioso, mau, perigoso para a sociedade, sem vergonha. Além disso, implicitamente, o bandido é caracterizado como descrente, alguém que não se arrepende, que não quer sair da vida do crime, alguém de difícil ou impossível regeneração. Percebemos que por mais que o acusado se afirme inocente, a tendência é tratá-lo como culpado, enquadrando-o como mentiroso, como alguém que não é confiável, que tenta esconder sua culpa. Ao papel do bandido também é associada a ideia de impunidade. O programa sustenta o argumento que o bandido tem uma vida fácil, na medida em que dificilmente fica preso. Segundo o *Itatiaia Patrulha*, o bandido não teme a prisão nem as leis e ainda recebe regalias do sistema penal. O bandido também é aquele que “dá o tapa na cara da sociedade”, que faz “gato e sapato” da polícia, da população, aquele que por meio de suas atitudes “toca o terror”. O bandido é também aquele que mata e que continua matando, que “vai e vem” na cadeia. Enfim, encarna o mal, na medida em que suas ações e comportamentos prejudicam os cidadãos, causando medo e sofrimento por onde passa.

Já em relação ao papel social que ocupam na sociedade, percebemos que o bandido tem uma função negativa (uma disfunção), na medida em que vai contra o funcionamento da sociedade, prejudica seu desenvolvimento. Assim, para o programa, o bandido tem que ser tirado do convívio social. Laudívio Carvalho pede que ele seja derrubado, guardado, punido. Sendo a punição uma só: a cadeia, uma cana arrumada, ou seja, uma longa pena. Afinal, esse é o lema do *Itatiaia Patrulha*: “Tolerância zero. Lugar de bandido é na cadeia”.

Se o bandido aparece no *Itatiaia Patrulha* de forma individualizada, personificada em um ou mais indivíduos, a vítima aparece na maioria dos casos de forma generalizada. Nos casos em que ela foi identificada, seja pelo nome ou ao menos pelo gênero, percebemos que eram principalmente crianças e mulheres, o que não deixa de ser, pelo menos no imaginário do senso comum, papéis associados à ideia de fragilidade. Segundo Martín-Barbero (2001), na matriz melodramática a vítima representa a inocência, a virtude sendo quase sempre mulher. Acreditamos, porém, que hoje a criança se aproximaria mais destas características, na

medida em que há vários movimentos que lutam social e culturalmente para que o papel da mulher seja dissociado da ideia de sexo frágil, indefeso, incapaz.

Percebemos que em relação à vítima, há um investimento do programa para que este papel possa ser assumido não por uma pessoa apenas, mas por toda a sociedade. O radiojornal tenta transformar seus ouvintes em vítimas, fazer com que eles se identifiquem com esse papel. Acreditamos que essa tentativa de vitimizar o público explica o fato do programa não dar nome nem “rosto” as vítimas dos casos abordados, sendo esta uma forma de envolvimento e inserção do ouvinte na narrativa. O que o programa reforça em relação ao papel da vítima é o fato dela ser uma pessoa de bem, mas que tem que enfrentar o sofrimento, o medo, a injustiça. Assim, nosso estudo revela que a grande vítima para o *Itatiaia Patrulha* são os cidadãos de bem, que saem de sua casa, que trabalham e estão, a todo o momento, a mercê da criminalidade. A vítima do *Itatiaia Patrulha* é a amiga dona de casa que deixa o filho viajar sem saber se ele vai voltar para a casa, é o cidadão trabalhador que compra o carro com o muito esforço, mas tem o bem roubado. Concluindo, a vítima é aquela que precisa ser defendida, que tem a segurança ameaçada, é aquela que precisa de proteção, de quem lhe faça justiça, sendo prejudicada pelos atos de outros sejam estes violentos ou não (caso da manifestação dos guardas municipais em que a população foi vítima não porque foi ferida fisicamente, mas por ser impedida de trabalhar, de se locomover livremente pela cidade).

Na medida em que o programa apresenta vítimas e bandidos, ele demanda também o defensor, aquele capaz de punir as ações criminosas. Tanto o papel da vítima quanto o papel do bandido reforçam assim o papel social das forças de segurança, que aparecem quase sempre no *Itatiaia Patrulha* como heróis, responsáveis pela manutenção da segurança, da ordem e da justiça. Percebemos que a polícia, muitas vezes temida nas periferias das grandes cidades, porque marca o cotidiano das comunidades com a violência, aparece no *Itatiaia Patrulha* de forma positiva. O programa reforça o papel institucional da polícia, legitima seu poder coercitivo, apoia as ações policiais, enfatiza seu papel social. O mesmo acontece com os guardas municipais. Na medida em que eles cumprem sua função de combater o crime, de garantir a segurança das pessoas e também preservar o patrimônio público, eles têm o apoio do programa, que inclusive defende que eles portem armas em serviço. O único momento em que as forças de segurança são criticadas pelo programa é quando esse acredita que elas deixaram de cumprir as expectativas sociais por trás de seu papel. A partir do momento que as ações dos guardas municipais, durante as manifestações, provocam desordem e o caos no trânsito da cidade, prejudicando principalmente a população belo-horizontina, os guardas passam a ser criticados pelo programa e convocados a cessar com ações que não condizem

com seu papel (impedir o trânsito, invadir a sede da guarda), e estabelecer diálogo com a prefeitura.

Além das forças de segurança, também o *Itatiaia Patrulha* assume o papel de combater a criminalidade, o papel de justiceiro. Porém, as armas adotadas pelo programa são o microfone e as palavras; por meio deles, o programa sai em defesa da população, cobrando por leis sérias, pelo combate ao crime e denunciando a criminalidade. Além de defensor do cidadão, o programa também assume o papel de juiz, ao emitir condenações e julgamentos a respeito dos casos narrados.

Considerações finais

Nosso estudo sobre o *Itatiaia Patrulha* teve como objetivo central investigar como é feita a construção do bandido e da vítima no programa. Para isso, propusemos-nos a pensar o programa inscrito no universo cultural popular e que diz de representações, papéis e valores que são próprios das classes populares. Ao propor isso, acreditamos que nosso trabalho lança um olhar diferente sobre o jornalismo popular, sendo esta uma das contribuições deste estudo. Ao escolhermos estudar o *Itatiaia Patrulha* pelo viés popular, nos afastamos das duas perspectivas principais pelas quais os produtos populares têm sido estudados. A primeira mostrando em que eles diferem do jornalismo tradicional, e a segunda, fundamentada no pensamento crítico, que parte do conceito de sensacionalismo para apontar os problemas deste tipo de produto.

Ao invés de focar nos problemas e críticas do jornalismo popular, a perspectiva cultural popular chama a atenção para as ambivalências presentes no programa. Partimos do princípio de que o *Itatiaia Patrulha* é popular, na medida em que diz do cotidiano de pessoas comuns, dos problemas que enfrentam, diz de sua linguagem e do modo de vida que lhes são próprios. No entanto, por estar localizado em um terreno de embate, o programa também diz da cultura dominante, de normas e padrões sociais que regem a sociedade. Percebemos este terreno de embate quando lidamos, por exemplo, com os valores presentes no programa. Nosso estudo mostra que o *Itatiaia Patrulha* invoca valores consolidados socialmente como família, trabalho, ordem, justiça, religiosidade e oferece quadros de sentidos dominantes, a respeito destes valores. No entanto, há ambivalências, e elas estão no modo de falar destes valores. A linguagem usada pelo programa os populariza, sendo uma das formas de resistência do programa, um elemento que o localiza dentro da cultura popular.

Além de dizer de valores, representações e comportamentos, a matriz popular também se assumiu como uma importante referência para compreendermos as escolhas do programa, a começar por seus valores notícia: capacidade de entretenimento, proximidade, dramatização das notícias e utilidade. Em relação à capacidade de entretenimento, percebemos que o *Itatiaia Patrulha* busca notícias que despertem o interesse do público, na medida em que têm algo de inesperado, diferente, peculiar. O programa lida principalmente com histórias de interesse humano, fala de pessoas comuns, inserindo-as no papel não só de vítimas e bandidos, como também de heróis. Sobre a proximidade, percebemos que ela se dá de três formas no programa. A primeira pelo conteúdo do fato, ou seja, assim como no melodrama, o

programa diz do cotidiano de seu público, ao escolher como temática principal a segurança pública e fatos de interesse humano. A segunda forma de proximidade é pelos personagens que envolve, ou seja, o programa diz de pessoas ordinárias, e a terceira forma é a linguagem, que revela o compartilhamento de um repertório comum entre o programa e seus ouvintes. Já a dramatização das notícias diz da matriz cultural dramática ao usar recursos narrativos do melodrama, como o apelo aos sentidos e aos dramas dos indivíduos. Por fim, o programa se faz popular também pela utilidade, consolidando-se como uma referência comportamental e cultural, quando instrui seus ouvintes sobre como se defender, como cobrar por seus direitos, e ao ressaltar comportamentos que devem ser adotados. Ele também afirma seu caráter funcional ou prático, atuando não só como prestador de serviços para o público, como também, muitas vezes, como fiscal dos direitos públicos e do cumprimento da lei.

Em relação à construção narrativa dos bandidos e das vítimas, também encontramos fortes referências da matriz melodramática, pois o *Itatiaia Patrulha* contrapõe estes papéis, opondo-os entre o bem e o mal. A vítima é aquela que demanda proteção, que sofre com as injustiças, com as ações do bandido. Ao falar deste papel social, o programa destaca o sofrimento, o medo, a injustiça sofrida. Nos programas analisados, tivemos poucas vítimas identificadas, personalizadas, porém este papel esteve direta ou indiretamente presente em todas as reportagens, pois a grande vítima para o *Itatiaia Patrulha* é a população, a sociedade de modo geral. Assim, a vítima é o cidadão de bem, o trabalhador, a dona de casa. O programa generaliza a vítima de modo que seus ouvintes se insiram na situação narrada e assumam também este papel.

Já em relação ao bandido, este aparece de forma personalizada, encarnado em um ou mais indivíduos. Sendo o bandido aquele que, com suas ações e atitudes, põe em risco a sociedade. O programa o associa sempre a características negativas, como frio, calculista, pernicioso, mau. Percebemos que, por mais que ele seja nomeado como acusado ou suspeito, a narrativa é construída de modo a inseri-lo no papel de bandido, sendo suas falas colocadas em contradição não só durante a entrevista, como também por meio das falas da polícia e do apresentador do programa, Laudívio Carvalho. Assim, há um investimento narrativo do *Itatiaia Patrulha* de modo que os acusados, independente de assumirem-se como culpados ou não, assumam o papel do bandido, enquanto o ouvinte do programa se insira no papel da vítima.

Além do bandido e da vítima, outro papel que se destaca no programa é o do herói, do justiceiro melodramático, assumido principalmente pelas forças de segurança. Em todos os programas analisados, o *Itatiaia Patrulha* se posiciona favorável à atuação das forças de

segurança, desde que essas garantam a segurança da população. O programa legitima seu poder coercitivo e também o uso de armas em nome do bem estar do cidadão, de sua segurança. Notamos ainda a forte presença das forças de segurança como fonte oficial dos fatos. Sua fala é considerada legítima, aparecendo sempre como fonte principal de informação para repórteres e para o apresentador do programa. Quem também assume o papel de justiceiro é o próprio *Itatiaia Patrulha*, pois o programa se posiciona na narrativa como aquele que quer defender a população ao denunciar a criminalidade, ao sair em defesa de seus direitos.

Na medida em que o *Itatiaia Patrulha* diz de bandidos e vítimas, ele oferece também representações acerca da violência. Nosso estudo mostra que o programa alimenta diversas representações sobre a temática, principalmente aquelas relacionadas à criminalidade e a impunidade. No entanto, o que difere o *Itatiaia Patrulha* de outros noticiários é que o programa não responsabiliza nem o poder administrativo do estado, nem as forças de segurança pela criminalidade, mas sim as leis. O programa trata o problema como uma questão nacional, que só será solucionada com a revisão do Código Penal Brasileiro.

Acreditamos que nosso estudo também traz questões importantes para o estudo do rádio, na medida em que oferece outras perspectivas de pesquisa. Ao estudar o *Itatiaia Patrulha* buscamos compreender não só suas características e linguagem, como também as relações estabelecidas ali e o que elas dizem do radiojornal enquanto produto cultural. Percebemos o *Itatiaia Patrulha* como um terreno rico de interações, que acontecem não só no momento da entrevista, como também em todo o programa, quando Carvalho dialoga com repórteres e ouvintes. Por mais que o ouvinte não fale no *Itatiaia Patrulha*, não faça participações diretas no programa, ainda sim, ele é chamado a se expressar por meio de suas sensações, das emoções que o programa o chama a experimentar.

Por fim, ressaltamos que nosso estudo do *Itatiaia Patrulha* contribui para os estudos da performance, na medida em que demonstra a possibilidade da análise dos sujeitos em interação sem necessariamente ter acesso à performance do corpo. Não conseguimos observar o rosto dos entrevistados, descrever seus aspectos físicos, sua aparência, suas roupas; no entanto, ganhamos outros elementos de análise, onde nos importava não só o que era dito, como também a forma de dizer. Sem acesso ao corpo, observamos a performance da voz e com ela ganhamos novos fatores de análise: o tom da voz, suas nuances, a escolha das palavras. Além disso, o rádio também nos revelou novas formas de ver cenários, nos deu contextos e até mesmo expressões faciais.

Referências

- ALMEIDA, Roberto. A performance dos públicos midiáticos e a constituição social de valores: o caso Alberto Cowboy em *Big Brother Brasil 7*. In: FRANÇA, Vera; CÔRREA, Laura (orgs). **Mídia, instituições e valores**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- AMARAL, Márcia Franz. Esgarçamento e alinhavos na abordagem do popular na imprensa. In: SILVEIRA, Ada Cristina M. (org). **Jornalismo além da notícia**. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2003.
- AMARAL, Márcia Franz. **Jornalismo popular**. São Paulo: Contexto, 2006.
- ANGRIMANI, Danilo. **Espreme que sai sangue**. Rio de Janeiro: Summus, 1995.
- BALSEBRE, Armand. A linguagem radiofônica. In: MEDITSCH, Eduardo (org). **Teorias do Rádio**: textos e contextos. Florianópolis: Insular, 2005.
- BAKHTIN, Mikhail. Apresentação do problema. In: _____. **A cultura popular na idade média e no renascimento**: o contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec; Brasília: Edunb, 2008.
- BATESON, Gregory. Uma teoria sobre brincadeira e fantasia. In: RIBEIRO, Branca Teles. GARCEZ, Pedro M. **Sociolinguística interacional**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- CAMPELLO, Alexandre de A. **Novo olhar sobre os telejornais policiais**: interação pelo formato. Dissertação. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. UFMG, 2008.
- CARLSON, Marvin. O que é performance? In: _____. **Performance**: uma introdução crítica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- CARVALHO, André (coord). **Manual de jornalismo em rádio**. Belo Horizonte: Armazém de Ideias, 1998.
- CHARTIER, Roger. Leituras “populares”. In: _____. **Formas e sentido, cultura escrita**: entre distinção e apropriação. Campinas: ALB: Mercado de Letras, 2003. 167 p.
- COSTA, Maria Tereza. **A justiça em ondas médias**: O programa Gil Gomes. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.
- DIAS, Ana Rosa Ferreira. O jornalismo popular e a representação da violência. In: _____. **O discurso da violência**: as marcas da oralidade no jornalismo popular. São Paulo: EDUC/Cortez, 1996.
- DEWEY, John. Teoria da valoração. In: CUNHA, Marcus Vinicius; CIANFLONE, Ana Raquel Lucato; ANDRADE, Erika Natacha Fernandes (Orgs). **A valoração nas ciências humanas**. Campinas: Autores Associados, 2009
- ENNE, Ana Lucia S. **O sensacionalismo como processo cultural**. XVI Encontro da Compós. Curitiba, 2007.

FECHINE, Yvana. **Performance dos apresentadores dos telejornais**: a construção do éthos. Revista FAMECOS, nº 36. Porto Alegre, 2008

FISCHER, Michael M. J. A cultura e a análise cultural como sistemas experimentais. In: _____. **Futuros Antropológicos**: redefinindo a cultura na era tecnológica. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. p. 19-72.

FRANÇA, Vera V. **Contribuições de G.H. MEAD para pensar a comunicação**. XVI COMPÓS: Curitiba/PR, 2007. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_219.pdf>. Acesso em 24 de julho de 2012.

_____. **Programas "populares" na TV**: desafios metodológicos e conceituais. XIII COMPÓS: São Bernardo do Campo/SP, 2004.

_____. Representações, mediações e práticas sociais. In: PEREIRA, Miguel; GOMES, Renato Cordeiro; FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain de. **Comunicação, representação e práticas sociais**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2004.

GOFFMAN, Erving. A ordem social e a interação. In: _____. **Os Momentos e os Seus Homens**. Lisboa: Relógio. D'Água, 1999

_____. Footing. In: RIBEIRO, Branca Teles. GARCEZ, Pedro M. **Sociolinguística interacional**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

_____. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1975.

GOMES, Itania Maria Mota. **O infotainment na televisão**. IN: XVIII Compós. Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1154.pdf>. Acesso em 23 de nov. de 2011

HALL, Stuart. Estudos Culturais: dois paradigmas. In: _____. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

_____. Notas sobre a desconstrução do popular. In: _____. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

_____. Para Allon White: Metáforas de transformação. In: _____. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

JUNG, Milton. **Jornalismo de rádio**. São Paulo: Contexto, 2004.

LANA, Lígia Campos de Cerqueira. **Telejornalismo dramático e vida cotidiana**. Dissertação. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. UFMG, 2007.

LEAL, Bruno. Saber das narrativas: narrar. In: GUIMARÃES, César; FRANÇA, Vera (orgs.). **Na mídia, na rua**: narrativas do cotidiano. Belo Horizonte: Autêntica, 2006

MARCONDES FILHO, Ciro. Jornalismo e esferas de poder: conflitos e arranjos. In: _____. **O capital da notícia: jornalismo como produção social da segunda natureza**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. Melodrama: o grande espetáculo popular. In: _____. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista: o diálogo possível**. São Paulo: Editora Ática, 1990.

MENEZES, José Eugênio de Oliveira. **Rádio e cidade: vínculos sonoros**. São Paulo: Annablume, 2007.

MICHAUD, Yves. **A violência**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

MONTORO, Tânia Siqueira. **Imagens de violência: construções e representações**. XII COMPÓS. Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação: Recife, 2003.

NETO, A.F; CASTRO, P.C; LUCAS, R.J.L. Mídia-tribunal. A construção discursiva da violência: o caso do Rio de Janeiro. **Comunicação e política**. Rio de Janeiro: Cebela, vol. 1, n. 2, Dez. 1994- Mar. 1995.

NUNES, Mônica Rebecca Ferrari. **O mito no rádio: a voz e os signos de renovação periódica**. 3. ed. São Paulo: Annablume, 1999

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A informação no rádio: Os grupos de poder e a determinação dos conteúdos**. 2. ed. São Paulo: Summus, 1985

PACHECO, Alex Rômulo. **Jornalismo policial responsável**. 2005. Disponível em: <<http://chile.unisinos.br/pag/pacheco-alex-jornalismo-policial-responsavel.pdf>>. Acesso em 10 de julho de 2013.

PESSOA, Sônia Caldas. Interação face a face nas ondas do rádio. In: Prata, Nair (org). **O rádio entre as montanhas: histórias, teorias e afetos da radiofonia mineira**. Belo Horizonte: Fundac, 2010.

PRADO, Magaly. **História do Rádio no Brasil**. São Paulo: Editora Da Boa Prosa, 2012.

PRATA, Nair. História do Rádio em Minas Gerais. In: HAUSSEN, Doris Fagundes. CUNHA, Mágda (orgs). **Rádio Brasileiro: episódios e personagens**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

_____. Panorama do Rádio em Belo Horizonte. In: _____. **O rádio entre as montanhas: histórias, teorias e afetos da radiofonia mineira**. Belo Horizonte: Fundac, 2010.

_____. **Rádio Itatiaia: 60 anos de jornalismo**. VIII Encontro Nacional de História da Mídia. Ouro Preto: 2011. Disponível em <<http://paginas.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/8o-encontro-2011->

1/artigos/Radio%20Atalaia%2060%20anos%20de%20jornalismo.pdf/view> . Acesso em 10 de julho de 2013.

PONTE, C. **Para entender as notícias:** linhas de análise do discurso jornalístico. Florianópolis: Insular, 2005.

PORTO, Maria Stela Grossi. Mídia, segurança pública e representações sociais. **Tempo Social**, Revista de Sociologia da USP. São Paulo: USP, v. 21, n. 2, p. 211-233, nov. 2009.

RAMOS, S. PAIVA, A. **Mídia e violência:** tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007.

RONDELLI, Elizabeth. Media, representações sociais da violência, da criminalidade e ações políticas. **Comunicação e política**. Rio de Janeiro: Cebela, vol. 1, n. 2, Dez. 1994- Mar. 1995.

_____. Dez observações sobre mídia e violência. **Comunicação & Educação**. São Paulo: v. 7, p. 34 - 37, set./dez. 1996

_____. Imagens da violência: práticas discursivas. **Tempo Social** - Revista de Sociologia da USP. São Paulo: USP, vol. 10, n. 2, p. 145-157, out. 1998.

SANTOS, Maria Cláudia. O local e o global na Rádio Itatiaia. In: Prata, Nair (org). **O rádio entre as montanhas:** histórias, teorias e afetos da radiofonia mineira. Belo Horizonte: Fundac, 2010.

SCHECHNER, Richard. **O que é performance?** Trad. Dandara. Rio de Janeiro. Revista de teatro: O Percevejo, UNIRIO, Ano 11, nº 12, 2003.

SILVA, Júlia Lúcia de Oliveira Albano. **Rádio:** Oralidade mediatizada: o spot e os elementos da linguagem radiofônica. São Paulo:Annablume, 1999.

SILVEIRA, Cyro César. **Rádio:** a mídia da emoção. São Paulo: Summus, 2005.

TONDATO, Marcia Perencin. Violência na mídia ou violência na sociedade? A leitura da violência na mídia. **Revista FAMECOS**. Porto Alegre: nº 32, quadrimestral, abril de 2007.

VIANNA, Graziela Valadares Gomes de Mello. **Jingles e spots:** a moda nas ondas do rádio. Belo Horizonte: Newton Paiva, 2004.

WAIZBORT, Leopold (org). Elias e Simmel. In: _____. **Dossiê Nobert Elias**. São Paulo: Edusp, 2001

WILLIAMS, Raymond. Introdução. In: _____. **Cultura e sociedade:** de Coleridge a Orwell. Petrópolis: Vozes, 2011.

_____. Cultura. In: _____. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. São Paulo: EDUC, 2000.